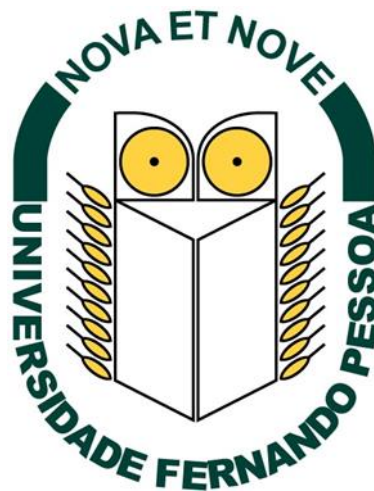


Inês Mariana Marmelo Pinheiro

Pedido de Ajuda em Vítimas de Violência no Namoro

Das barreiras, motivações e fontes de revelação



Universidade Fernando Pessoa

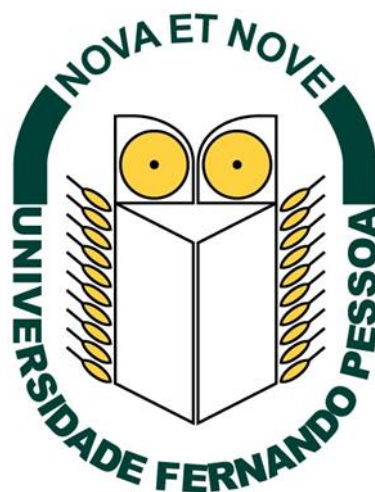
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Porto, 2018

Inês Mariana Marmelo Pinheiro

Pedidos de Ajuda em Vítimas de Violência no Namoro

Das barreiras, motivações e fontes de revelação



Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Porto, 2018

Inês Mariana Marmelo Pinheiro

Pedidos de Ajuda em Vítimas de Violência no Namoro

Das barreiras, motivações e fontes de revelação

Inês Mariana Marmelo Pinheiro

Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestrado em Criminologia, sob a orientação da Professora Doutora Sónia Caridade.

Resumo

A investigação internacional e nacional na área da violência nas relações de namoro tem experimentado um crescimento notável durante os últimos anos. Contudo, tem-se ignorado o estudo do pedido de ajuda das vítimas desta problemática. A presente dissertação de mestrado procura dar um contributo neste sentido, estando dividida em dois artigos científicos. O primeiro artigo retrata uma revisão sistemática da literatura onde foram analisados 19 artigos com enfoque nas barreiras para revelação das vítimas, nas fontes de revelação informais e formais e na avaliação das vítimas relativamente a estas fontes. Assim, verificou-se que o número de artigos em que as vítimas privilegiaram o pedido de ajuda foi superior aos artigos em que as vítimas reportaram uma não revelação. Quando existe efetivamente um pedido de ajuda os jovens tendem a revelar a violência junto de fontes informais, destacando-se a preferência pelos amigos. As raparigas têm maior propensão a revelar a situação abusiva e a oferecer ajuda em comparação aos rapazes. O segundo artigo versa sobre um estudo empírico, de carácter qualitativo, com 13 vítimas de violência no namoro com a finalidade de compreender os fatores inerentes ao pedido de ajuda e os que interferem com a revelação da situação abusiva junto das fontes formais e informais. Os participantes identificaram várias barreiras para procurar ajuda (e.g., ameaças, medo de perder o parceiro, sentimento de vergonha, não reconhecer o abuso); as vítimas tendem a procurar ajuda mais informal (e.g., familiares, amigos, irmãos) em vez de ajuda formal (e.g., órgãos de polícia criminal, professores, profissionais de saúde); a preferência por uma fonte informal para ajudar é justificada pela maior disponibilidade, pelo facto de algumas fontes conhecerem e testemunharem a violência no namoro e pela maior consciencialização da situação; os participantes também identificaram uma série de reações sociais, a maioria das quais foi interpretada pelas vítimas como uma reação social positiva (e.g., apoio emocional, pedido de ajuda formal). Em conclusão, os esforços para prevenir ou intervir na VN devem reforçar a necessidade de aumentar o comportamento de pedidos de ajuda por parte das vítimas deste tipo de abuso, bem como divulgar juntos dos jovens os diversos serviços formais existentes de modo a ser providenciado um melhor tratamento e acompanhamento à vítima de VN.

Palavras-Chave: Violência no Namoro, Jovens, Pedido de Ajuda, Revelação, Vítimas.

Abstract

Both national and international academic research regarding the subject of relationship violence has seen a great increase in recent years. However, the specific subject of help seeking in regard to the victims has been largely neglected. This dissertation tries to make a contribution in this sense, being divided in two scientific articles. The first article presents a systematic review of the literature in which 19 articles were analyzed focusing on the barriers to disclosure of victims, informal and formal sources of information, and the evaluation of victims regarding these sources. Thus, it was found that the number of articles that were victims of aid applications was higher than the articles in which the victims reported a search for aid. Questions are available to help young people tend to turn up at informational sources, becoming a preference for friends. As boys are more likely to reveal an abusive situation and help compared to boys. The second article is about a qualitative empirical study with 13 victims of dating violence, with the purpose of understanding the data related to the request for help and the problems with revealing the abusive situation with formal and informal sources. In terms of outcomes, participants identified several barriers for seeking help (i.e., threats, fear of losing partner, feeling of shame, not recognizing abuse); victims tend to seek more informal help (i.e., family, friends, siblings) rather than formal help (i.e., police, teachers, health professionals); the preference for an informal source to help is justified by the greater availability, the fact that some sources know and witness dating violence and the greater awareness of the situation; participants also identified a number of social reactions, most of which were interpreted by the victims as a positive social reaction (i.e., emotional support, seeking formal help). In conclusion, efforts to prevent or intervene in DV relationships should reinforce the need to increase the seeking help behavior of DV victims as well as disseminate together the various formal services available to young people so as to provide better treatment and follow-up for the victim of dating violence.

Keywords: Dating Violence, Youth, Help Seeking, Evidence Assessment, Victims.

Agradecimentos

O percurso que culmina com a concretização de um trabalho desta natureza é longo, com ânimos e desânimos, pelo que todo o apoio, compreensão e colaboração ao longo do caminho foram inestimáveis, aos quais estarei eternamente grata.

Começo por agradecer à Professora Doutora Sónia Caridade, pela sua orientação, total apoio e disponibilidade e pelo saber que transmitiu ao longo destes cinco anos como professora e orientadora. Agradeço as palavras de incentivo e motivação, a paciência, mas também as críticas construtivas que me ajudaram a melhorar durante este percurso, destacando que sem a orientadora nada seria possível.

Aos meus pais e irmão por todo o amor e carinho incondicional, por todo o apoio e motivação em momentos de maior ansiedade, por serem um exemplo a seguir de luta e sucesso e por acreditarem sempre que era capaz de carregar mil montanhas e tornar-me vitoriosa. Obrigada por todo o orgulho que sentem por mim. Espero ter conseguido alcançar, e se possível superar, as vossas expectativas e ser um motivo de orgulho para vós.

Ao meu namorado e aos meus amigos, pelo amor e amizade, pela paciência e pelo companheirismo. Agradeço a compreensão, apoio e motivação demonstrada nos momentos mais difíceis, por me fazerem acreditar que quando nos esforçamos e lutamos por aquilo que queremos tudo é possível.

A todos os meus familiares e colegas que de alguma forma contribuíram para a realização deste sonho, dando sempre a força necessária para o concluir com o maior êxito.

Por fim, a todos os participantes do estudo empírico por me terem deixado conhecer uma fase tão íntima e dolorosa das suas vidas. Obrigada pela disponibilidade, pela confiança e acima de tudo pelo desejo que têm em querer alertar outras vítimas de violência de namoro através deste estudo.

Os meus sinceros agradecimentos.

“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.”

Ricardo Reis, *in Odes*

Índice

Resumo	i
Abstract.....	ii
Agradecimentos	iii
Índice de Figuras.....	vii
Índice de Tabelas	vii
Lista de acrónimos	viii
I. Introdução geral.....	1
PARTE A - Pedido de ajuda em vítimas de violência no namoro: Revisão sistemática da literatura	
Resumo	5
Abstract.....	6
1. Introdução.....	7
2. Método.....	8
3. Resultados.....	11
3.1. Caraterísticas amostrais.....	18
3.2. Contextos de recrutamento e processo de amostragem.....	19
3.3. Metodologia utilizada.....	19
3.4. Pedido de ajuda das vítimas de violência no namoro.....	21
3.4.1. Barreiras para a denúncia da violência	23
3.4.2. Fontes de divulgação formal e informal	25
3.5. Resposta ao pedido de ajuda e eficácia	27
4. Discussão de resultados e conclusões.....	30
Referências.....	34
PARTE B - Pedido de ajuda em vítimas de violência no namoro: Estudo empírico	
Resumo	39
Abstract.....	40
1. Introdução.....	41
2. Objetivos.....	43
3. Metodologia.....	44
3.1. Participantes	45
3.2. Procedimentos	47
3.2.1. Autorizações e declarações de consentimento informado	47

3.2.2.	Recolha de dados através dos instrumentos.....	48
3.3.	Instrumentos.....	48
3.3.1.	Questionário Sociodemográfico	48
3.3.2.	Entrevista individual.....	49
3.4.	Análise dos dados.....	50
4.	Resultados.....	51
4.1.	Definição n(amor)o ideal	51
4.2.	Dinâmicas abusivas no namoro.....	52
4.3.	Caraterização da relação abusiva	55
4.4.	Permanência na relação violenta.....	56
4.5.	Revelação da situação de VN.....	60
4.6.	Eficácia do pedido de ajuda em VN.....	66
5.	Discussão dos resultados	69
6.	Conclusão	74
	Referências.....	77
	Conclusão geral.....	84
	Referências gerais	86
	Anexos	89
	Anexo A – Avaliação da qualidade dos artigos pela investigadora A e pela investigadora B.....	90
	Anexo B - Aprovação pela Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa	92
	Anexo C - Questionário Sociodemográfico	93
	Anexo D – Declaração de Consentimento Informado para os Jovens Maiores de idade	94
	Anexo E – Declaração de Assentimento para Participação dos Menores de Idade	96
	Anexo F – Declaração de Consentimento Informado para os Responsáveis Legais	98
	Anexo G – Guião de Entrevista Individual	100

Índice de Figuras

PARTE A - Pedido de ajuda em vítimas de violência no namoro: Revisão sistemática da literatura

Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção dos artigos para revisão sistemática da literatura.....	10
--	----

Índice de Tabelas

PARTE A - Pedido de ajuda em vítimas de violência no namoro: Revisão sistemática da literatura

Tabela 1 - Síntese dos estudos considerados na revisão sistemática.....	12
Tabela 2 - Síntese do estudo considerado na revisão sistemática através de follow-up.....	17

PARTE B - Pedido de ajuda em vítimas de violência no namoro: Estudo empírico

Tabela 1 - Dados sociodemográficos das vítimas inquiridas.....	46
Tabela 2 - Definição de n(amor)o ideal.....	52
Tabela 3 - Dinâmicas abusivas no namoro.....	54
Tabela 4 - Caracterização da relação abusiva.....	56
Tabela 5 - Motivos para permanência na relação abusiva.....	58
Tabela 6 - Motivos para o não pedido de ajuda pelas vítimas.....	59
Tabela 7 - Permanência na relação abusiva.....	60
Tabela 8 - Fontes informais e fontes formais a quem as vítimas solicitaram ajuda.....	62
Tabela 9 - Revelação da situação de VN.....	65
Tabela 10 - Eficácia do pedido de ajuda em VN.....	69

Lista de acrónimos

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

CADRI – *Conflict in Adolescent. Dating Relationships Inventory* (Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes)

CTS – *Conflict Tactics Scales* (Escala Tática de Conflitos)

CTS-R - *The Revised Conflict Tactics Scales* (Escala Tática de Conflitos Revisada)

D.P. – Desvio-padrão

LGBT – Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero

M - Média

MCTS – *Modified Conflict Tactics Scale* (Escala Tática de Conflito Modificada)

OPC – órgãos de polícia criminal

RASI – Relatório Anual de Segurança Interna

VN – Violência no namoro

UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta

I. Introdução geral

A violência nas relações de intimidade é um problema global grave de saúde pública amplamente desvalorizado, que afeta uma proporção considerável da população, apresentando-se com uma violência de género, uma vez que a maioria das vítimas que a sofrem são mulheres e a maior parte dos agressores são homens (Organização Mundial de Saúde, 2005; Organização Mundial de Saúde, 2012).

O fenómeno da violência no namoro não é uma problemática recente, contudo, em Portugal, somente a partir do início da década de 90 se começou a verificar uma maior consciencialização sobre a gravidade e dimensão da violência no namoro (Caridade & Machado, 2006). A literatura científica que se ocupou do estudo desta problemática focou-se primordialmente em formas mais tradicionais e formais de relacionamento como o casamento e a união de facto, dando pouca visibilidade às relações de namoro. Este atraso na produção de conhecimentos científicos desta problemática deveu-se à pouca padronização da enunciação do conceito de violência no namoro e a sua operacionalização, à necessidade de consentimento dos pais dos jovens em estudo e à inexistência (na altura) de um estatuto legal e autónomo alusivo a este tipo de violência fora dos contextos maritais (Caridade & Machado, 2013).

Inicialmente a violência nas relações de namoro era definida unicamente como o exercício de força física, no entanto atualmente é reconhecida como um conjunto de abusos que vão desde a violência verbal e emocional, até à violência sexual ou até mesmo ao homicídio (Hickman, Jaycox, & Aronoff, 2004). Atualmente, na legislação portuguesa, a violência no namoro integra o quadro legal da Violência Doméstica, como um crime público, na alínea b) do número 1 do artigo 152.º, conforme se pode verificar:

“Quem, de modo reiterado ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais a pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro ou uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação.”

É punido com a pena de prisão de um a cinco anos, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal.

Não obstante, a noção de violência no namoro tende a diferir de autor para autor, o que se pode traduzir numa discrepância de dados em termos da sua prevalência (Arriaga & Oskamp, 1999).

Tanto a nível internacional como a nível nacional, são inúmeros os estudos que evidenciam percentagens significativas de vitimização e agressão nas relações de namoro juvenis, sendo a violência psicológica a mais subjetiva, mas também a mais reportada. Segundo o apurado por Gonzalez-Guarda, Ferranti, Halstead e Iliá (2016) um em cada dez jovens terão sido vítimas de violência no namoro. Nesta premissa, a violência nas relações de intimidade é um problema de enorme relevância, devido não apenas à sua alarmante prevalência, mas também porque ocorre numa fase onde os relacionamentos amorosos estão a iniciar e os padrões interrelacionais estão a ser aprendidos, podendo estender-se para a fase adulta (Caridade & Machado, 2013; Prothrow-Stith & Weissman, 1991). A acrescer a isto, Matos (2000) refere que a violência no namoro pode surgir como preditor da violência conjugal.

Gonçalves (2010) refere que apesar dos jovens não aceitarem a ocorrência de violência no namoro, muitos consideram aceitável ou normal em algumas situações. Os rapazes tendem a justificar a violência exercida pelas raparigas, por considerarem importante preservar a privacidade da relação e minoram a pequena violência (Machado, Matos, & Moreira, 2003), enquanto as raparigas parecem confundir ciúme e controlo com amor, banalizando a violência sofrida (Wolfe, Wekerle, & Scott, 1997).

Muita da literatura científica a respeito do pedido de ajuda em vítimas de violência no namoro demonstra uma clara tendência para a não denúncia dos comportamentos abusivos. Os motivos de não pedido de ajuda mais reportados são a vergonha e o facto de considerarem o ato abusivo como uma situação não gravosa (Edward, Dardis, & Gidycz, 2011; Santos, 2013). No entanto, quando existe divulgação dos abusos, os jovens optam por fontes de revelação mais informais (e.g., amigos) (Lopes, Njaine, & Soares, 2013; Sabina & Ho, 2014; Santos, 2013).

Os estudos sobre a violência nas relações de namoro têm-se centrado sobretudo na determinação da prevalência, do impacto e em estimar as consequências que este tipo de abuso acarreta para os jovens vítimas. Tem sido, deste modo, menosprezado a análise do pedido de ajuda em situações de violência nos relacionamentos (Fry, Messinger,

Rickert, O'Connor, Palmetto, Lessel, & Davidson, 2014). Além disso, os estudos que procuram estudar o pedido de ajuda focam-se primordialmente em vítimas exclusivamente do sexo feminino e/ou vítimas de violência conjugal (Ashley & Foshee, 2005).

Neste sentido e com intuito de preencher esta lacuna acerca do pedido de ajuda em situações de violência no namoro, surge a necessidade de realizar não só um estudo empírico, mas também uma revisão sistemática de literatura científica convergente neste fenómeno. O presente trabalho é, assim, constituído por dois artigos principais. No primeiro artigo será apresentada uma revisão sistemática de literatura referente ao pedido de ajuda por parte das vítimas de violência no namoro, onde será analisada a dimensão da divulgação, bem como todos os resultados obtidos nos artigos selecionados e uma discussão final. No segundo artigo apresentar-se-á um estudo empírico acerca do fenómeno, com recurso a uma amostra clínica de vítimas de violência nas relações de namoro, cujo objetivo será procurar estudar, como é que os jovens percecionam a violência íntima e as suas dinâmicas, procurando identificar e compreender os fatores inerentes ao pedido de ajuda e os que impedem a revelação da situação da situação abusiva. Em suma, torna-se bastante pertinente a realização desta investigação, uma vez que permite perceber qual a dimensão de pedido de ajuda em vítimas de violência no namoro, como também por forma a identificar e prevenir este tipo de casos, diligenciando um futuro mais promissor através do trabalho precoce acerca dos estereótipos de género presentes na sociedade atual e numa fase mais avançada trabalhar com as possíveis fontes de revelação para estas procederem corretamente com a vítima.

**PARTE A - Pedido de ajuda em vítimas de violência no
namoro: Revisão sistemática da literatura**

Resumo

A experiência de violência no âmbito das relações de namoro nem sempre é seguida de um pedido de ajuda, sendo que frequentemente a vítima opta por não divulgar a agressão, movida pela existência de múltiplas barreiras culturais e sociais. A presente revisão sistemática da literatura procura sistematizar o conhecimento em matéria de pedido de ajuda em adolescentes e jovens adultos (12 a 35 anos) que experienciam violência no namoro. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Violência no Namoro, Jovens, Pedido e Vítimas, nas línguas inglesa, espanhola e portuguesa e nas combinações *e/ou – and/or*. Da pesquisa realizada foram recolhidos um total de 19 artigos empíricos, todos os artigos foram avaliados seguindo a qualidade e cientificidade, por meio da *checklist The PRISMA Statement*. Como resultados, as vítimas reportaram a preferência de fontes de revelação informais, privilegiando os amigos de forma unânime em todos os estudos. As vítimas do sexo feminino demonstraram uma clara tendência para a revelação da violência e como espectadoras oferecem mais ajuda em comparação aos homens. Nesta revisão sistemática foi, ainda, possível identificar as principais barreiras relatadas pelos jovens no acesso a fontes de revelação (e.g., legitimação da violência, sentimento exacerbado, medo de perder o parceiro, vergonha e autossuficiência para resolver a situação). Em conclusão, a instrução dos jovens acerca dos limites entre comportamentos normativos e não-normativos numa relação de namoro é deveras necessária para que deste modo, os jovens não legitimem as agressões de violência no namoro e por conseguinte procurem ajuda.

Palavras-chave: Violência no Namoro, Jovens, Pedido de ajuda, Vítimas, Revisão sistemática

Abstract

The experience of violence when concerning relationships is not always followed by a call for help, as usually the victim chooses not to disclose the aggression due to many cultural and social barriers. The present systematic revision seeks to systematize the knowledge on the subject of call for help in teenagers and young adults (12 to 35 years old) that experience dating violence. The following key words were used: dating violence, youth, call for help and victims in english, spanish and portuguese, on the combinations and/or. From the conducted research a total of nineteen empirical articles were collected, all articles were evaluated followed the quality and scientific, through the checklist The PRISMA Statement. As a result, victims reported preference for informal sources of disclosure, favoring friends unanimously in all studies. Female victims have shown a clear tendency to reveal violence and as spectators offer more help compared to men. In this systematic review, it was also possible to identify the main barriers reported by young people in accessing sources of disclosure (eg, legitimacy of violence, feeling exacerbated, fear of losing their partner, shame and self-sufficiency to solve the situation). In conclusion, an instruction about appointments about people who refer to violent and violent aggressions is not worthy of being known as aggressive dating violence and therefore seeking help.

Keywords: Dating violence, Young, Help seeking, Victims, Systematic review

1. Introdução

A violência no namoro consiste num ato de violência, pontual ou contínua, cometida por um dos parceiros (ou por ambos) numa relação de namoro, com o objetivo de controlar, dominar e ter mais poder do que outra pessoa envolvida na relação (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 2011). Moore, Sargenton, Ferranti, Gonzalez-Guarda (2015) acrescentam expondo que a violência no namoro é praticada em indivíduos que estão, ou estiveram, intimamente ou romanticamente envolvidos um com o outro.

A adolescência é um período em que se iniciam as relações de namoro, mas também é nesta fase que surgem os primeiros padrões de violência na intimidade. Os adolescentes podem ser confrontados com situações relacionais inesperadas, pautadas por comportamentos violentos e outras formas de coerção, face aos quais poderão ser levados a adotar uma postura de legitimação, percecionando tais atos como uma manifestação de amor e/ ou ciúme (Caridade & Machado, 2006). A violência nas relações de intimidade poderá ter início na pré-adolescência e prolongar-se até à idade adulta (Caridade, 2011).

Trata-se, pois de um grave problema de saúde pública, considerando que muitas vítimas de violência no namoro têm mais probabilidades de sofrer de sequelas ao nível da saúde física, psicológica e social (e.g., lesões, abuso de substâncias, depressão, isolamento social, infeções sexualmente transmissíveis, gravidezes não desejadas e baixo desempenho escolar) do que jovens que não vivenciam conflitos nos seus relacionamentos íntimos (Centers for Disease Control and Prevention, 2012; Dixe, Rodrigues, Freire, Rodrigues, Fernandes, & Dias, 2010). O tema da violência no namoro é delicado e muitas das vítimas tendem a não denunciar a ofensa ou a pedir ajuda (Soares, Lopes, & Njaires, 2013). Este facto coloca a vítima num maior risco de uma nova vitimização e de sofrer os efeitos negativos associados à violência no namoro (Caridade, 2018). Efetivamente, tem sido sustentado que as consequências decorrentes da experiência de violência íntima poderão ser minoradas a partir do momento em que os/as jovens/adolescentes encetam o pedido de ajuda (Caridade, 2018). Quando a divulgação ou o pedido de ajuda é efetivamente levado a cabo, verifica-se que a divulgação informal (e.g., amigos, familiares, colegas, vizinhos) é priorizada em relação à divulgação formal (e.g., polícia, instituições de apoio à vítima, professores) (Sabina & Ho, 2014). A este respeito cabe ainda referir que o pedido de apoio formal *versus* informal tem sido alvo de algum debate. Se, por um lado, se considera que o pedido de apoio informal proporciona apoio e suporte emocional, não permite, porém, providenciar a informação necessária, as

competências e os recursos existentes para lidar com esta problemática e eventuais preocupações com a saúde mental das vítimas (Hedge Sianko, & McDonell, 2017). Por outro lado, outros autores (e.g., Whitlock, Wyman, & Moore, 2014) consideram que o pedido de apoio junto de certos contextos sociais (e.g., escola) incrementa a possibilidade de os/as adolescentes procurarem os serviços de apoio, minimizando, deste modo, o risco de suicídio.

A configuração do apoio e suporte social, seja informal ou formal, revela-se fundamental na gestão e cessação das práticas abusivas em que os/as adolescentes/jovens se encontram envolvidos/as e nas consequências/efeitos que possam advir para o seu bem-estar, algo que deverá ser atendido promovido e potenciado nas diferentes políticas de prevenção/intervenção que possam emergir (Caridade, 2018).

Face à documentada importância desta matéria, com a presente revisão sistemática da literatura procurar-se-á sistematizar o conhecimento produzido em matéria de pedido de ajuda por parte dos jovens que experienciaram algum tipo de violência no âmbito das suas relações amorosas. De forma mais concreta pretende-se identificar as principais fontes de revelação eleitas pelos jovens para divulgar a sua experiência abusiva e sua eficácia percebida, bem como as barreiras inerentes ao pedido de ajuda.

2. Método

A pesquisa para efeitos da revisão sistemática foi conduzida nas seguintes bases de dados eletrónicas: *Complementary Index, B-on, Medline, Sage Journal, Scopus e Social Science Citation Index*, entre fevereiro e abril de 2018. Além disso, foi utilizado o critério de *snowballing* como forma de adquirir o máximo de conhecimento possível. A pesquisa incide sobre estudos em língua inglesa, espanhola e portuguesa, não tendo sido restritas datas de publicação. As palavras-chave utilizadas na pesquisa foram *Violência no Namoro, Jovens, Pedido de Ajuda e Vítimas*, usadas nas combinações *e/ou – and/or* e nas línguas já mencionadas.

Os critérios de inclusão definidos para a integração dos estudos na presente revisão foram: os estudos que incluíram nas suas amostras participantes que admitiram estar ou ter estado envolvidos em situações de violência no namoro; (b) estudos que utilizaram métodos qualitativos, quantitativos ou mistos; (c) estudos centrados nos comportamentos efetivos de pedidos de ajuda formal e/ou informal e (d) estudos que identificaram barreiras para divulgação da situação violenta. Neste sentido, os critérios

de exclusão foram: (a) artigos de revisão simples ou sistemática da literatura; (b) estudos que explorassem apenas intenções ou presunções de pedido de ajuda e (c) estudos que investigassem relacionamentos fora do contexto de namoro (e.g., casamento).

A pesquisa permitiu identificar um total de 248 artigos para análise. A primeira fase da análise passou pela revisão do título, onde foram excluídos 73 artigos por não terem relação com o tema, aparecerem em duplicado e estudos que abordaram somente perpetradores de violência no namoro. Os estudos revistos positivamente foram tidos em conta segundo a informação do seu resumo, na qual 150 artigos foram excluídos por não se tratarem de estudos empíricos, por serem estudos focados na violência nas relações familiares e/ou conjugais e por último, pela amostra do estudo não ser constituída por vítimas de violência no namoro. Feita esta análise apenas 26 artigos preencheram os critérios de seleção para revisão numa segunda fase (Cf., Figura 1).

Mediante uma leitura integral dos 26 artigos, chegou-se ao número final de 15 estudos que cumprem todos os critérios pretendidos. Numa terceira fase, procedeu-se à análise das referências bibliográficas dos materiais selecionados, através da técnica de *snowballing*, e identificaram-se 19 estudos relevantes para o tema, no entanto apenas 3 apresentaram-se passíveis de serem integrados nesta revisão sistemática. Neste sentido, chegou-se ao número de 18 artigos que preenchessem todos os critérios de inclusão definidos anteriormente. Na figura 1, demonstra-se como se desenvolveu o processo da seleção dos artigos nas duas fases da revisão sistemática da literatura.

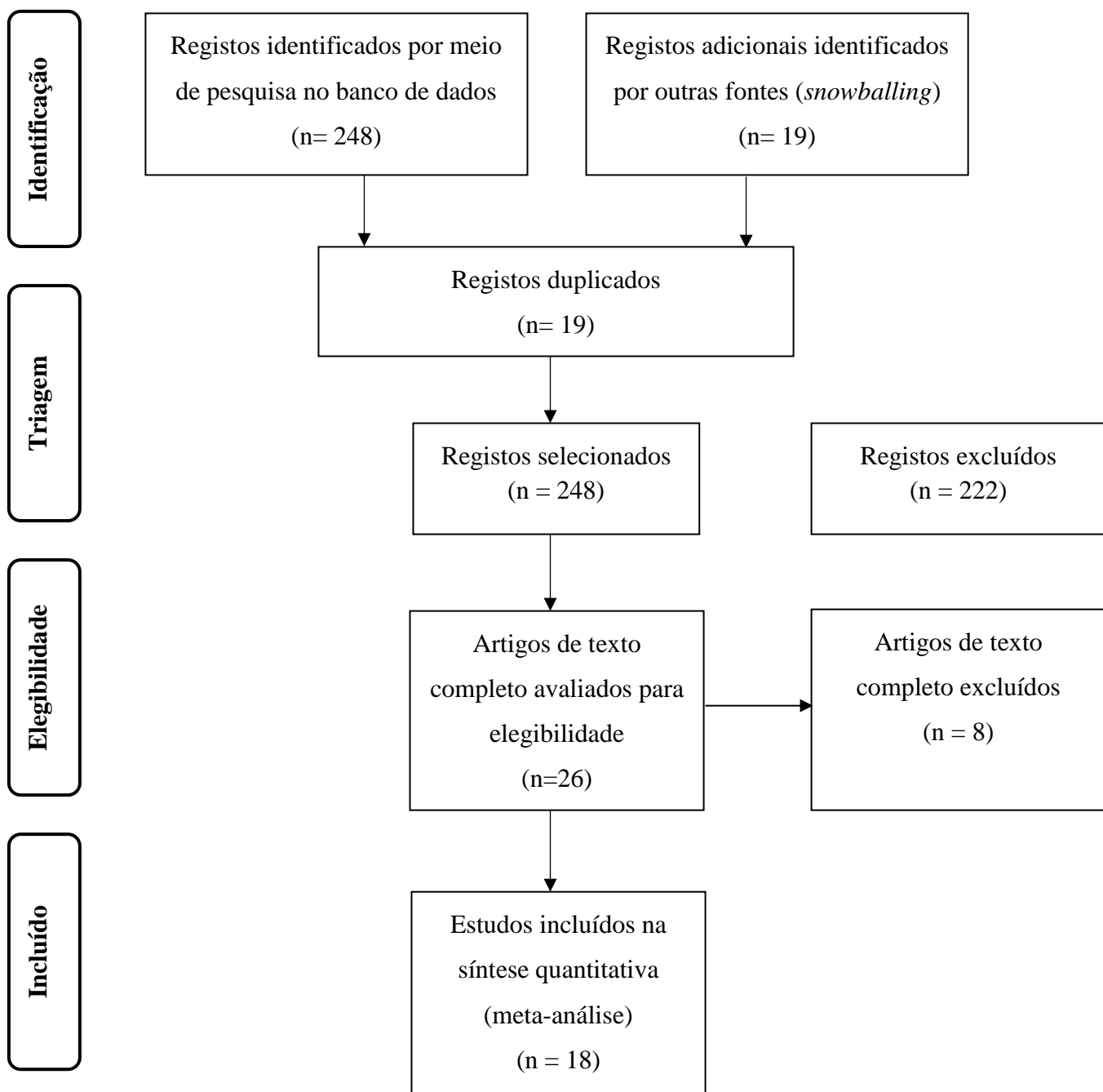


Figura 1

Fluxograma do processo de seleção dos artigos para revisão sistemática da literatura

De modo a autenticar os estudos que devem ou não ser incluídos (de acordo com os critérios inicialmente definidos) na revisão sistemática da literatura, foi utilizada uma versão modificada da *checklist* de qualidade *The PRISMA Statement* (Moher, Liberati, Tetzlaff, & Altman, 2009). Esta *checklist* tem como objetivo apurar a cientificidade dos artigos e é constituída por treze tópicos de análise (título, resumo, introdução (2), métodos

(6), resultados (2) e conclusão). A classificação de cada artigo processa-se através de uma escala de *likert* de zero a dois, onde 0 representa “Não reportado/Não especificado” (O artigo em análise não apresenta informações acerca do item em questão); 1- “Pouco claro/ Relatado” (O item foi mencionado, mas não pormenorizado); 2- “Adequadamente feito” (O item em análise foi mencionado e explicado ao longo do artigo). A avaliação dos artigos é imprescindível para que nesta revisão sistemática sejam incluídos apenas os estudos de qualidade respeitantes ao tema em estudo. Nas tabelas (Anexo A) estão apresentados os resultados da classificação dos 19 artigos, através da escala de likert de zero a dois, das duas investigadoras implicada na realização desta revisão sistemática da literatura. A avaliação de cada artigo pautou-se pelos seguintes tópicos: título, resumo, introdução, métodos, resultados e conclusão.

Posteriormente, a fim de verificar o acordo inter-avaliadores, procedeu-se então, ao cálculo do coeficiente Kappa de Cohen, através do software de análise estatística *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). Após o cálculo deste coeficiente, verificou-se que o valor obtido foi de .75 ($p=.00$), o que representa um grau de concordância moderado/elevado entre as avaliadoras, assim como um nível moderado de confiabilidade.

Uma vez que desde o momento da identificação de artigos ao momento de extração dos mesmos decorreu um espaço temporal considerável (quatro meses), procedeu-se a um *follow up* de identificação de novos artigos, do mesmo modo que da pesquisa dos 18 artigos, com as bases de dados *Complementary Index, B-on, Medline, Sage Journal, Scopus* e *Social Science Citation Index*, as palavras-chave *Violência no Namoro, Jovens, Pedido de Ajuda* e *Vítimas*, nas línguas inglesa, espanhola e portuguesa. Através deste *follow up* identificaram-se seis artigos, no entanto apenas um foi integrado na revisão sistemática por corresponder aos critérios de inclusão supramencionados.

3. Resultados

Os dados dos 18 artigos foram extraídos e constam na tabela 1 e o artigo identificado através de *follow up* consta na tabela 2, que incluem informações sobre o propósito, a amostra, os instrumentos, o *design* e os resultados de cada um dos estudos de pesquisa originais que foram analisados.

Tabela 1

Síntese dos estudos considerados na revisão sistemática.

Autor(es), ano	Objetivos do estudo	Metodologia			Resultados e conclusões
		Amostra	Instrumentos/Materiais	Design	
Mahlstedt & Keeny, 1993	Averiguar como as mulheres vítimas de violência no namoro partilham as suas experiências e descobrir que as pessoas recetoras de informação são úteis	130 mulheres vítimas de violência no namoro Idades compreendidas entre os 18 e 31 anos	Entrevista elaborada para o efeito pelos autores <i>Likert-type</i> (concordo totalmente a discordo totalmente) Questionário adaptado de <i>Social Support Questionnaire</i> (Sarason, Levine, & Basham, 1983)	Misto Amostra por seleção racional	<ul style="list-style-type: none"> • 92% das vítimas divulgou a violência a pelo menos uma pessoa; • Mais frequentemente, as participantes optaram por divulgar a amigos (80%), irmãs (47%) e mães (43%); • 25% divulgou a profissionais, os professores e psicólogos como os mais usuais. 9% procurou ajuda a polícias; • Invasão de privacidade e vergonha mencionadas como principais barreiras à denúncia; • As respostas mais frequentes foram ouvir a vítima (77%) e dar conselhos (51%). Como os menos frequentes, foram banalizar a situação (6%) e tomar decisões pela vítima (5%); • Os professores, amigos e mães vistos como os mais úteis e os pais vistos como os mais inúteis. • As mães e os pais são os que mais pressionam para a vítima terminar a relação, com 20% e 18% respetivamente.
Renzetti, 1988	Caraterizar as dificuldades sentidas pelas vítimas de violência no namoro numa relação homossexual	100 mulheres vítimas de violência no namoro Idades compreendidas entre os 26 e 35 anos	Questionário dividido em 3 secções (1ª secção - Escala Tática de Conflitos Revisada; 2ª secção - Comportamentos de pedido de ajuda e a sua eficácia; 3ª secção - Caraterísticas sociodemográficas da vítima e do agressor)	Quantitativa; Amostra por seleção racional	<ul style="list-style-type: none"> • Alta taxa de divulgação da violência (78%), no entanto, a taxa de manutenção na relação violenta por 1 a 5 anos apresentou-se nos 65%; • 57% das participantes classificaram os abrigos de mulheres, a atuação das polícias e psicólogos como pouco eficazes/competentes.

Jackson, Cram & Seymour, 2000	Investigar a extensão da prevalência da violência no namoro; Identificar as razões da violência, a divulgação e consequências deste comportamento	373 alunos 200 de sexo feminino e 173 de sexo masculino Idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos	Questionários de vitimização e comportamentos de ajuda	Quantitativo; Amostra estratificada	<ul style="list-style-type: none"> • 81.5% dos alunos relataram ter sofrido de violência emocional, sexual e/ou física no namoro; • Clara tendência para a não denúncia em vítimas de violência sexual (46.8% homens e 46.1% raparigas) ou violência física (55.2% mulheres e 45.5% rapazes); • Pedido de ajuda percebido pelos participantes como sendo benéfico.
Watson, Cascardi, Avery-Leaf, & O'Leary, 2001	Identificar as ações de alunos do ensino médio em resposta à agressão física nos relacionamentos de namoro	476 alunos do ensino médio 44% de sexo feminino e 56% de sexo masculino Média de idades de 16.63 anos	Escala Tática de Conflito Modificada; Listas de verificação de resposta da vitimização com 5 categorias	Quantitativo; Amostra estratificada	<ul style="list-style-type: none"> • 45.6% dos inquiridos relataram ter sofrido de violência física na relação amorosa; • Raparigas (57%) mais propensas a denunciar a relação violenta comparativamente com os rapazes (27%); • Taxa de pedido de ajuda informal (43%) superior a pedido de ajuda formal (8%).
Amar & Gennar, 2005	Explorar a violência que ocorre nas experiências de namoro de mulheres universitárias	863 mulheres estudantes universitárias Idades compreendidas entre os 18 e 25 anos	<i>Abuse Assessment Screen</i>	Quantitativo; Amostra estratificada	<ul style="list-style-type: none"> • 48% da amostra foram vítimas de alguma forma de violência no namoro (n=412) e 160 mulheres experimentaram mais do que uma forma de violência; • Os amigos (50%) foram os mais escolhidos pelas vítimas para desabafar, seguido dos familiares (25%); • Em caso de lesões, 40% das mulheres procurou atendimento médico a um profissional de saúde.
Ashley & Foshee, 2005	Compreender a prevalência do pedido de ajuda e identificar as fontes de ajuda utilizadas pelos adolescentes vítimas e agressores de violência no namoro	225 vítimas adolescentes 72% de sexo feminino e 28% do sexo masculino Idades compreendidas entre 14 e 16 anos	Questionários elaborados para o efeito do estudo	Quantitativo; Amostra por seleção racional	<ul style="list-style-type: none"> • Das 225 vítimas de violência, apenas 90 revelaram ter divulgado a experiência abusiva (60%); • A taxa de pedido de ajuda informal (93%) foi superior ao pedido de ajuda formal (40%); • Os amigos surgiram como tendo sido a primeira opção de divulgação (89% dos casos); • 63% dos homens e 34% das raparigas revelaram pedir ajuda formal.
Black, Tolman, Callahan,	Analisar fatores de pedido de ajuda em adolescentes que sofreram de violência no namoro	57 alunos que relataram ser vítimas de violência no namoro	Escala Tática de Conflitos Revisada	Quantitativo; Amostra por seleção racional	<ul style="list-style-type: none"> • A maioria dos alunos (67%) admitiu ter divulgado a violência no namoro;

Saunders, & Weisz, 2008		56% do sexo feminino e 44% do sexo masculino Inseridos do 9º ao 12º ano	Questionário “ <i>Response Options for Survey Questions</i> ” elaborado pelos autores do artigo			<ul style="list-style-type: none"> • 78.1% das raparigas e 52% dos rapazes assumiram ter denunciado o abuso.
Próspero & Vohra-Gupta, 2008	Investigar a relação entre vitimização prévia dos diferentes tipos de violência pelos parceiros íntimos e a probabilidade de utilização de serviços de saúde	200 estudantes universitários 69% do sexo feminino e 31% do sexo masculino Idades compreendidas entre os 18 e 25 anos	Escala Tática de Conflitos Revisada Questionário elaborado para o efeito do estudo	Quantitativo; Amostra estratificada		<ul style="list-style-type: none"> • 86% dos participantes relataram ter experimentado alguma forma de violência nas relações de namoro, sendo a violência psicológica e verbal a mais descrita (82%); • 42% das vítimas inquiridas desabafaram com amigos ou familiares; • A taxa de pedido de ajuda a serviços de saúde mental rondou apenas os 16%; • As principais barreiras para aceder a esses serviços foram: vergonha, despesa financeira e a ineficácia.
Edward, Dardis, & Gidcys, 2011	Examinar a revelação da violência no namoro por parte das mulheres de uma universidade	107 raparigas estudantes universitárias que mantiveram relacionamentos heterossexuais Idade média de 19 anos	Escala Tática de Conflitos Revisada Checklist 3 questões abertas elaboradas para o efeito do estudo	Misto; Amostra por estratificada		<ul style="list-style-type: none"> • 44 das 107 raparigas (41%) relataram ter sofrido de pelo menos uma forma de violência física, sexual e psicológica; • 75% da amostra (n=33) revelou a pelo menos uma fonte a violência sofrida; • Considerar que a violência não era grave o suficiente visto como a principal barreira à divulgação (80%); • As raparigas divulgaram na sua maioria a amigas (73%); • Amigos vistos como os úteis após a divulgação (56%) e como igualmente vistos como os mais inúteis de apoio/ajuda (49%).
Shen, 2011	Avaliar os significados culturais e as barreiras nos comportamentos de pedido de ajuda	10 mulheres que relataram ter sofrido violência no namoro Idades compreendidas entre os 20 e 28 anos	Entrevistas semiestruturadas	Qualitativo; Amostra por seleção racional		<ul style="list-style-type: none"> • 6 mulheres decidiram não divulgar a situação violenta na relação de namoro; • O principal motivo de silêncio foi o facto de não querer importunar os outros, nomeadamente a família; • 3 mulheres consideraram o facto de divulgarem como uma experiência negativa (re-vitimização).

Boladale, Adesanmi, & Olutayo, 2013	Avaliar a prevalência da violência no namoro e dos comportamentos de pedido de ajuda	362 estudantes que relataram ser vítimas de violência no namoro 51.7% de sexo feminino e 48.3% de sexo masculino Idades compreendidas entre os 18 e 35 anos	Escala Tática de Conflitos Revisada Questionário elaborado para o efeito do estudo	Quantitativo; Amostra por seleção racional.	<ul style="list-style-type: none"> • 92.4% dos estudantes revelaram não ter divulgado a situação abusiva; • A ocorrência de violência grave foi apontada como principal motivo para a não divulgação do abuso íntimo (5.3%)
Fry, Messinger, Rickert, O'Connor, Palmetto, Lessel, & Davidson, 2014	Identificar os comportamentos de pedido de ajuda; Perceber como a etnia e a natividade afetam os comportamentos de ajuda	1.312 alunos do secundário 56% de sexo feminino e 44% do sexo masculino Idades compreendidas entre os 14 e 17 anos.	Questionários de vitimização e comportamentos de ajuda elaborados para o efeito do estudo	Quantitativo; Amostra estratificada	<ul style="list-style-type: none"> • 38% dos inquiridos relataram ter sofrido de violência física e/ou sexual na relação de namoro; • 61% dos alunos admitiram ter divulgado a violência no namoro; • 72% dos alunos referiu recorrer a ajuda informal, junto dos amigos; • Abandonar o/a agressor/a era a ação mais sugerida por 80,1% das fontes a quem as vítimas divulgaram.
Sabina Cuevas, & Rodriguez, 2014	Examinar taxas de pedido de ajuda formal e informal de jovens latinos que experimentam violência no namoro; Identificar as razões para não pedir ajuda e possíveis preditores culturais	1.525 adolescentes 50.7% de sexo feminino e 49.3% de sexo masculino Idades compreendidas entre 12 e os 18 anos	Questionário de Vitimização Juvenil; -Questionário modificado utilizado no estudo <i>Sexual Assault between Latinas (SALAS)</i>	Quantitativo; Amostra estratificada	<ul style="list-style-type: none"> • 95 adolescentes (6.2%) relataram ter sofrido de violência na relação de namoro; • Taxa de pedido de ajuda informal (60.7%) superior ao pedido de ajuda formal (15.6%); • 60.5% dos participantes nunca perspetivaram a possibilidade de procurar qualquer tipo de ajuda; • Raparigas revelaram um aumento de 18,38 vezes nas probabilidades de pedir ajuda formal quando comparadas com os rapazes.
Hébert, Lavoie, Blais, & Guerrier, 2015	Explorar a autoeficácia dos adolescentes para pedir ajuda ou oferecer ajuda em situações de violência no namoro de vitimização e perpetração	8.194 estudantes. Idades compreendidas entre os 14 e os 21 anos	<i>Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI)</i> ; Questionário “ <i>Self-efficacy to Deal with Violence Scale</i> ” (Cameron, Byers, Miller, Mckay, Pierre, & Glenn)	Quantitativo; Amostra estratificada	<ul style="list-style-type: none"> • 58.2% dos jovens reportaram ter experienciado pelo menos um episódio de VN; • As raparigas eram mais propensas a denunciar do que os rapazes (63.1% e 50.6%, respetivamente); • Barreiras como a vergonha, impotência, baixa autoestima e autoeficácia para lidar com as situações intrínsecas à VN;

						<ul style="list-style-type: none"> • Resultados demonstram a oferta de ajuda por jovens que presenciaram a violência tendem a ser maior (16.4% raparigas e 15.1% rapazes) do que o pedido de ajuda por parte das vítimas (14.9% raparigas e 14% rapazes).
Rueda, Williams, & Nagoshi, 2015	Compreender as preferências e experiências de pedido de ajuda e oferta de ajuda na violência no namoro	64 adolescentes que relataram serem vítimas e/ou perpetradores de violência no namoro Idades compreendidas entre os 15 e 17 anos 40 participantes de sexo feminino e 24 de sexo masculino.	CADRI 20 Focus group (divididos por aculturação e género) “ <i>The Mexican American Teen Relationships</i> ”	Qualitativo; Amostra por seleção racional		<ul style="list-style-type: none"> • Medo de perder o/a parceiro/a e medo de retaliação são os motivos para relatados para o silêncio; • Raparigas são mais pressionadas a deixar a relação que os rapazes.
Sylaska & Edwards, 2015	Examinar as experiências de divulgação de jovens LGBT que relatam violência física na relação de intimidade	391 estudantes. 75.3% identificou-se como homossexual, 19.5% como <i>queer</i> e 2.6% bissexual. 42.9% de sexo feminino e 51.9% de sexo masculino Idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos	Escala Tática de Conflitos Revisada; Questionário sobre comportamento de ajuda.	Quantitativo; Amostra estratificada		<ul style="list-style-type: none"> • 19.7% dos participantes relataram ter sofrido de violência física na relação de intimidade; • 35.1% referiu ter divulgado a situação violenta; • Todas as vítimas admitiram ter recorrido a algum tipo de apoio informal; • 83% das vítimas admitiram não ter divulgado por não considerar a violência grave; • 43% das vítimas considerou o apoio empático como o mais fornecido pelas fontes.
Gonzalez-Guarda, Ferranti, & Halstead, & Iliia, 2016	Explorar a violência no namoro e as experiências de pedido de ajuda de mulheres hispânicas no final da adolescência	11 mulheres que relataram ser vítimas de violência no namoro Idades compreendidas entre 18 e os 24 anos	Entrevista semiestruturada elaborada para o efeito.	Qualitativo; Amostra seleção racional		<ul style="list-style-type: none"> • Falta de conhecimento dos serviços como principal barreira à revelação da situação abusiva • 91% das mulheres relataram ter deixado o companheiro abusivo; • Avaliação positiva após recurso aos serviços formais.
Ameral, Reed, & Hine, 2017	Avaliar os preditores de pedido de ajuda em vítimas de agressão sexual, violência no namoro e <i>stalking</i>	4.710 estudantes universitários 70.3% raparigas e 27.2% rapazes	Escala Tática de Conflitos Revisada; <i>Checklist</i> elaborada para o efeito do estudo	Quantitativo; Amostra estratificada		<ul style="list-style-type: none"> • 18.8% dos estudantes relataram ser vítimas de violência sexual e/ou <i>stalking</i> na relação de namoro; • Apenas 11.8% da amostra admitiu ter divulgado a violência;

Média de idades de 21 anos

- Homens menos propensos a denunciar (73.4%);
 - Vítimas que mantêm relacionamento com agressor/a têm 59% menos de probabilidade de pedir ajuda;
 - Barreiras à divulgação: falta de reconhecimento da violência (55.9%/51.3%) e privacidade (45.1%/42.6%).
-

Tabela 2

Síntese do estudo considerado na revisão sistemática através de follow-up.

Autor(es), ano	Objetivos do estudo	Metodologia			Resultados e conclusões
		Amostra	Instrumentos/Materiais	Design	
Nichols, Bonomi, Kammes, & Miller, 2018	Examinar a experiência de pedido de ajuda a serviços de saúde mental	27 mulheres estudantes Idades compreendidas entre 19 e os 24 anos	Entrevista semiestrutura	Qualitativa; Amostra seleção racional	<ul style="list-style-type: none">• 22 mulheres (81.5%) procurou vários tipos de serviços formais;• Os serviços formais mais procurados foram: terapia e aconselhamento (71.4%) e serviços médicos (37%); Os serviços menos procurados foram: polícia (14.8%), serviços de investigação universitária (7.3%) e advogados (3.7%);• As participantes relataram como barreiras a aceder a serviços formais o facto de não reconhecer a violência, não quererem ser rotuladas como vítimas de VN, preocupações financeiras, precedente experiência negativa com os serviços e culpabilização da violência;

3.1. Características amostrais

De acordo com a análise efetuada, o número de participantes envolvidos nos estudos variou entre 10 (Shen, 2011) e 8.194 (Hébert, Lavoie, Blais, & Guerrier, 2015). Os estudos incluem diversas amostras de jovens que variam na idade, no género, na orientação sexual e na localização geográfica. O intervalo de idades dos estudos atravessa os 12 anos até os 35 anos, 41% dos estudos (n=8) identificam uma faixa etária de 12 a 18 anos, 59% (n=11) dos 19 a 25 anos e 30% dos estudos (n=5) apresentam idades compreendidas entre os 26 e os 35 anos. Seis estudos apontam como amostra estudantes do ensino médio (Ashley & Foshee, 2005; Black, Tolman, Callahan, Saunders, & Weisz, 2008; Fry, Messinger, Rickert, O'Connor, Palmetto, Lessel, & Davidson, 2014; Hébert, et al., 2015; Jackson, Cram, & Seymour, 2000; Watson, Cascardi, Avery-Leaf, & O'Leary, 2001) e oito estudos continham uma amostra constituída por estudantes universitários (Amar & Gennar, 2005; Ameral, Reed, & Hine, 2017; Boladale, Adesanmi, & Olutayo, 2013; Edwards, Dardis, & Gidycz, 2011; Mahlstedt & Keeny, 1993; Nichols, Bonomi, Kammes, & Miller, 2018; Próspero & Vohra-Gupt, 2008; Sylaska & Edwards, 2015).

Na análise às variações de género, verificou-se que em 53% dos estudos (n=10) o número de participantes de sexo feminino era superior aos de sexo oposto. Em 37% dos estudos (n=7) a amostragem envolvia apenas mulheres (Amar & Gennar, 2005; Gonzalez-Guarda, Ferranti, Halstead, & Ilia, 2016; Edwards et al., 2011; Mahlstedt & Keeny, 1993; Nichols, et al., 2018; Renzetti, 1988; Shen, 2011). Ademais, somente em dois estudos (12%) a percentagem de homens a participar nos estudos era superior à participação das mulheres (Watson et al., 2001; Sylaska & Edwards, 2015). Relativamente à orientação sexual da amostra, o estudo de Renzetti (1988) é constituído por 100 mulheres lésbicas e o estudo de Sylaska e Edwards (2015) a amostra de 77 vítimas de violência no namoro, identifica-se como 75.3% homossexual, 19.5% *queer* e 2.6% bissexual. Nos restantes 17 estudos (89%), não é feita menção à orientação sexual dos inquiridos.

No que diz respeito à localização do estudo, na sua grande maioria 84% dos estudos (n=16) foram realizados nos Estados Unidos da América, dos restantes três artigos, um estudo realizou-se no sul da Nigéria, com uma amostra estudantil da Universidade Obafemi Awolowo (Boladale et al., 2013), outro estudo envolveu 304 adolescentes de cinco escolas secundárias da Nova Zelândia (Jackson, Cram, & Seymour,

2000) e por último, com uma amostra de 10 mulheres, com idades entre os 20 e 28 anos, do Taiwan (Shen, 2011).

3.2. Contextos de recrutamento e processo de amostragem

Considerando os contextos de recrutamento selecionados pelos estudos, 84% dos estudos (n=16) recolheram as amostras em contexto escolar ou universitário (Amar & Gennar, 2005; Ameral et al., 2017; Ashley & Foshee, 2005; Black et al., 2008; Boladale et al., 2013; Edward et al., 2011; Fry et al., 2014; Hébert, et al., 2015; Jackson et al., 2000; Próspero & Vohra-Gupt, 2008; Rueda, Williams, & Nagoshi, 2015; Shen, 2011; Sylaska & Edwards, 2015; Mahlstedt & Keeny, 1993; Nichols, et al., 2018; Watson et al., 2001), 11% dos estudos (n=2) em serviços sociais de apoio à vítima (Gonzalez-Guarda et al., 2016; Renzetti, 1988), 5% dos estudos (n=1) através de anúncios em jornais (Shen, 2011) e 5% dos estudos (n=1) através do estudo *Dating Violence Among Latino Adolescents* (DAVILA), uma pesquisa telefónica com adolescentes e os seus cuidadores de Sabina, Cuevas e Bell (2013) (Sabina, Cuevas, & Rodriguez, 2014).

Quanto ao processo de amostragem, dez estudos recolheram amostras probabilísticas aleatórias estratificadas e nove utilizaram a amostra não probabilística por seleção racional, uma vez que apenas pretendiam estudar grupos constituídos por uma amostra clínica, vítimas de violência no namoro.

Foi ainda possível perceber que alguns (26%; n=5) dos estudos incluíram algum tipo de compensação monetária aos participantes pela sua participação, que varia entre um valor mínimo de 10\$ (Sabina et al., 2014) e máximo de 100\$ em cartão (Ameral et al., 2017; Sylaska & Edwards, 2015).

3.3. Metodologia utilizada

No que respeita ao tipo de metodologia utilizada pelos diferentes estudos revistos nesta revisão sistemática da literatura, foi possível perceber grande diversidade a este nível. Como presente nas tabelas, o recurso à metodologia mista, que combina as formas qualitativa e quantitativa, varia em dois estudos (11%) (Edward et al., 2011; Mahlstedt & Keeny, 1993). Os investigadores Edwards, Dardis e Gidycz (2011), com o recurso a duas *checklist*, a primeira com o intuito de avaliar a auto culpa, a culpa do parceiro e o nível de stress vivenciado aquando a divulgação, com opções de resposta que variam do “nada”

a “muito”. A segunda *checklist* permitiu perceber se as vítimas pretendiam terminar o relacionamento abusivo, com opções “sim” ou “não”. Além disto, realizaram três questões abertas acerca da divulgação, bem como as razões para a não revelação. No estudo de Mahlstedt e Keeny (1993), implementaram uma entrevista sobre as formas de violência sofridas e como os incidentes ocorreram, posteriormente utilizaram uma *likert-type*, com opções de “concordo totalmente” a “discordo totalmente”, para perceber a relação de proximidade que as vítimas têm com os outros. Por último, implementaram um questionário adaptado de *Social Support Questionnaire* dos autores Sarason, Levine e Basham (1983), que permitiu reunir informações de quem as vítimas pediram ajuda e a resposta dada pelos recetores da divulgação.

A metodologia qualitativa adotada pelos pesquisadores para examinar os suportes e/ou barreiras para o pedido de ajuda perante uma situação de violência no namoro varia em quatro estudos (21%) (Gonzalez-Guarda et al., 2016; Nichols et al., 2018; Rueda et al., 2015; Shen, 2011). Três destes quatro estudos qualitativos utilizaram como forma de obtenção de informação a entrevista semiestruturada (Gonzalez-Guarda et al., 2016; Nichols et al., 2018; Shen, 2011) e um outro estudo por meio de realização de *focus group*, em que os participantes foram divididos por aculturação e género em grupos de 3 a 5 elementos (Rueda et al., 2015). Relativamente às abordagens analíticas nos quatro estudos foi empregada a análise temática dos dados qualitativos. Três pesquisadores codificaram de forma independente cada transcrição da entrevista, identificando categorias e subcategorias. O *software NVivo 10* serviu de auxílio na análise nos estudos Gonzalez-Guarda et al., (2016) e Rueda et al., (2015) e o *software MAXQDA* no estudo de Shen (2011).

Os restantes estudos quantitativos (n=13; 68%) adquiriram a sua informação através desta metodologia. Dos quais dez estudos implementaram inquéritos por questionários autoadministrados (Black et al., 2008; Boladale et al., 2013; Fry et al., 2014; Jackson et al., 2000; Hébert et al., 2018; Próspero & Vohra-Gupt, 2008; Watson et al., 2001; Renzetti, 1988; Sabina et al., 2014; Sylaska et al., 2015). No estudo de Ashley e Foshee (2005) foi apresentada uma listagem com as diferentes fontes de divulgação formais e informais em que as 90 vítimas selecionaram a quem recorreram para pedir ajuda perante situação de violência no namoro. Uma listagem idêntica também foi apresentada como método de recolha de informação pelos pesquisadores Ameral, Reed & Hine (2017), juntamente com uma *check list* com as razões pelas quais as vítimas não

pediram ajuda nos recursos do campus universitário e fora deste. Amar e Gennar (2005) recorreram ao instrumento *Abuse Assessment Screen* de Soeken, Mcfarlane, Parker e Lominack (1998) que mediu a ocorrência da violência pelo parceiro íntimo, todos os itens eram classificados como “sim” ou “não”.

Em termos de medidas usadas, a Escala Tática de Conflitos Revisada (*The Revised Conflict Tactics Scales – CTS-R*) de Murray Straus (1996) foi usada em cinco estudos (29%) (Ameral, Reed, & Hine, 2017; Boladale, Adesanmi, & Olutayo, 2013; Black, Tolman, Callahan, Saunders, & Weisz, 2008; Edward, Dardis & Gidycz, 2011; Próspero & Vohra-Gupt, 2008). Trata-se de uma escala de 78 itens projetada para medir a incidência de violência nas relações de intimidade, bem como as estratégias que cada indivíduo utiliza para negociar com o outro de forma a resolver o conflito interpessoal (Straus, Hamby, Boney-McCoy & Sugarman, 1996). Sylaska e Edwards (2015), utilizaram apenas a subescala de agressão física da CTS-R que avaliou as experiências dos participantes sobre as suas relações de namoro. No estudo de Watson et al. (2001) foi administrada a Escala Tática de Conflito Modificada (MCTS) desenvolvida por Neidig (1984), uma versão modificada da Escala Tática de Conflito (CTS) de Straus (1979) que permitiu a inclusão de testemunhos de relacionamentos atuais e com duração inferior ao critério da CTS de 12 meses.

O Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI) foi aplicada nos estudos de Hébert et al., (2018) e Rueda, Williams e Nagoshi (2015) como forma de averiguar a vitimização dos adolescentes amostrados. Em quatro estudos a vitimização foi verificada através de entrevistas ou questionários a jovens (Ashley & Foshee, 2005; Fry, Messinger, Rickert, O’Connor, Palmetto, Lessel & Davidson, 2014; Gonzalez-Guarda et al., 2016; Sabina et al., 2014).

3.4. Pedido de ajuda das vítimas de violência no namoro

Em relação ao pedido de ajuda verificou-se que em 42% dos estudos (n=8) que abordaram a divulgação de violência foi registada uma tendência para a não denúncia (Ameral et al., 2017; Ashley & Foshee, 2005; Boladale et al., 2013; Jackson et al., 2000; Próspero & Vohra-Gupt, 2008; Sabina et al., 2014; Shen, 2011; Sylaska & Edwards, 2015). Não obstante, 47% dos estudos (n=9) concluíram que grande parte das vítimas tendiam para a revelação da situação abusiva na relação de namoro (Amar & Gennar, 2005; Black et al., 2008; Edward, Dardis, & Gidycz, 2011; Fry et al., 2014; Gonzalez-

Guarda et al., 2016; Mahlstedt & Keeny, 1993; Nichols et al., 2018; Renzetti, 1988; Watson et al., 2001).

No estudo de Boladale et al. (2013) 92.6% dos estudantes universitários vítimas de violência nas suas relações amorosas não denunciaram a violência sofrida e apenas 7.4% pediram ajuda. Ashley & Foshee (2005) referem que das 225 vítimas inquiridas somente 90 pediram ajuda, Sylaska et al. (2015) também corroboram esta tendência de baixa taxa de pedido de ajuda, em que somente um terço das 77 vítimas, na sua maioria homossexuais, denunciaram os abusos na relação de intimidade.

No estudo de Jackson, Cram & Seymour (2000) que aborda o pedido de ajuda nas diferentes tipologias abusivas verificou-se que perante vitimização do foro físico e sexual as vítimas tendem a não denunciar estes abusos, no entanto Fry et al. (2014) apresentaram uma taxa de pedido de ajuda superior a 60% quando as vítimas sofrem de violência física e/ou sexual.

Os pesquisadores Mahlstedt e Keeny (1993) evidenciaram no estudo que 92% das mulheres inquiridas revelaram violência nas suas relações de namoro a pelo menos uma pessoa, na maioria dos casos a revelação era feita entre duas a quatro pessoas. Concomitantemente Edward et al. (2011) apurou que 75% das vítimas procurou ajuda a pelo menos uma fonte. No estudo de Nichols et al. (2018) das 27 mulheres vítimas de violência no namoro, 22 pediram ajuda a vários tipos de serviços formais.

Black et al. (2008) verificaram que 67% dos estudantes inquiridos falaram com alguém sobre a violência de namoro experimentada. Também Shen (2011) revelou no seu estudo que sete das dez mulheres inquiridas procurou ajuda, duas nunca pediram ajuda e uma vítima relatou a violência perpetrada a amigos após 3 anos de rutura do namoro abusivo.

Segundo Ameral et al. (2017) quando as vítimas vivenciaram situações de *stalking*, para além da violência sofrida, tiveram mais 4.9% de probabilidade de pedir ajuda. Numa amostra de 100 mulheres lésbicas, 78% referiu que pediu ajuda para lidar com a agressão ou acabar com esta, ademais 71% das vítimas mencionou que a violência aumentou ao longo do tempo (Renzetti, 1988). O único estudo que evidenciou diferenças raciais no pedido de ajuda apresentou uma taxa de vitimização auto relatada de 60% para afroamericanos, seguidos por caucasianos (47%) e por último os hispânicos (41%) (Watson et al., 2001).

Dados do estudo de Black et al. (2008) revelaram que 95.1% das mulheres e 70.6% dos homens desabafaram quando alguém viu a violência sofrida. Enquanto que em

situações em que ninguém presenciou a violência sofrida, 45.5% das mulheres conversou com alguém e 12.5% dos homens pediram ajuda. Do mesmo modo Ameral, et al. (2017), evidencia que os inquiridos tinham 11.1% mais probabilidade de pedir ajuda quando alguém assistisse à violência. No estudo de Hébert et al. (2015), comparou-se a oferta de ajuda por jovens que presenciassem a violência com o pedido de ajuda das vítimas e verificou-se que o número de oferta de ajuda (16.4% mulheres vs. 15.1% homens) é superior ao número de pedido de ajuda (14.9% mulheres vs. 14% homens), sendo as mulheres mais propensas a oferecer e pedir ajuda em situações de violência no namoro.

Relativamente às diferenças de género no pedido de ajuda foi registada uma maior tendência para as mulheres pedirem ajuda comparativamente com os homens (n=7) (Ameral, et al., 2017; Black et al., 2008; Fry et al., 2014; Jackson et al., 2000; Hébert et al., 2015; Watson et al., 2001; Sabina et al., 2014), em que estes são mais propensos a não tomar qualquer tipo de ação e mencionam que falam menos ou acham que não precisam de falar. As vítimas de violência emocional do sexo masculino (29.8%) relataram que não pediram ajuda em comparação a 9.7% das mulheres ou consideraram que não precisavam de falar com ninguém (14.9% homens, 4.1% mulheres) (Jackson et al., 2000). Em anuência ao referido, Watson et al. (2001), referiu no seu estudo que 57% das mulheres confidenciaram ter sofrido de violência no seu relacionamento de namoro, enquanto que apenas 37% dos homens pediram ajuda. Outros investigadores, observaram que 73.4% dos participantes do sexo masculino não pediu ajuda (Ameral, et al., 2017).

3.4.1. Barreiras para a denúncia da violência

De entre as principais barreiras identificadas nesta análise surgiram: (a) legitimação da violência; (b) menorização da violência; (c) Sentimento exacerbado e medo de perder o parceiro; (d) vergonha; (e) Autossuficiência para resolver a situação; (f) evasão da privacidade e (g) falta de conhecimentos dos serviços disponíveis.

No estudo de Ameral et al. (2017), as principais barreiras relatadas pelos estudantes universitários foram considerar que a violência “não era nada sério” (55%), o medo da perda de privacidade (45%), a “situação resolve-se sozinha não preciso de ajuda” (11%), não querer que o agressor tenha problemas (10%) e vergonha (5%). O facto de as vítimas ainda namorarem com o/a agressor/a, parece reduzir em 59% a probabilidade de pedir ajuda. Estas barreiras também foram identificadas em mais seis estudos (Boladale

et al., 2013; Edward et al., 2011; Hébert et al., 2015; Mahlstedt & Keeny, 1993; Nichols et al., 2018; Sabina et al., 2014).

O facto de as vítimas de violência no namoro não se demonstrarem capazes de abandonar a relação e perder o/a namorado/a, simultaneamente com o grande sentimento de amor que une a estes é umas das barreiras mais referidas em três estudos analisados (Jackson et al., 2000; Mahlstedt & Keeny, 1993; Rueda et al., 2015). De acordo com Rueda et al. (2015) os adolescentes não pediam ajuda para não serem instigados a deixar o relacionamento. Gonzalez-Guarda et al. (2016) e Renzetti (1988) documentaram que o isolamento forçado por parte do/a agressor/a impede um possível contacto com os demais.

Segundo Black, Tolman, Callahan, Saunders e Weisz (2008) 79.4% dos inquiridos percecionou o ciúme excessivo do agressor como uma prova de amor e proteção, em vez do significado de controlo. Os jovens que associavam a raiva e o ciúme à violência eram mais propensos a conversar com alguém (Black et al., 2008).

No estudo de Shen (2011) focado em 10 mulheres vítimas de violência no namoro descobriu que as decisões e os comportamentos de pedido de ajuda estavam centrados em seis fatores, como a cultura autossuficiente, ou seja, a confiança de que sozinhas iriam ultrapassar o problema, vergonha pessoal e da família, não querer importunar a família e amigos com assuntos negativos, a possível descoberta de relacionamentos secretos ou de início de relações sexuais por parte da família, o medo da reação negativa dos outros e falta de conhecimento dos serviços disponíveis. Esta última premissa foi também verificada nos estudos de Boladale et al. (2007) e Gonzalez-Guarda et al. (2016). Quando questionados com formas de divulgação formal, como a denúncia as forças policiais, as vítimas relataram medo relacionado com as leis e a funcionalidade e eficácia das mesmas como um entrave para pedir ajuda (Gonzalez-Guarda et al., 2016)

Os motivos relatados com mais frequência pelas vítimas de violência no namoro para não acederem a profissionais de saúde foram a vergonha (29%), serviços muito dispendiosos (16%), inutilidade dos serviços de saúde (14%) e por último, acreditar que as pessoas achariam que a vítima está insana por recorrer a este tipo de serviços (9%) (Próspero & Vohra-Gupta, 2008). No estudo de Nichols et al. (2018), as vítimas relataram como barreiras a aceder a serviços formais de saúde o facto de não reconhecer a violência que estavam a sofrer, não quererem ser rotuladas como vítimas de violência por parte do parceiro, preocupações financeiras para aceder a este tipo de serviços, anterior experiência negativa com os serviços e culpabilização da violência. Ademais, Sabina et al. (2014) referem que os jovens tendem a não recorrer a serviços formais por receio de

proibição do contacto com o/a parceiro/a e para não expor toda a situação abusiva sofrida aos pais e envolver estes em todo o processo.

Num estudo (Sylaska et al., 2015) que incluiu na sua amostra vítimas homossexuais, 83% consideraram que a situação não era grave o suficiente para pedir ajuda, 21% referiram preferir manter a privacidade e 21% manifestaram preocupação com a reação dos outros e por último 7% confidenciaram que não tinham ninguém a quem contar. Por sua vez, no estudo de Renzetti (1988), os participantes mencionaram que os serviços de apoio a vítimas não estão preparados para atender situações que envolvam relações homossexuais e as suas especificidades.

Uma outra barreira identificada em dois estudos (Jackson et al., 2000; Rueda et al., 2015) envolveu o medo de represálias e retaliação por parte do/a parceiro/a violento/a após uma possível divulgação das vítimas.

3.4.2. Fontes de divulgação formal e informal

Em todos os estudos que abordaram as fontes de divulgação perante uma situação de violência no namoro, a divulgação informal foi a mais adotada por vítimas desta problemática, em que a fonte de revelação preferencial foram os amigos.

No estudo de Watson, Cascardi, Avery-Leaf e O'Leary (2001) 43% dos participantes revelaram recorrer a ajuda informal, seguido de terminar o relacionamento abusivo (37%), depois de resposta agressiva (35%), a opção de não ter qualquer tipo de ação violenta (32%) e por último 8% das vítimas relataram recorrer a ajuda formal. Do mesmo modo, Sylaska e Edwards (2015) evidenciam uma predisposição das vítimas em pedir ajuda informal (35%) em comparação ao pedido de ajuda formal (e.g., professores, profissionais de saúde, polícias e profissionais do clero) (8%).

Mahlstedt e Keeny (1993), constataam que 80% das vítimas inquiridas procuraram ajuda junto de amigos, seguido da irmã (47%) e a mãe (43%). Esta hierarquia de preferências de revelação por partes das vítimas é também evidente em mais seis estudos (Amar & Gennar, 2005; Ashley & Foshee, 2005; Boladale et al., 2013; Edward et al., 2011; Jackson et al., 2000; Rueda et al., 2015; Sylaska & Edwards, 2015) No estudo de Ashley e Foshee (2005), com 89% dos inquiridos a priorizar os amigos, irmãos (40%) e mãe (30%). Em congruência, Edward et al. (2011) evidenciou que as vítimas privilegiaram as amigas (73%), seguida dos amigos e irmã (25%) e mãe (23%). No estudo

de Fry et al. (2014) é também clara a preferência de divulgação a amigas, com 72% das vítimas a pedir ajuda junto deste género.

No estudo de Black et al. (2008) todos os adolescentes relataram que conversaram com um amigo, enquanto que apenas 13% relatou que conversou com um/a pai/mãe ou um outro adulto. Estes dados foram corroborados no estudo de Fry et al. (2014) no qual os adolescentes mostraram-se mais propensos a divulgar a adultos somente quando a violência física aumentava em termos de frequência, uma vez que os adultos são percebidos como tendo mais poder para intervir. Mulheres tendiam a falar mais com mães quando comparadas com os homens (15% vs. 1%) (Jackson et al., 2000).

Na divulgação formal, a fonte de revelação mais elegível pelas vítimas de violência no namoro foram os agentes educativos ou terapeutas em seis estudos (Amar & Gennar, 2005; Ashley & Foshee, 2005; Edward et al., 2011; Nichols et al., 2018; Renzetti, 1988; Sylaska & Edwards, 2015), a polícia em quatro estudos (Ashley & Foshee, 2005; Boladale et al., 2013; Mahlstedt & Keeny, 1993; Sylaska & Edwards, 2015) e professores em três estudos (Ashley & Foshee, 2005; Mahlstedt & Keeny, 1993; Sylaska & Edwards, 2015).

Ashley e Foshee (2005), observaram no seu estudo administrado a adolescentes que 13% dos inquiridos procurou ajuda juntos dos agentes educativos das escolas e polícias, 12% junto de professores, padres e por meio de linhas telefónicas de apoio a vítimas, 8% junto de advogados, 7% através dos serviços de assistência médica e por último (4%) por intermédio de assistentes sociais. No estudo de Nichols et al. (2018), as vítimas privilegiaram os terapeutas e os agentes educativos (74.1%), seguido dos médicos (37%). Como menos procurados: polícia (14.8%), serviços de investigação universitária (7.3%) e advogados (3.7%).

No estudo de Sabina et al. (2014), 84% dos adolescentes não acedeu a profissionais de serviços formais (e.g., funcionários da escola, técnicos de serviço social, polícias e técnicos de assistência médica), porém a fonte formal mais interpelada pelas vítimas de violência no namoro era o pessoal da escola (9.2%). Em anuência ao anteriormente referido, 99.2% das vítimas de violência no namoro não recorreram a ajuda formal, além do mais o único adolescente que priorizou este tipo de ajuda recorreu à polícia (0.8%) (Boladale, et al., 2013).

Das 171 vítimas de violência no namoro, unicamente 27 inquiridos (16%) pediram ajuda junto de profissionais de saúde mental (Próspero & Vohra-Gupt, 2008). No estudo

de Edward et al. (2011) nenhuma vítima procurou profissionais de saúde, da lei e do clero para superar a situação abusiva.

Segundo dados de Ashley e Foshee (2005), os homens eram mais propensos a pedir ajuda formal do que as mulheres (63% e 34%, respectivamente). Contrariamente ao referido, mulheres mostravam um aumento de 18.33 vezes nas probabilidades de pedir ajuda formal quando comparadas aos homens (Sabina et al., 2014).

3.5. Resposta ao pedido de ajuda e eficácia

A família e amigos percebidos pelas vítimas de violência no namoro como os mais prováveis a oferecer bom apoio em seis estudos (Edward et al., 2011; Fry et al., 2014; Jackson et al., 2000; Sylaska & Edwards, 2015; Renzetti, 1988; Rueda et al., 2015). Porém nos estudos de Edward, Dardis e Gidycz (2011) e Renzetti (1988), os amigos e também foram considerados os menos úteis com maior probabilidade de julgamentos ou provocar aborrecimentos. 56% das vítimas considerou os amigos como úteis aquando a divulgação, mas também 49% das vítimas considerou esta mesma fonte como inútil (Edward, Dardis, & Gidycz, 2011). Renzetti (1988) no seu estudo observou que os amigos que foram os mais procurados pelas vítimas (69%), foram categorizados como muito úteis por 57% das vítimas, no entanto, 43% das vítimas considerou os amigos como pouco ajudantes ou nada ajudantes.

No estudo de Mahlstedt e Keeny (1993), os professores foram vistos como os mais úteis, seguidos dos amigos e das mães. Os pais vistos como os menos úteis. 78% das vítimas inquiridas consideraram que os profissionais (e.g., técnicos dos abrigos de apoio à vítima, polícia e psicólogos) não estão habilitadas para lidar com violência no namoro em relações homossexuais, definindo-os como pouco ajudantes ou não ajudantes. 65% das vítimas classificou a ajuda prestada pelos agentes educativos como muito úteis (Renzetti, 1988).

No entanto, Shen (2011) refere que quando as vítimas pediam ajuda voltavam-se para sistemas de apoio informal, como amigos e família (80%) e a ajuda destes era muitas vezes inapropriada, indiferente ou limitada a apoio emocional ou material. Os amigos e família atribuíram a responsabilidade à vítima e promoveram a autossuficiência da vítima para lidar com a situação abusiva.

Um outro dado encontrado relaciona-se com o facto de nos estudos de Renzetti (1988) e Shen (2011), as vítimas de violência no namoro reconhecerem que muitas vezes as respostas dadas pelas fontes contribuem para uma baixa autoestima da vítima, em que é lhes atribuída a responsabilidade da violência sofrida ou são pressionadas a ocultar a vitimização por crenças enraizadas na cultura.

Dos seis estudos que abordam os tipos de apoios fornecidos pelas fontes às vítimas de violência no namoro, 67% destes estudos (n=4) apresentam como tipo de ajuda mais oferecida, o apoio sentimental (Edward et al., 2011; Fry et al., 2014; Jackson et al., 2000; Sylaska & Edwards, 2015). Variando dos 43% de vítimas que relataram este tipo de ajuda (Sylaska & Edwards, 2015) aos 82% (Fry et al., 2014).

No estudo de Sylaska e Edwards (2015) os apoios mais úteis fornecidos pelos prestadores de ajuda foram o apoio sentimental (43%), conversar ou ouvir a vítima (38%), seguido de apoio prático (24%) e dar conselhos (14%). Como ações negativas foram identificadas, o facto de as fontes de ajuda não compreenderem a situação (24%) e quando tentaram assumir o controlo da situação (10%). Edward et al. (2011) relataram como comportamentos positivos os bons conselhos (36%), a oportunidade de conversar sobre o assunto (28%), o conforto e suporte emocional oferecido (20%) e forneciam uma perspectiva neutra (8%). Dizer para terminar com o/a parceiro/a (33%), não entenderem a situação (27%) e brincar com o assunto (20%) vistos apoios negativos pelas vítimas. Segundo dados de Mahlstedt e Keeny (1993), os comportamentos mais úteis foram entender a situação (54%), aconselhar (46%), ouvir a vítima (34%) e interromper com a culpa da vítima (30%). Ademais, segundo Jackson et al. (2000) 20% dos homens que participaram na investigação referiram que foram gozados e alvo de risadas aquando a divulgação da situação abusiva sofrida na relação amorosa.

Um outro tipo de apoio fornecido às vítimas pelos pares, envolveu aconselhar a divulgação a um adulto (50.4%) ou falar diretamente com um adulto (46.6%). Como último conselho menos usual a dar às vítimas verificou-se a sugestão de recorrer a serviços formais de ajuda (19%) (Fry et al., 2014). Segundo Gonzalez-Guarda et al. (2016), grande parte das vítimas acederam a fontes formais de ajuda sempre que encorajados por outra pessoa. Os inquiridos, do estudo supramencionado, demonstraram-se muito satisfeitos com este tipo de serviços, uma vez que foram cruciais não só para a iniciar comportamentos formais de ajuda, como também para melhorar a saúde e bem-estar da vítima (Gonzalez-Guarda et al., 2016).

Em três estudos desta revisão, as fontes de revelação abordaram diretamente o/a agressor/a da vítima, exigindo uma mudança de comportamento (Fry et al., 2014; Rueda et al., 2015; Sylaska & Edwards, 2015). Outro comportamento mencionado em seis estudos (Edward et al., 2011; Fry et al., 2014; Jackson et al., 2000; Mahlstedt & Keeny, 1993; Rueda et al., 2015; Watson, et al., 2001), evidencia o facto das fontes aquando a pedido de ajuda por parte das vítimas incentivarem estas a cessar a relação abusiva. Segundo Mahlstedt e Keeny (1993), a mãe e o pai eram vistos como os que mais pressionam para o fim do relacionamento (30% e 18%, respetivamente). De facto, segundo o estudo de Edward et al. (2011), os dados sugerem que as vítimas de violência no namoro que pediram ajuda eram mais propensas a terminar a relação abusiva que as vítimas que não pediram ajuda (58% e 18%, respetivamente).

Dados dos quatro estudos (Fry et al., 2014; Jackson et al., 2000; Rueda et al., 2015; Watson, et al., 2001) indicaram que as mulheres eram mais pressionadas a abandonar a relação abusiva e, a acabar efetivamente por terminar o relacionamento abusivo do que o sexo oposto. Na pesquisa de Jackson et al. (2000), 82.5% das vítimas de violência no namoro do sexo feminino cessavam a relação em comparação aos 46.3% dos homens que optavam pelo término da relação abusiva. Concomitantemente, no estudo de Watson et al., 2001, 28% das mulheres e 21% dos homens terminaram o relacionamento. A taxa de rutura do relacionamento violento rondou os 36% (Watson, et al., 2001). Em relutância ao referido, Renzetti (1988) refere no seu estudo que 65% das mulheres vítimas de violência no namoro mencionaram que se mantiveram na relação abusiva durante o período de 1 a 5 anos.

Em três estudos (Jackson et al., 2000; Rueda et al., 2015; Watson, et al., 2001) as vítimas do sexo masculino tendiam a não tomar nenhuma atitude resolutiva depois do pedido de ajuda. No estudo de Watson et al. (2001), 24% dos homens não tomaram qualquer ação para acabar com a violência, em comparação a 6% das mulheres que optavam por esta inércia.

As mulheres surgiram como sendo mais propensas a envolver-se numa resposta agressiva (42%) do que os homens (26%), no entanto foram também as mulheres, em preponderância que admitiram terminar o relacionamento violento (Fry et al., 2014).

4. Discussão de resultados e conclusões

Uma vez que não foi identificada até ao momento nenhuma revisão sistemática que aborde o comportamento acerca do pedido de ajuda por parte de vítimas de violência no namoro, este objetivo tornou-se a principal finalidade desta revisão, excluindo estudos que abordassem intenções e ações indiretas de revelação da violência. Neste sentido, foi permitido um maior rigor de informação dos comportamentos de pedido de ajuda, estudar as ações reais por parte das vítimas numa situação de violência no namoro.

O facto desta revisão sistemática da literatura incluir um alargado intervalo de idades dos estudos que atravessa dos doze anos até aos trinta e cinco anos permitiu uma maior diversidade de conhecimento acerca da temática do pedido de ajuda nas diferentes fases da vida de um jovem.

No que refere ao pedido de ajuda por parte das vítimas de violência no namoro, a maioria reportou a revelação da situação abusiva (e.g., Amar & Gennar, 2005; Edward et al., 2011; Fry et al., 2014; Gonzalez-Guarda et al., 2016) pedido de ajuda. Em estudos como de Fry et al. (2014), apurou-se resultados positivos de divulgação em que 60% das vítimas revelou ter pedido ajuda, ademais no estudo de Renzetti (1988) os valores atingem os 78% das vítimas que reportaram ter revelado a violência pelo/a companheiro/a. Segundo os estudos de Mahlstedt e Keeny (1993) e de Edward et al. (2011) as vítimas reportaram ter procurado ajuda a pelo menos uma pessoa.

Os participantes revelaram uma maior probabilidade para procurar ajuda quando para além da violência sofrida vivenciaram situações de *stalking* (Ameral et al., 2017) e quando terceiros presenciaram a violência (Black et al., 2008; Ameral et al., 2017). Relativamente à oferta de ajuda por jovens que presenciaram a violência no namoro, as mulheres reportaram serem mais propensas a oferecer ajuda do que os homens (Hébert et al., 2015).

No que diz respeito à faixa etária das vítimas de violência no namoro, verificou-se que nos estudos com uma amostra com idade superior a 18 anos (n=13), sete destes estudos uma grande parte das vítimas admitiu priorizar o silêncio. Não obstante, foi possível observar nos diferentes estudos, uma certa tendência por parte dos participantes aquando o pedido de ajuda em termos de género. Assim, as mulheres admitem procurar mais ajuda quando comparadas com os homens (Ameral et al., 2017; Black et al., 2008; Hébert et al., 2015), reconhecendo igualmente maior probabilidade de se separarem do/a agressor/a (Watson et al., 2001), o que são aspetos bastante positivos uma vez que são

também as mulheres aquelas que relataram maiores indicadores de vitimização. Os homens surgiram como sendo menos propensos a responderem a itens de pedido de ajuda quando comparados com as mulheres, revelando uma certa inação perante a violência na medida em que não procuram revelar a situação violenta ou mesmo cessar a relação abusiva. O homem é entendido como o autor da perpetração de violência para com a mulher, portanto o contrário teria repercussões na sociedade (Hines & Douglas, 2010). Além disso, os homens que mantêm relações com outra pessoa do mesmo sexo aumentam o estigma social que inibe o pedido de ajuda (Sabina et al., 2014). Segundo Swan, Allen e Ridgeway (2015), as barreiras à divulgação são mais acentuadas quando o problema é percebido como não-normativo na sociedade, logo esta inércia poderá ser melhor compreendida se atendermos a certas representações ideológicas associadas aos homens e as quais tendem a interferir ou inibir a sua capacidade de pedido de ajuda e de reação à vitimização em geral (Fry et al., 2014; Watson et al., 2001). Ademais, são vários os estudos (e.g., Jackson et al., 2000; Lavoie, Vezine, Piche, & Boivin, 1995) revelaram que os homens tendem a minimizar e tolerar mais a violência do que as mulheres.

Neste sentido, seria crucial trabalhar os estereótipos de gênero presentes na sociedade atual, que ainda empregam costumes e hábitos culturais errôneos, em que os homens têm de lidar com uma sociedade que os ostenta como o sexo forte e que não lhes concebe o papel de vítima (Lupri, 2004), como consequência, tendem a minimizar o abuso e evitar o estigma social acerca da sua incapacidade de se protegerem (Tjaden & Thoennes, 2000).

A legitimação da violência foi a barreira mais apontada pelos participantes dos estudos, em que os jovens consideraram a agressão não gravosa (“não era nada sério”). Não raras as vezes os jovens podem ser confrontados com situações relacionais, pautadas por comportamentos violentos e outras formas de coerção, face aos quais poderão ser levados a adotar uma postura de legitimação, percebendo tais atos como uma manifestação de amor e/ou ciúme (Black et al., 2008; Caridade & Machado, 2006). Além do mais, as vítimas tendem a querer resolver a situação sozinhas, a chamada cultura de autossuficiência, seja por vergonha de se assumirem como vítimas, por temerem perder a sua privacidade ou mesmo por não quererem importunar a família e amigos com assuntos desta natureza (Shen, 2011). Outra barreira apontada pelas vítimas foi o desconhecimento dos meios de ajuda formal existentes, sendo este um dado preocupante, uma vez que são estes os profissionais verdadeiramente qualificados para solucionar problemas e zelar pela vítima (Black et al., 2008; Fry et al., 2014).

No momento de procura de ajuda os participantes relataram maior tendência a recorrer a fontes de revelação informais, sobretudo aos amigos (Amar & Gennar, 2005; Ashley & Foshee, 2005; Black et al., 2008; Boladale et al., 2013; Edward et al., 2011; Fry et al., 2014) Jackson et al., 2000; Rueda et al., 2015; Sylaska & Edwards, 2015) para divulgar a situação abusiva solicitando conselhos. As amigas foram reportadas pelas vítimas como as mais procuradas (Edward et al., 2011; Fry et al., 2014). Os amigos foram referidos pelas vítimas como os mais capazes a guardar segredo (Jackson et al., 2000).

Concomitantemente, a orientação mais fornecida às vítimas pelos pares envolve aconselhar o pedido de ajuda num adulto ou falar diretamente com este, considerando os adultos as fontes com mais poder para intervir caso a violência aumente (Jackson et al., 2000; Fry et al., 2014). Todavia, como indicação menos frequente a dar às vítimas verificou-se a sugestão de recorrer a serviços formais de ajuda (Amar & Gennar, 2005; Fry et al., 2014; Próspero & Vohra-Gupta, 2008). Denota-se, deste modo, que parece existir uma grande desconfiança/insegurança relativamente aos sistemas formais de ajuda, relacionados com os fatores de privacidade, aplicação correta das leis e julgamentos que podem advir da divulgação, que não raras vezes proporcionam uma revitimização (Nichols et al., 2018). A vitimização secundária é especialmente emergente quando estão presentes nestes profissionais, crenças e atitudes erróneas que potenciam a invalidação da experiência da vítima, acabando por se constituir como barreiras à denúncia. Neste sentido, torna-se fundamental promover a consciencialização e sensibilização dos profissionais (e.g., da justiça, da saúde e da educação) para a gravidade deste fenómeno e para a necessidade de proporcionar às suas vítimas respostas adequadas. Ademais, em relacionamentos não heterossexuais, as vítimas reportaram que os serviços de ajuda de vítimas não estão habilitados para relações homossexuais e as suas complexidades (Renzetti, 1988).

Concomitantemente, Sabina et al. (2014) referem que os jovens tendem a não recorrer a serviços formais por receio de proibição do contacto com o/a parceiro/a e para não expor toda a situação abusiva sofrida aos pais e envolver estes em todo o processo. As vítimas referiram que tendem a rejeitar o pedido de ajuda nas fontes de divulgação formal como os agentes educativos, órgãos de polícia criminal e professores, priorizando os amigos como os mais prováveis a oferecer bom apoio. (Amar & Gennar, 2005; Ashley & Foshee, 2005; Mahlstedt & Keeny, 1993; Rueda et al., 2015; Sylaska & Edwards, 2015). Não obstante, os jovens não estão habilitados para ajudar os outros perante uma situação de violência no namoro, podem ter medo do/a agressor/a do amigo ou até podem

responsabilizar a vítima (Jackson et al., 2000; Sabina et al., 2014). Neste seguimento, seria necessário elaborar programas de prevenção que desenvolvam nos jovens, aptidões de comportamento para que estes estejam habilitados a ouvir, a falar e a comunicar a mensagem apropriada aos seus pares sobre a importância de recorrer a serviços formais que têm as competências e conhecimentos necessários para providenciar o melhor tratamento e acompanhamento à vítima de violência no namoro. Também seria importante trabalhar as reações negativas da fonte de revelação no momento da divulgação da violência (e.g., raiva, controlo da situação e o desvalorizar da violência sofrida), situações estas que podem fazer com que a vítima não volte a pedir ajuda e permaneça na relação abusiva.

O desconhecimento dos serviços disponíveis às vítimas de violência no namoro, uma das barreiras mencionada nos estudos, seria facilmente solucionável com a divulgação destes junto de locais bastante familiares dos jovens, como escolas e cafés.

No entanto, e apesar desta revisão sistemática resultar numa distinta análise de todos os estudos que abordaram o pedido de ajuda em vítimas de violência no namoro, também existem limitações a apontar como a inexistência de variáveis importantes como a raça/etnia, que não foram evidenciadas nos estudos em análise. Ademais, através da extração dos estudos da revisão sistemática, apenas dois artigos fazem referência à população LGBT, o que por consequência impossibilita uma análise mais demarcada e deter conclusões acerca do pedido de ajuda ou permanência na relação abusiva neste tipo de amostra.

Referências

- Amar, A. F. & Gennaro, S. (2005). Dating violence in college women: Associated physical injury, healthcare usage, and mental health symptoms. *Nursing Research*, 54, 235-242.
- Ameral, V., Reed, K., & Hine, D. (2017). An Analysis of HelpSeeking Patterns Among College Student Victims of Sexual Assault, Dating Violence, and Stalking. *Journal of Interpersonal Violence*, 1 –25. <https://doi.org/10.1177/0886260517721169>
- Ashley, O. S., & Foshee, V. A. (2005). Adolescent help-seeking for dating violence: Prevalence, sociodemographic correlates, and sources of help. *Journal of Adolescent Health*, 36, 25-31. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2003.12.014>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2011). *Manual crianças e jovens vítimas de violência: Compreender, intervir e prevenir*. Porto: APAV.
- Black, B. M., Tolman, R. M., Callahan, M., Saunders, D. G., & Weisz, A. N. (2008). When will adolescents tell someone about dating violence victimization? *Violence Against Women*, 14(7), 741-758. <https://doi.org/10.1177/1077801208320248>
- Boladale, M., Adesanmi, A., & Olutayo, A. (2013). Experience of Childhood Violence and Help-Seeking Behaviour of Students Exposed to Dating Violence at the Obafemi Awolowo University, Ile-Ife. *Gender & Behaviour* 2013, 11(2), 5762-5774.
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas: Uma abordagem científica*. Edições Almedina.
- Caridade, S. (2018). Violência no namoro: Contextualização teórica e empírica. In S. Neves & A. Correia (Coord.), *Violências no Namoro*. 9-40. Maia: Edições ISMAI.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, XXIV(1), 485-493.
- Centers for Disease Control and Prevention. (2012). *Understanding teen dating violence: Fact sheet*. [Em linha] Disponível em <https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/teen-dating-violence-2014-a.pdf> [Consultado em 20/07/2018]

- Dixe, M., Rodrigues, A., Freire, C., Rodrigues, G., Fernandes, M., & Dias, T. (2010). *A Violência de gênero na relação de namoro em estudantes do ensino superior: práticas e comportamentos de violência*. Comunicação apresentada no VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Braga.
- Edward, K., Dardis, C., & Gidcys, C. (2011). Women's disclosure of dating violence: A mixed methodological study. *Feminism & Psychology, 22*(4), 507–517. <https://doi.org/10.1177/0959353511422280>
- Fry, D. A., Messinger, A. M., Rickert, V. I., O'Connor, M. K., Palmetto, N., Lessel, H., & Davidson, L. L. (2014). Adolescent relationship violence: Help-seeking and help-giving behaviors among peers. *Journal of Urban Health, 91*, 320-334. <https://doi.org/10.1007/s11524-013-9826-7>
- Gonzalez-Guarda, R., Ferranti, D., Halstead, V., & Ilia, V. (2016). Experiences with Dating Violence and Help Seeking Among Hispanic Females in Their Late Adolescence. *Issues Ment Health Nurs, 37*(4), 229–238. <https://doi.org/10.3109/01612840.2016.1141341>
- Hébert, M., Lavoie, F., Blais, M., & Guerrier, M. (2015). Understanding the hesitancy to disclose teen dating violence: Correlates of self-efficacy to deal with teen dating violence. *Victimology Society of Serbia, 17*(4), 43-64. <https://doi.org/10.2298/TEM1404043H>
- Hedge, J., Sianko, N., & McDonell, J. (2017). Professional help-seeking for adolescent dating violence in the rural south: The role of social support and informal help-seeking. *Violence Against Women, 1-20*. <https://doi.org/10.1177/1077801216662342>
- Hines, D., & Douglas, E. (2010). Intimate terrorism by women towards men: does it exist?. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research, Volume 2, Issue 3*. <https://doi.org/10.5042/jacpr.2010.0335>
- Jackson, S.M., Cram, F., & Seymour, F.W. (2000). Violence and sexual coercion in high school students' dating relationships. *Journal of Family Violence, 15*, 23-36. <https://doi.org/10.1023/A:1007545302987>

- Lavoie, F., Vezina, L., Piche, C., & Boivin, M. (1995). Evaluation of a prevention program for violence in teen dating relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, *10*, 516–524. <http://dx.doi.org/10.1177/088626095010004009>
- Lupri, E. (2004). *Domestic violence: The case of male abuse – Expanded and revised version of a commissioned document entitled Intimate Partner Violence Against Men*. Ottawa, Ontario: National Clearing house on Family Violence.
- Mahlstedt, D., & Keeny, L. (1993). Female survivors of dating violence and their social networks. *Feminism and Psychology*, *3*, 319-333. <https://doi.org/10.1177/0959353593033003>
- Moher D, Liberati A, Tetzlaff J, Altman DG, The PRISMA Group (2009). *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and MetaAnalyses: The PRISMA Statement*. PLoS Med 6(7): e1000097
- Moore, A., Sargent, M., Ferranti, D., & González-Guarda, M. (2015). Adolescent dating violence: Supports and barriers in accessing services. *Journal of Community Health Nursing*, *32*, 39-52. <https://doi.org/10.1080/07370016.2015.991668>
- Nichols, E., Bonomi, A., Kammes, R., & Miller, E. (2018). Service seeking experiences of college-aged sexual and intimate partner violence victims with a mental health and/or behavioral disability. *Journal of American college health*. <https://doi.org/10.1080/07448481.2018.1440572>
- Prospero, M., & Vohra-Gupta, S. (2008). The use of mental health services among victims of partner violence on college campuses. *Journal of Aggression, Maltreatment, and Trauma*, *16*, 376–390. <https://doi.org/10.1080/10926770801926450>
- Renzetti, C. M. (1988). *Violence in gay and lesbian domestic partnerships*. New York: Harrington Park.
- Rueda, A., Nagoshi, L., & Williams, R. (2014). Mexican American and European American adolescents' dating experiences across the ecosystem: Implications for healthy relationships within an ecodevelopmental framework. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, *24*, 358-376. <https://doi.org/10.1080/10911359.2013.831013>

- Sabina, C., & Ho, L. (2014). Campus and college victim responses to sexual assault and dating violence: disclosure, service utilization and service provision. *Trauma, Violence, & Abuse, 26*, 1-26. <https://doi.org/10.1177/1524838014521322>
- Sabina, C., Cuevas, C., & Rodriguez, R. (2014). Who to Turn to? Help-Seeking in Response to Teen Dating Violence Among Latinos. *Psychology of Violence, Vol. 4, No. 3*, 348–362. <http://dx.doi.org/10.1037/a0035037>
- Shen, A. (2011). Cultural Barriers to Help-Seeking Among Taiwanese Female Victims of Dating Violence. *Journal of Interpersonal Violence, 26*(7), 1343–136
- Sylaska, K., & Edwards, K. (2015). Disclosure Experiences of Sexual Minority College Student Victims of Intimate Partner Violence. *Am J Community Psychol, 55*, 326–335.
- Soares, J., Lopes, M., & Njaine, K. (2013). Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: busca de ajuda e rede de apoio. *Cadernos de Saúde Pública, 29*(6), 1121-1130.
- Swan, C., Allen, T., & Ridgeway, R. (2015). College Students' Beliefs Regarding Help Seeking for Male and Female Sexual Assault Survivors: Even Less Support for Male Survivors. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 24*, 102-115. <https://doi.org/10.1080/10926771.2015.982237>
- Tjaden, P., & Thoennes, N. (2000). Prevalence and consequences of male-to-female and female-to-male intimate partner violence as measured by the National Violence Against Women Survey. *Violence Against Women, 6*(2), 142-161. <https://doi.org/10.1177/10778010022181769>
- Watson, J. M., Cascardi, M., Avery-Leaf, S., & O'Leary, K. D. (2001). High school students' responses to dating aggression. *Violence and Victims, 16*, 339-348.
- Whitlock, J., Wyman, P., & Moore, S. (2014). Connectedness and suicide prevention in adolescents: Pathways and implications. *Suicide and Life-Threatening Behavior, 44*(3), 246-272. <https://doi.org/10.1111/sltb.12071>

PARTE B - Pedido de ajuda em vítimas de violência no namoro: Estudo empírico

Resumo

O presente estudo tem como objetivo principal analisar a forma como jovens vítimas de violência no namoro perceberam as dinâmicas abusivas ocorridas no âmbito das suas relações amorosas, procurando identificar e caracterizar os fatores inerentes ao pedido de ajuda e os que interferem com a revelação da situação abusiva. Para tal recorreu-se a uma entrevista semiestruturada administrada a 13 vítimas de violência no namoro, maioritariamente do sexo feminino (92%), com idades compreendidas entre os 17 e 30 anos ($M=25$; $D.P.=3.66$). O conteúdo das entrevistas foi submetido à análise temática. No geral, as vítimas admitiram revelar a situação abusiva, privilegiando sobretudo o recurso ao apoio informal; as pessoas mais próximas, especialmente os pares, foram identificados como as fontes mais apropriadas para a revelação da situação abusiva; as vítimas identificaram, ainda, várias razões para não pedir ajuda (e.g., o medo de represálias, a vergonha, o medo de perder o parceiro, o não reconhecimento da violência) bem como para a permanência na relação abusiva (e.g. dependência afetiva e emocional ao parceiro e crença na mudança de comportamentos). Os resultados do presente estudo reforçaram, deste modo, a necessidade de esforços preventivos e interventivos que promovam os comportamentos de pedido de ajuda nas vítimas de violência no namoro, de forma a propiciar o seu ajustamento psicológico e prevenir futuras agressões.

Palavras-chave: Violência no namoro, Vítimas, Revelação, Estratégias de procura de ajuda

Abstract

The present study aims at analysing the way youth, victims of dating violence, perceive the abusive dynamics that occur during their relationship, seeking to identify and characterize the inherent factors of the call for help and those that interfere with it. To accomplish the above, a semi-structured interview was conducted to 13 victims of dating violence, mainly the female gender (92%), with ages between 17 and 30 ($M=25$; $DP=3.66$). The content of the interviews was submitted to a thematic analysis. Overall the victims revealed the abusive situation by approaching a more informal support; people who were closer to the victims, especially pairs, were identified as a more efficient source of disclosure; the victims also revealed several reasons not to seek help (such as shame, fear of losing their partner, the non recognition of the abusive relationship) as well as identifying reasons for staying in the relationship (emotional and affective dependence for their partner and believing in a behaviour change). The results gathered from this study reinforce the need for preventive and interventional efforts to promote the need for calling for help and promoting psychological adjustment and prevent future assaults.

Key – Words: Dating violence, Victims, Disclosure, Help-seeking strategies.

1. Introdução

A literatura tem vindo a documentar que os jovens tendem a legitimar papéis irrealistas específicos do género (e.g., as mulheres, na condição de companheiras/esposas são entendidas como dóceis e submissas, como parte do domínio masculino e aos homens cabe a responsabilidade de sustentar a família, detendo, assim, o poder económico, e a mulher, por não trabalhar, depende economicamente do homem, justificando, assim, muitas vezes, a sua subjugação) e a concordar com noções míticas sobre o romance, o que os torna especialmente vulneráveis à violência nas relações de namoro. Estas noções tendem a ser exacerbadas durante a adolescência, dado que é um período de desenvolvimento e grande instabilidade emocional em que os jovens procuram explorar as suas próprias identidades (Jackson, Cram, & Seymour, 2000; Prothrow-Stith, 1991). Neste sentido tem sido defendido que os jovens apresentam um risco superior aos dos adultos de sofrer violência física ou psicológica, atendendo às suas poucas experiências relacionais, bem como a excessiva confiança que detêm no suporte providenciado pelos pares, muitas vezes também eles inexperientes nesta problemática (Callahan, Tolman, & Saunders, 2003) ou mesmo igualmente envolvidos em relações amorosas abusivas (Caridade & Machado, 2006).

O adolescente tende a iniciar a primeira relação de namoro entre os 13 e os 16 anos, numa altura em que é confrontado com a pressão dos pares para encetar uma relação amorosa, podendo esta funcionar como forma de aceitação ou promoção junto destes (Brown, 1999). O primeiro episódio de violência tende a suceder-se entre os 11 e os 17 anos de idade (Centers for Disease Control and Prevention, 2012).

Efetivamente, vários estudos (e.g., Ehlert, 2007; Straus, 2004) têm vindo a comprovar que a violência no namoro é uma realidade presente em muitas relações amorosas entre jovens, constituindo um problema social significativo. Os dados de prevalência desta problemática presentes na literatura internacional e nacional sobre o fenómeno apontam para índices preocupantes. A título exemplificativo uma investigação realizada nos Estados Unidos da América com o objetivo de explorar a prevalência de violência psicológica e de violência física menor numa amostra composta por 7.500 jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 21 anos, verificaram que um em cada dez jovens foi vítima de violência física e três em dez foram vítimas de violência psicológica nos seus relacionamentos amorosos (Halpern, Oslak, Young, Martin, & Kupper, 2001). No contexto português, a UMAR (2016) num estudo conduzido em

contexto escolar com uma amostra de 5.500 jovens com uma média de idades de 15 anos, comprovou que 56% dos participantes admitiram ter sido alvo de violência íntima, sendo que 18% experienciaram violência psicológica, 16% perseguições, 12% violência através das redes sociais, 11% situações de controlo, 7% violência sexual e 6% agressão física por parte do/a parceiro/a. Em termos de diferenças de género, os estudos desenvolvidos neste âmbito não reúnem consenso. Inicialmente a investigação sobre violência nas relações de intimidade, com base nas perspetivas feministas, apontavam os homens como agressores primários, sendo a mulher a principal vítima (e.g., Makepeace, 1981). Estudos nacionais mais recentes (e.g., RASI, 2017) e internacionais (e.g., Bonomi, Anderson, Nemeth, Rivara, & Buettner, 2014) corroboraram esta premissa. Não obstante, outras investigações (e.g., Caridade & Machado, 2013; Fernández-Fuertes & Fuertes, 2010) evidenciaram que as mulheres admitem recorrer mais frequentemente à violência, sendo a violência psicológica a mais perpetrada (Rubio-Garay, López-González, Saúl, & Sánchez-Elvira-Paniagua, 2012). Contudo, a violência perpetrada pelas mulheres tem sido percebida como ocorrendo num contexto de autodefesa e em resposta às ofensas verbais dos agressores (Caridade, 2011; Hickman, Jaycox & Aronoffet, 2004; Smith, 2008); por sua vez, sabe-se que os homens, tendem a desvalorizar ou minimizar os comportamentos agressivos (Sears, Byers, Whelan, & Saint-Pierre, 2006, UMAR, 2016).

A violência nas relações de namoro apresenta um grande número de efeitos nefastos para as vítimas, dos quais se destacam problemas associados à saúde mental e física. A literatura tem vindo a evidenciar que as raparigas apresentam distúrbios alimentares, baixa autoestima e mal-estar emocional, ataques de pânico, consumo de bebidas alcoólicas, sintomatologia depressiva, ideação suicida e tabagismo, enquanto que os rapazes, por sua vez, adotam comportamentos antissociais, ideação/tentativa suicida, ataques de pânico, consumo de álcool e estupefacientes, como marijuana (Romito & Grassi, 2007). Pedir ajuda em situações de violência no namoro é crucial para mitigar os riscos associados à saúde mental dos jovens, melhorar as habilidades de negociação de conflitos e de controlo da raiva, bem como desenvolver estratégias de autoproteção e prevenção da violência futura (Caridade, 2018). O pedido de ajuda pode ser entendida como o processo pelo qual as vítimas de violência nas relações de namoro identificam as suas situações de relacionamento como problemáticas, o que pode ser seguido por uma necessidade de assistência externa que poderia envolver a escolha de apoios formais (e.g., Órgãos de Polícia Criminal, técnicos de saúde e professores) ou informais (e.g.,

familiares, amigos e colegas) na tentativa de resolver a situação e abandonar a relação (Liang, Goodman, Tummala, Narra, & Weintraub, 2005).

A literatura, no entanto, demonstra que adolescentes e jovens mostram uma relutância em pedir ajuda (e.g., Gallopin, & Leigh, 2009; Moore, Sargent, Ferranti, & Gonzalez-Guarda, 2015). Tem sido argumentado que as vítimas podem antecipar uma resposta negativa (e.g., julgamento, supervalorização ou desvalorização, depreciação, culpar a vítima, sugestão para terminar o relacionamento) da fonte de revelação à qual procuram ajuda (Gallopin & Leigh, 2009). Além disso, existe uma tendência clara para os jovens privilegiarem o recurso a fontes informais em detrimento das fontes de revelação mais formais (Boldero & Fallon, 1995; Sabine & Ho, 2014), incidindo o pedido de ajuda essencialmente nos pares. As vítimas raramente revelam a violência junto dos pais, uma vez que o primeiro interesse passa por desabafar com um amigo por medo do julgamento e vergonha associados à exposição da situação de abuso aos pais (Gallopin & Leigh, 2009; O'Keefe, 2005).

Dada a enorme importância deste tema e considerando a escassez de informação e estudos realizados em Portugal, acerca do pedido de ajuda por parte das vítimas de violência no namoro, tornou-se imprescindível investigar esta temática.

2. Objetivos

O presente estudo procurou analisar a forma como vítimas de violência no namoro percebem o abuso íntimo e as suas dinâmicas, procurando identificar e compreender os fatores inerentes ao pedido de ajuda e os que interferem com a revelação da situação abusiva junto das fontes formais e informais.

De uma forma mais específica pretendeu-se:

- i) Compreender como as vítimas conceptualizam os conceitos de relações íntimas e de amor;
- ii) Perceber como as vítimas encaram a violência no âmbito das suas relações amorosas e as suas dinâmicas;
- iii) Identificar os motivos e as crenças que levam as vítimas a não revelarem a situação abusiva;

- iv) Identificar as fontes de revelação mais recorrentes aquando do pedido de ajuda, procurando ainda perceber as motivações subjacentes a tal escolha;
- v) Analisar como as vítimas qualificam a eficácia do pedido de ajuda na resolução da situação abusiva em que estão inseridas.

3. Metodologia

A fase metodológica apresentou-se como decisiva para o desenvolvimento do estudo, uma vez que é nesta fase que é definida a forma como a investigação vai ser elaborada e que possibilita a obtenção de respostas. Após a investigação ter sido delineada, procedeu-se à caracterização da população a ser estudada, bem como os respetivos métodos a adotar.

Dito isto, a presente investigação envolve um estudo de carácter descritivo e exploratório, de natureza qualitativa. Bogdan e Taylor (1986) consideram que a investigação qualitativa, por permitir a subjetividade do investigador na procura do conhecimento, requer uma maior diversificação nos procedimentos metodológicos utilizados na investigação. O instrumento selecionado para a recolha dos dados envolveu o recurso a entrevistas individuais, mediante um guião semiestruturado.

A opção por este instrumento prendeu-se com o facto de a entrevista permitir a obtenção de uma grande riqueza informativa; proporcionar ao participante uma oportunidade de esclarecimentos de respostas; possibilitar a inclusão de roteiros não previstos, sendo esse um marco de interação mais direta e espontânea; possibilitar um ajuste ou alterações durante o decorrer da entrevista, uma vez que se trata de uma técnica flexível (Rosa & Arnoldi, 2006 citados por Júnior & Júnior, 2011), captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e ênfase nas respostas (Gil, 1999) e, por fim, por permitir a sua utilização com pessoas não aptas à leitura (Ribeiro, 2008). No entanto, a utilização de uma entrevista tem as suas desvantagens, nomeadamente a sujeição à polarização do entrevistador, a não garantia do anonimato (Ribeiro, 2008) e potencial influência das opiniões pessoais do investigador sobre as respostas do participante (Gil, 1999).

3.1. Participantes

Inicialmente foi delineada que a população alvo deste estudo seriam utentes de associações de apoio à vítima (e.g., Associação Plano I, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, Gabinete de Apoio à Vítima de Violência Doméstica e União de Mulheres Alternativa e Resposta), no entanto não foram reunidos utentes, em número considerado suficiente, com intenção para participar no estudo.

Foram contabilizadas sete recusas de participação no estudo e uma desistência. Os motivos para a não participação foram, essencialmente, três: (i) impossibilidade de deslocação (n=3), sendo que os indivíduos afirmaram não possuir meios de deslocação para um espaço adequado para realizar as entrevistas, bem como não foi apresentada uma solução de um espaço do conhecimento destes para a deslocação da investigadora até eles; (ii) incompatibilidade de horários entre a investigadora e os participantes para recolha de dados (n=2); (iii) não quererem falar sobre a violência sofrida na relação de namoro (n=2), um indivíduo afirmou acreditar que todos os princípios de confidencialidade e anonimato seriam garantidos, contudo não se sentia à-vontade para abordar esta temática tão pessoal. Neste seguimento, ponderou-se a possibilidade de realização da entrevista de forma não presencial, com recurso a meios digitais, como plataformas de mensagens instantâneas (e.g., *Facebook Messenger* e *WhatsApp*). Neste sentido, os indivíduos foram novamente contactados com esta hipótese de realização da entrevista, sendo que cinco integraram a amostra final do estudo.

O presente estudo integra uma amostra não probabilística de 13 participantes, que admitiram ter sofrido violência no namoro, com idades compreendidas entre os 17 e 30 anos (M=25; D.P.=3.66), que cumpriram os seguintes critérios de inclusão: (a) admitirem terem sido ou serem vítimas de violência no âmbito das suas relações de namoro e (b) serem adolescentes ou jovens adultos. A escolha desta faixa etária recai pelo facto de a violência nas relações íntimas ser uma realidade presente em diferentes faixas etárias, podendo iniciar-se na pré-adolescência, atravessando a adolescência e ir até à idade adulta (Lavoie, Robitaille, & Hébert, 2000). Como critérios de exclusão, considerou-se: (a) não terem sofrido violência na relação de namoro e (b) terem sido ou serem vítimas de violência conjugal.

Verificou-se que a generalidade dos participantes era do sexo feminino (92%), com idades compreendidas entre os 17 e 30 anos, com uma média de idades de 25 anos

(D.P.=3.66). Um número significativo de inquiridos (12) identificou-se como sendo heterossexuais e somente um inquirido como homossexual. Já no que diz respeito às habilitações literárias das vítimas constatou-se que dos 13 inquiridos, uma completou o 2º ciclo (8%), duas completaram o 3º ciclo (15%), seis completaram o ensino secundário (46%), duas completaram a licenciatura (15%) e também duas completaram o mestrado (15%). Quanto à idade de início das relações amorosas, segundo os participantes inquiridos, situou-se na generalidade na faixa etária dos 13 aos 17 anos (n=9) e os restantes quatro inquiridos apontaram o intervalo etário entre os 18 e os 22 anos, a média de idades foi de 16 anos e o desvio padrão de 2.24. Relativamente à duração do relacionamento abusivo, um número substancial de participantes (n=6) indicou que a relação durou entre 1 ano a 3 anos, 5 participantes entre os 4 a 7 anos e 2 participantes mencionaram entre 8 e 13 anos (Tabela 1).

Tabela 1

Dados sociodemográficos das vítimas inquiridas

Vítimas inquiridas* (N=13)	Idade	Orientação sexual	Habilitações literárias	Idade início da relação	Duração da relação
Ana	23	Heterossexual	12º ano	17	4
Daniel	23	Homossexual	Licenciatura	18	3
Diana	26	Heterossexual	12º ano	16	2
Graça	29	Heterossexual	9º ano	14	13
Isa	28	Heterossexual	6º ano	22	2
Laura	26	Heterossexual	Mestrado	15	6
Maria	30	Heterossexual	12º ano	18	4
Maria João	27	Heterossexual	Mestrado	14	3
Mariana	22	Heterossexual	Licenciatura	17	2
Matilde	24	Heterossexual	9º ano	18	4
Núria	25	Heterossexual	12º ano	13	8
Renata	17	Heterossexual	12º ano	16	1
Sónia	30	Heterossexual	12º ano	17	5

*Os nomes representados foram definidos pelos próprios participantes inquiridos, para que deste modo a identidade dos intervenientes fosse protegida

3.2. Procedimentos

A investigação proposta passou, essencialmente, por duas fases genéricas: (1) Solicitação das devidas autorizações e declarações de consentimento informado; (2) Recolha dos dados pretendidos através do questionário sociodemográfico e do guião de entrevista individual.

3.2.1. Autorizações e declarações de consentimento informado

Para a concretização deste estudo procedeu-se à autorização para colaboração aos/às responsáveis de algumas associações de apoio à vítima no distrito do Porto, como a Associação Plano I, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, Gabinete de Apoio à Vítima de Violência Doméstica e União de Mulheres Alternativa e Resposta, no entanto e, como referido anteriormente, não foram reunidos utentes com intenção para participar no estudo. Deste modo, a seleção de participantes resultou da técnica de *snowball* (amostragem por bola de neve), através de contactos informais, uma vez que alguns participantes foram arrolados para participar no estudo por intermédio de outros participantes que conheciam sujeitos com os critérios de inclusão previamente definidos. Neste tipo de amostra, a seleção dos indivíduos é feita pelos próprios participantes a partir do referenciamento de conhecidos. De acordo com Baldin e Munhoz (2011, p.332) esta técnica de recolha de dados:

“(...) é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes, que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente (...) é uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referência, uma espécie de rede.”

De seguida, submeteu-se o protocolo de investigação para análise e aprovação pela Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa (Cf., Anexo B), de forma a um rigoroso escrutínio das questões éticas e deontológicas inerentes ao presente estudo. Posteriormente foram assinadas as declarações de consentimento informado, no sentido de concederem autorização para participação no estudo. Os jovens maiores de idade assinaram a declaração de consentimento informado (Cf., Anexo D) e, no caso, do participante inquirido ser menor de idade foi assinada a declaração de assentimento (Cf., Anexo E) e a declaração de consentimento informado pelos responsáveis legais (Cf., Anexo F). As declarações fazem uma breve apresentação do estudo, ilustrando os

objetivos, os métodos e caráter voluntário, confidencial e anônimo que o estudo possui. Foi dada a possibilidade esclarecimentos de possíveis dúvidas a ter após a leitura.

3.2.2. Recolha de dados através dos instrumentos

Os participantes preencheram em primeiro lugar o questionário sociodemográfico (Cf., Anexo C) e posteriormente a entrevista. No início das entrevistas foi realizado um agradecimento à presença e disponibilidade dos mesmos e apresentado o estudo, a sua pertinência e os seus objetivos, sendo igualmente garantida a confidencialidade e o anonimato dos dados fornecidos. Foram também informados de que o estudo não lhes acarretaria qualquer risco ou encargo financeiro e que, caso desejassem, poderiam não responder a qualquer pergunta e detinham o direito de desistir a qualquer momento, inclusive no decorrer da entrevista.

As entrevistas presenciais foram realizadas num local tranquilo, descontraído e confortável escolhido pela vítima ou numa sala reservada para este efeito na Universidade Fernando Pessoa, para que deste modo a segurança, a identidade e o estado emocional dos participantes não fossem comprometidos e a recolha de dados decorresse sem interrupções e ausente de distrações. As entrevistas foram registadas em suporte papel e digital (sonoro) para a sua posterior transcrição. No final das entrevistas, os participantes foram ainda informados acerca das possíveis instituições que prestam apoio a vítimas de crimes e outras linhas de contacto, caso desejassem obter algum tipo de ajuda.

3.3. Instrumentos

3.3.1. Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico (Cf., Anexo C) visou recolher os dados que possibilitassem uma melhor caracterização da amostra, bem como verificar se a vítima preenchia os critérios de inclusão no estudo. Integraram este questionário variáveis como o sexo, a idade e a orientação sexual. Ademais, foi solicitado aos participantes que se identificassem com nomes fictícios, para que deste modo o anonimato fosse garantido e este seria o nome pelo qual iriam ser tratados no decorrer na entrevista.

O preenchimento do questionário teve a duração média de três minutos.

3.3.2. Entrevista individual

Pese embora no contexto português existirem já alguns instrumentos especificamente construídos para estudar a violência no namoro, a verdade é que não parecem existir instrumentos específicos que procurem analisar a procura do pedido de ajuda ou não revelação por parte das vítimas numa relação de violência. Neste sentido, optou-se por elaborar um guião de entrevista semiestruturada (Cf., Anexo G).

A entrevista semiestruturada, conhecida como semidiretiva ou semiaberta, foi identificada como sendo a mais indicada tendo em consideração as características da investigação e da amostra, e também por ser a mais apropriada para aprofundar o ponto de vista subjetivo dos participantes sobre o fenómeno da violência nas relações de intimidade. O presente estudo, não pretendeu tratar intenções de pedidos de ajuda, procurou depoimentos individuais, captando os significados que os indivíduos atribuem às suas experiências de pedidos de ajuda (Kvale & Brinkmann, 2009). Neste tipo de entrevista, o investigador constrói um guião, com determinadas questões abertas, porém, não administrado rigidamente, é permitido que o entrevistador altere a ordem das questões ou até mesmo formular outras em função das respostas dos entrevistados (DiCicco-Bloom & Crabtree, 2006; Ludke & André, 1986 citados por Ribeiro, 2010).

Sublinha-se que o guião tem como principal intuito orientar as entrevistas e, simultaneamente, dar alguma garantia de que se colocarão as mesmas questões ou questões muito semelhantes a todos os participantes do estudo (Ribeiro, 2010).

O guião de entrevista alusiva ao Pedido de Ajuda em Relações de Namoro Abusivas foi desenvolvido a partir de uma análise exaustiva da literatura neste âmbito. Para procedimentos de validação, o guião foi submetido à realização do pré-teste. Este foi realizado em encontros individuais com dois jovens, que não participaram no estudo final. O pré-teste permitiu testar a legibilidade das questões colocadas. Com base nas sugestões de correção dos dois inquiridos, as perguntas foram reformuladas ou mesmo eliminadas da versão final, permitindo melhorar o guião de entrevista. Por exemplo, foram eliminadas perguntas que resultavam em respostas muito fechadas que não traziam conteúdo ao estudo, do mesmo modo que perguntas duplicadas em que foi possível compreender que o tópico abordado surgiu ao longo da entrevista pelos participantes, fossem igualmente excluídas. Foi, ainda, reduzido o número de perguntas de forma a não

provocar fadiga aos entrevistados. Ademais e, com o intuito de um maior rigor teórico da temática em estudo o guião foi submetido a análise por um especialista da área.

O guião de entrevista (Cf., Anexo G) é composto por 20 questões abertas e fechadas, estruturadas em seis secções: I) Conceito de n(amor)o; II) Violência no namoro e dinâmicas; III) Caracterização da relação abusiva; IV) Permanência na relação abusiva; V) Revelação da situação de violência no namoro e, VI) Eficácia do pedido de ajuda em violência no namoro. A primeira secção diz respeito ao entendimento dos inquiridos relativamente à definição de um n(amor)o. A segunda secção corresponde ao nível de conhecimento dos participantes em relação à problemática, nomeadamente a extensão da VN, motivações para o uso da violência por parte do/a agressor/a e consequências para a vítima e agressor/a. Na terceira apresenta-se uma longa caracterização da relação abusiva, como as tipologias abusivas sofridas. Na quarta secção procura-se indagar as vítimas sobre os motivos que as levaram a permanecer na relação abusiva e as motivações para a não pedirem ajuda. A quinta secção refere-se à revelação ou não da situação abusiva por parte das vítimas e sobre o tipo de fontes requeridas e os motivos para a escolha de determinada(s) fonte(s), e os tipos de apoio fornecidos. Ademais, também se procurou entender em que tipo de fonte os inquiridos se sentiriam mais confortáveis para revelar a situação. Por último, a sexta secção, tem em consideração a avaliação do pedido de ajuda na resolução da sua situação, como a avaliação geral da revelação, bem como a avaliação da revelação a fontes informais e fontes formais.

A investigadora esteve encarregue de introduzir as questões, facilitar a dinâmica de interação entre os participantes, permitindo que estes partilhassem ideias e/ou pensamentos reflexivos (Galego & Gomes, 2005) e, por fim, registar em suporte papel e digital (sonoro) todos os dados fornecidos para a sua posterior transcrição. As entrevistas tiveram uma duração média de 50 minutos.

3.4. Análise dos dados

Na análise dos dados, recorreu-se à análise temática que se apresenta como “uma técnica de análise qualitativa caracterizada pela flexibilidade por ser essencialmente independente de uma teoria ou epistemologia específica e que pode ser aplicada com uma variedade de abordagens teóricas e epistemológicas.” (Barbosa, 2017, p.5). Após transcrição integral e fiel das 13 entrevistas, seguiu-se o procedimento de codificação

indutiva, em que os temas identificados estavam fortemente ligados aos dados, sem haver a obrigatoriedade de ajuste a um quadro de codificação pré-existente como defendido por Braun e Clarke (2006), sendo a unidade de análise utilizada a frase. A codificação foi o mais inclusiva possível para evitar ocultar qualquer extrato potencialmente importante no tema. Para assegurar a confiança, transparência e credibilidade dos resultados, adotaram-se algumas estratégias de validação a diferentes níveis: i) ao nível da constituição da amostra procurou-se assegurar a saturação das características dos participantes; ii) ao nível da escrita procedeu-se a uma descrição o mais densa possível dos resultados, tendo ainda todo o processo de codificação sido auditorado por uma investigadora mais sénior (e.g., as descobertas estão enraizadas nos dados? A amostra é adequada? Os dados foram corretamente ponderados? A estrutura das categorias é adequada?); iii) ao longo de todo o processo, registou-se a reflexividade adotada pelas investigadoras, vertida num autoquestionamento constante dos dados (e.g., Como é que eu sei o que sei? O que molda/condiciona a minha perspetiva? Com que voz partilho a minha perspetiva? O que faço com o que encontrei?). Após a recolha e análise dos dados, foi possível reconhecer seis temáticas principais, com as suas respetivas especificidades, referidas pelos participantes, que deram origem às seguintes categorias gerais: conceito de n(amor)o, violência no namoro e dinâmicas, caracterização da relação abusiva, permanência na relação abusiva, revelação da situação de violência no namoro e eficácia do pedido de ajuda em violência no namoro.

4. Resultados

Em uma análise global, são referidas as categorias gerais, as categorias específicas e subcategorias que foram surgindo, relacionadas com a perceção das vítimas sobre o pedido de ajuda na relação abusiva.

4.1. Definição n(amor)o ideal

Os participantes mencionaram oito características intrínsecas à definição de um n(amor)o ideal. Destacam-se, pelo seu número de participantes, as seguintes dimensões/caraterísticas: amor (n=8), planos futuros (n=6), respeito mútuo (n=5), apoio/entregajuda (n=4), amizade (n=3), confiança (n=3), honestidade (n=2) e sacrifício pelo outro (n=2) (eg., Ana: *“quando a pessoa se sacrifica por nós”*, Laura: *“passa por fazermos coisas que não gostamos pelo outro”*).

Tabela 1*Definição de n(amor)o ideal*

Categorias gerais	Categorias específicas	Subcategorias	Freq.
1. Definição n(amor)o ideal	1.1. Dimensões/ características	1.1.1. Amor	8
		1.1.2. Planos futuros	6
		1.1.3. Respeito mútuo	5
		1.1.4. Apoio/entreaajuda	4
		1.1.5. Amizade	3
		1.1.6. Confiança	3
		1.1.7. Honestidade	2
		1.1.8. Sacrifício pelo outro	2

4.2. Dinâmicas abusivas no namoro

Quando questionados sobre a extensão/prevalência da violência no namoro, a subcategoria “muito frequente” foi a mais referida (n=10) e a subcategoria “em crescimento” foi mencionada por três participantes (e.g., Mariana: *“cada vez está mais a acontecer”*, Matilde: *“está a aumentar, cada vez que se ouve falar mais”*, Renata: *“cada vez é mais frequente, devido ao número de adolescente a namorar mais e mais cedo.”*).

Sobre as motivações inerentes ao uso da violência, a necessidade de afirmação do agressor na relação foi a mais referida (n=8). Muitos participantes (n=4) revelaram que a necessidade de demonstração de poder sobre o outro leva ao uso da violência (e.g., Maria: *“necessidade de sentimento de poder”*, Maria João: *“abuso de poder, o poder económico”*, Matilde: *“encontra a dominação noutra pessoa para se sentir alguém e superior”*, Laura: *“a prepotência”*). A frustração da incapacidade de controlar o/a companheiro/a incita a que o/a agressor/a recorra à violência física (n=2) (e.g., Graça: *“frustração do não conseguir mandar só em palavras”*, Isa: *“quando quer alguma coisa e a companheira recusa porque está farta de obedecer, ele bate”*). Muitas vítimas (n=2) referiram que a necessidade de posse amparou o uso de violência nas relações de namoro (e.g., Mariana: *“encara a pessoa que tem ao lado como propriedade dele”*, Núria: *“a ideia que manda na mulher e as mulheres já não aceitam que os homens mandem nelas”*). Outro motivo também referido foi a exposição à violência na infância (n=4) (e.g., Maria João: *“por terem assistido ao mesmo em criança”*, Mariana: *“viu em casa”*, Matilde: *“cheguei a ver violência doméstica entre os pais deles, a mãe dele chegou a cair inanimada nos meus braços, acho que é isso”*, Renata: *“os pais terem sido também*

agressores e vítimas de violência domésticas”). As características individuais do/a agressor/a podem influenciar o comportamento segundo quatro participantes do estudo (n=4), como por exemplo a imaturidade (e.g., Diana: “*não estão preparados para um compromisso, para assumir uma responsabilidade*”), a incapacidade de resolução de problemas (e.g., Mariana: “*encara a violência como uma forma de resolver problemas*”), raiva (e.g., Renata), ausência de amor próprio (e.g., Matilde: “*falta de amor próprio, falta de atenção, falta de tudo*”) e problemas psicológicos (e.g., Renata). A subcategoria, situações problemáticas na infância, foi mencionada por dois participantes do estudo (e.g., Sônia: “*tinha um problema ou uma situação mais complicada na infância e adolescência*”). Consumos de drogas (n=1) também foi apontado como fundamento para o uso da violência (e.g., Maria João: “*toxicod dependência e abuso de álcool*”).

No diz respeito às consequências da violência no namoro para o/a agressor/a, a maioria dos participantes (n=7) referiram que não existem quaisquer tipos de sequelas. Quatro participantes mencionaram a privação da liberdade como uma possível consequência. A ruptura da relação (n=2) foi também identificada como um motivo referido pelas vítimas (e.g., Isa: “*perderem as pessoas que mais amam*”, Renata: “*perder a pessoa supostamente amada*”). Por último, foi ainda mencionado o afastamento da família por dois participantes (e.g., Laura: “*quando a mãe dele, após o término, me perguntou diretamente o que ele fez, acho que foi o que lhe custou mais porque ele era o lobo em pele de cordeiro*”).

De entre as diferentes consequências que a experiência de violência tem na vítima, a baixa autoestima foi a mais reportada pelos participantes (n=7) (e.g., Daniel: “*eu cheguei a pensar que mais valia estar nesta relação e aguentar porque como eu sou nunca vou encontrar ninguém*”) (Núria: “*acreditei mesmo no que ele dizia, que eu não valia nada*”, Laura: “*ele roubou a minha identidade, roubou-me a autoestima*”). Seguiu-se a desconfiança nos outros (n=4), principalmente a descrença de uma relação normativa (e.g., Maria João: “*um medo aterrador de que as próximas relações podem acabar da mesma forma, o que inevitavelmente leva ao medo de voltar a ter um relacionamento*”, Laura: “*ganhei inclusive pânico a homens*”); esta desconfiança nos outros levava muitas vezes ao isolamento (n=3) (e.g., Matilde: “*causou distúrbios na socialização que me fazia encontrar refúgio no isolamento*”, Laura: “*socialmente eu deixei quase de me conseguir dar com pessoas*”). De forma menos expressiva os participantes apontaram ainda os pensamentos depressivos (n=3) (e.g., Diana: “*as perturbações depressivas que causou*

foram não só a curto, mas a longo prazo”, Maria: “tive que tomar medicação muito forte de psiquiatras”), os distúrbios alimentares (n=2) (e.g., Matilde: “chegou a uma altura que eu estava com 40 quilos, bati mesmo no charco”, Laura: “iniciei a relação com cerca de 60 kg acabei com 86 kg eu já não era eu”) e o medo (n=2) (e.g., Mariana: “é um medo constante nas nossas vidas”, Graça: “instala se o medo, a incapacidade, o terror”).

Tabela 2

Dinâmicas abusivas no namoro

Categorias gerais	Categorias específicas	Subcategorias	Freq.
2. Dinâmicas abusivas no namoro	2.1. Extensão/prevalência	2.1.1. Muito frequente	10
		2.1.2. Em crescimento	3
	2.2. Motivações para a violência	2.2.1 Afirmação na relação	8
		2.2.2. Exposição à violência na infância	4
		2.2.3. Caraterísticas individuais	4
		2.2.4. Situações problemáticas na infância	2
		2.2.5. Consumos	1
	2.3. Consequências da VN para o agressor	2.3.1. Ausentes	7
		2.3.2. Privação da liberdade	4
		2.3.3. Rutura da relação	2
		2.3.4. Afastamento da família	2
	2.4. Consequências da VN para a vítima	2.4.1. Baixa autoestima	7
		2.4.2. Desconfiança nos outros	4
		2.4.3. Isolamento	3
		2.4.4. Pensamentos depressivos	3
		2.4.5. Distúrbios alimentares	2
		2.4.6. Medo	2

4.3. Caracterização da relação abusiva

No total foram relatadas pelos participantes sete tipologias abusivas sofridas aquando as suas relações de namoro. Todos os participantes (n=13) indicaram a violência psicológica como sendo a tipologia mais frequente (e.g., Diana: *“dos piores comportamentos que ele teve foi a privação, se quisesse sair ao shopping ou à praia não podia, ele controlava-me”*, Laura: *“ele tinha que saber tudo da minha vida, tinha que controlar tudo, era como se fosse um peão na minha própria vida”*, Matilde: *“apertava as minhas ideias eu sentia-me sufocada”*, Renata: *“ele punha-me abaixo de cão, fazia-me sentir inferior, dizia que eu não era nada, que eu é que estava mal e ele estava bem”*). Seguida da violência física, com um número de 12 vítimas que relataram sofrer desde empurrões a pontapés (e.g., Diana *“ele fechava-me no quarto, eram pontapés na barriga e atirava-me para o chão”*, Graça: *“fechou-me nas traseiras de uma carrinha foram murros pontapés, puxões de cabelo, fiquei com a cara desfigurada, tinha apenas 16 anos”*, Matilde: *“eu já estava tão habituada que se levasse mais porrada eu nem notava”*). Será também importante mencionar que uma inquirida do estudo mencionou que a filha morreu pouco depois de nascer, do qual responsabilizando o ex-namorado dessa morte (Diana: *“a médica disse que a morte dela só podia ter sido provocada por um trauma, eu soube logo a menina morreu por causa da pancada toda”*). A violência social foi apontada por oito participantes (e.g., Isa: *“começou a proibir-me de falar com os meus amigos partindo-me o cartão, proibiu-me de falar até com a minha mãe”*, Mariana: *“ele ia levar-me e buscar-me à escola para eu não falar ou estar com alguém”*), seguindo-se a violência verbal (n=7) (e.g., Daniel: *“chamava me gordo e que tinha a boca muito grande”*, Núria: *“chamava-me de gorda, de feia, dizia que nunca ninguém ia olhar pra mim”*). Por último, as tipologias abusivas menos relatadas foram: *stalking* (n=3) (e.g., Ana: *“ele continua a mandar mensagens e a fazer-me esperas”*, Matilde: *“depois de terminar tinha chamadas consecutivas dele”*), a violência sexual (n=2) (e.g., Diana: *“eu estava grávida era normal que estava mais desconfortável até com o próprio corpo, ele obrigava-me de certa forma a ter relações, ele dizia-me com todas as palavras «só venho cá ao fim-de-semana, tu tens de me dar alguma coisa»”*, Sónia: *“o primeiro comportamento foi o pressionar para termos relações, acabei por ceder à pressão toda”*) e a violência financeira (n=1) (e.g., Maria João: *“extorquia-me dinheiro, tive de deixar a faculdade e comecei a trabalhar num shopping, só para lhe pagar o vício, até um cartão de crédito pedi”*).

Tabela 3*Caraterização da relação abusiva*

Categorias gerais	Categorias específicas	Subcategorias	Freq.
3. Caraterização da relação abusiva	3.1. Tipologias abusivas sofridas	3.1.1. Violência psicológica	13
		3.1.2. Violência física	12
		3.1.3. Violência social	8
		3.1.4. Violência verbal	7
		3.1.5. <i>Stalking</i>	3
		3.1.6. Violência sexual	2
		3.1.7. Violência financeira	1

4.4. Permanência na relação violenta

Todos os participantes (n=13) afirmaram ter um historial de separações e reconciliações com o parceiro abusivo, fizeram referência aos motivos que os influenciaram a permanecer na relação e a retomar, em mais do que uma ocasião. No total, foram mencionados pelos participantes cinco motivos: dependência afetiva e emocional, crenças na mudança, dependência do parceiro, pressão de terceiros e sentimento de culpabilização.

Os sentimentos dos participantes relativamente ao parceiro abusivo foram mencionados por 11 vítimas. Os participantes indicaram que um dos principais motivos que influenciou a sua decisão de permanecer numa relação que é violenta, foi o facto de existir uma dependência emocional relativamente ao parceiro (e.g., Mariana: *“era tolinha por ele, era o homem que eu achava que ia ser para a minha vida toda”*, Núria: *“o maior motivo, sem ser hipócrita, foi sem dúvida gostar dele”*, Maria João: *“era um amor doentio*, Renata: *“porque ele tinha tudo que eu procurava em alguém”*). Alguns participantes (n=2) justificaram a permanência na relação alegando as implicações que a sua baixa autoestima poderia ter, nomeadamente, o facto de ninguém nutrir sentimento por eles e sentirem-se isolados (e.g., Daniel: *“não o conseguia deixar porque não conseguia arranjar melhor”*, Matilde: *“medo de não conseguir ser feliz com outra pessoa, pois ele incutiu-me essa ideia de tal forma, fazia-me acreditar que só com ele era feliz”*). Um outro motivo apontado pelos participantes como sendo influenciador da permanência no relacionamento abusivo, relacionou-se com a crença de que o parceiro altere o comportamento abusivo (n=9). Mais concretamente, as vítimas fundamentaram o seu investimento na relação amorosa, apoiando-se na esperança de que, um dia, o

parceiro irá mudar os seus modos de agir, podendo ser o companheiro ideal que outrora fora (e.g., Renata: *“pensava que ele ia mudar, porque no início da relação era um namorado impecável não conseguia imaginar melhor”*, Matilde: *“perdi a conta das vezes que chorei, que implorei, que esperei que ele mudasse que voltasse ao que era”*). A esperança por parte das vítimas também surgiu, por vezes, suportada nas promessas feitas pelo parceiro (n=3) (e.g., Graça: *“existiu um pedido de desculpas muito emocionado acompanhado de um ramo de rosas e a promessa que não voltaria a repetir-se”*, Ana: *“ele dizia que ia mudar e que eu era o amor da vida dele e era a mulher para vida dele e pronto desculpei uma, duas, dez e 20 vezes, não se contam sequer as inúmeras vezes que o desculpei”*, Laura: *“ele tinha desde comportamentos agressivos a planos de casamento”*). A dependência ao parceiro, principalmente a existência de filhos, foi identificada como um forte obstáculo à saída da relação segundo alguns dos participantes (n=4) (e.g., Diana: *“a minha prioridade em estar com ele, a minha filha precisava de um pai presente. O que seria dela sem um pai?”*). A dependência financeira também surgiu como um motivo de permanência na relação (n=1) (e.g., Graça: *“a condição financeira, porque fui proibida de trabalhar pelo meu namorado”*). Outro motivo de permanência na relação abusiva mencionado por duas participantes foi o incentivo/pressão de terceiros. Esta pressão para permanecer no relacionamento terá sido exercida fundamentalmente por familiares tanto da vítima como do agressor, que tinham conhecimento da violência perpetrada (e.g., Núria: *“a minha mãe sabia de tudo e dizia que era vida que tinha eu escolhido, tinha de levar com ela”*). Uma outra participante mencionou que a família do agressor incentivou também à permanência na relação por haver uma ligação emocional entre os namorados que permitiria à vítima a desculpabilização da violência, e caso esta terminasse, a vítima estaria sozinha com a filha (e.g., Sónia: *“a mãe dele dizia que quem ama fica”*”a família dele dizia que era com ele que devia estar, que era vergonhoso ser mãe solteira”). Igualmente referida por duas participantes, a culpabilização da violência por parte da vítima (n=2) (e.g., Graça: *“ou era por ciúmes, ou era porque chegava maldisposto e eu ate já achava que a culpa era minha”*, Renata: *“acho que tinha culpa porque eu é que o irritava”*).

Para melhor clarificação dos motivos subjacentes à permanência dos participantes na relação abusiva, elaborou-se uma tabela sumária:

Tabela 4*Motivos para permanência na relação abusiva*

	Dependência afetiva	Crenças na mudança	Dependência do parceiro	Pressão de terceiros	Sentimento de culpabilização	Total
Ana	X	X				2
Daniel	X	X				2
Diana	X		X			2
Graça		X	X		X	3
Isa			X			1
Laura	X	X				2
M ^a João	X					1
Maria	X	X				2
Mariana	X	X				2
Matilde	X	X				2
Núria	X	X	X	X		4
Renata	X	X			X	3
Sónia	X			X		2
Total	11	9	4	2	2	

Os participantes apontaram diferentes motivos para o pedido de ajuda: as ameaças a si e/ou terceiros, o receio de perder o parceiro, a vergonha, as consequências para o parceiro, o não reconhecimento da situação abusiva, a ausência de apoio e o conhecimento dos pais. As ameaças direcionadas à vítima (n=5) provocam o medo e, por conseguinte, o silêncio por parte da vítima (e.g., Ana: “*ele disse que me acontecia como o caso de um namorado que bateu com o machado na cabeça da namorada*”). Não obstante, também existiam ameaças direcionadas à vítima e a terceiros próximos da vítima (n=2) (e.g., Isa: “*ameaçava que me matava a mim e aos meus pais e irmã*”, Sónia: “*ameaçava que me matava mais à menina se contasse a alguém o que se passava*”). O facto de haver revelação da violência poderia indicar a possibilidade de rutura do relacionamento, ou seja, a perda do parceiro (n=4) (e.g., Mariana: “*queira que ele ficasse comigo e por isso nunca sequer contei a ninguém*”). A vergonha também foi identificada por quatro participantes como um fator de não procura de ajuda (e.g., Graça: “*sempre foi a vergonha, temos vergonha de admitir por aquilo que passamos*”). Um participante do estudo referiu que tinha vergonha da situação que vivenciou, mas o facto de ter uma relação homossexual nunca foi o motivo para não pedir ajuda (Daniel: “*ser gay nunca foi um fator de constrangimento para mim, até porque a minha relação e a minha orientação eram assumidas para a minha família e amigos*”). A possibilidade de privação da liberdade, como resultado de uma denúncia por parte das vítimas foi o motivo de silêncio

identificado por três participantes neste estudo (e.g., Núria: “nunca fiz queixa porque não queria ser o motivo pelo qual ele estava na cadeia”). O não reconhecimento da situação abusiva foi também um dos motivos apontados para a não revelação (n=3) (e.g., Matilde: “nunca pensei que necessitasse de ajuda só quando fui de urgência ao centro de saúde é que tive consciência que estava a morrer por fora e por dentro”). Um participante do estudo referiu que não associava as agressões psicológicas como uma forma de violência (Daniel: “nunca pensei que o que sofri fosse violência. A violência física é algo palpável, a psicológica não se vê. Se não vê é porque está tudo bem”). Outra participante, atribuiu a violência a demonstrações de amor (Maria João: “pensava que o que estava a passar era amor”). A ausência de apoio, principalmente por parte da família, (n=2) foi também apontado como mais um motivo de não revelação (e.g., Sónia: “a minha mãe perguntou-me se eu tinha a certeza se queria apresentar queixa, disse para pensar melhor”, Laura: “não tinha muita família próxima, o meu irmão mais velho tinha falecido anos antes, tenho uma mãe depressiva crónica e um pai ausente”), bem como a possibilidade de os pais ficarem a conhecer a situação abusiva que os filhos estavam a vivenciar (n=1) (e.g., Laura: “tinha receio que os meus pais soubessem e houvesse uma desgraça”). Na tabela 6, procuramos sumariar os motivos que levaram os participantes a protelar o pedido de ajuda ou mesmo não o realizar:

Tabela 5

Motivos para o não pedido de ajuda pelas vítimas

	Ameaças	Perder parceiro	Vergonha	Consequência para parceiro	Não reconhecimento da violência	Ausência de apoio	Conhecimento dos pais	Total
Ana	X						X	2
Daniel		X	X		X			3
Diana	X							1
Graça			X					1
Isa	X							1
Laura						X	X	2
M ^a João					X			1
Maria	X	X	X					3
Mariana		X		X				2
Matilde					X			1
Núria				X				1
Renata		X		X				2
Sónia	X		X			X		3
Total	5	4	4	3	3	2	2	

Tabela 6*Permanência na relação abusiva*

Categorias gerais	Categorias específicas	Subcategorias	Freq.
4. Permanência na relação violenta	4.1. Motivos para a permanência	4.1.1. Afetivos/emocionais	11
		4.1.2. Crença na mudança	9
		4.1.3. Dependência do parceiro	4
		4.1.4. Pressão de terceiros	2
		4.1.5. Sentimento de culpabilização	2
	4.2. Motivos para não pedir ajuda	4.2.1. Ameaças a si e/ou terceiros	5
		4.2.2. Receio de perder o parceiro	4
		4.2.3. Vergonha	4
		4.2.4. Consequências para o parceiro	3
		4.2.5. Não reconhecimento da situação abusiva	3
		4.2.6. Ausência de apoio	2
		4.2.7. Conhecimento dos pais	2

4.5. Revelação da situação de VN

Dos 13 participantes inquiridos neste estudo, oito procuraram ajuda durante a relação abusiva, três vítimas não adotaram qualquer estratégia de procura de ajuda e duas vítimas só revelaram a situação após o término da relação. Os motivos que os dois participantes apontaram para revelarem a violência sofrida após o término do relacionamento foram Daniel: *“precisava que as pessoas soubessem de tudo para não me fazerem voltar para aquela pessoa”* e Mariana: *“só me sentia preparada para falar nessa altura e depois o meu passado estava a interferir com relações que podia ter depois desta”*.

O início da violência física ou a escalada da mesma, apresentou-se como o motivo mais relatado pelas vítimas para revelarem a situação abusiva (n=4) (e.g., Maria: *“Das palavras passou para os atos agressivos foi aí”*; Matilde: *“Dessa vez eu levei um chapo com muita força que eu cai para o chão e fiquei com a marca... eu disse não”*; Renata: *“estava a chegar a um nível que não tinha retorno e que podia passar de um estalo para algo ainda mais grave”*). Ademais, a par da escalada da violência parece coexistir uma

consciencialização de que, muito provavelmente, o relacionamento se irá pautar-se pela existência constante de violência (n=2), podendo resultar na morte da vítima como é representativo nos *media* (e.g., Isa: “*Sabia que se continuasse seria mais uma vítima nas estatísticas*”). O facto de terceiros terem presenciado a violência motivou três vítimas a revelarem a situação abusiva que vivenciaram (e.g., Graça: “*foi apanhado em flagrante delito a tentar matar-me com uma arma*”; Renata: “*elas [amiga e professora] ouviram os berros dele (...) e vieram falar comigo*”; Sónia: “*ele agrediu-me (...) e o meu irmão viu tudo*”). A necessidade de ajuda e de apoio para sair da relação abusiva provocou a revelação em duas vítimas do estudo (e.g., Mariana: “*Estava na altura de ultrapassar isso e foi mesmo muito complicado para mim e ela [amiga] sabia disso*”). Também foi mencionado que o facto de outras pessoas terem conhecimento da violência impedia que as vítimas retomassem à relação abusiva (e.g., Daniel: “*Preciso que as pessoas soubessem de tudo para não me fazerem voltar para aquela pessoa*”). Apesar de se apresentar amiúde como uma justificação para não denunciar, a existência de filhos (n=2) acabou por sobressair na vontade de querer retirar estes do ambiente tóxico e violento que viviam (e.g., Isa: “*tive que pensar na minha filha*”; Núria: “*Se saí daquele ambiente foi devido à minha filha mais velha*”). Igualmente referenciada, a existência de um castigo para o agressor por todo o sofrimento causado à vítima, foi mencionado por duas vítimas (e.g., Isa: “*Queria que ele pagasse pelo que me fez*”; Sónia: “*Ele merecia ser preso*”).

Dos 10 participantes que optaram por revelar a situação de violência no namoro, todos (n=10) priorizaram as fontes informais, como os/as amigos/as (n=6), ambos os pais (n=2), as mães (n=2) e o irmão (n=1). Cinco participantes optaram também por pedir ajuda junto de fontes formais, como os OPC (Órgãos de Polícia Criminal) (n=4), professora (n=1) e técnico de saúde (médica) (n=1), conforme se pode observar na tabela 8. Salienta-se que o pedido de ajuda junto de pessoas do sexo feminino verificou-se em 12 oportunidades de revelação, enquanto que o pedido de ajuda junto do sexo masculino ocorreu em sete casos.

Tabela 7*Fontes informais e fontes formais a quem as vítimas solicitaram ajuda*

	Fontes informais				Fontes formais			Total
	Amigos/as	Pai e mãe	Mãe	Irmão	OPC	Professora	T. saúde	
Ana	X							1
Daniel	X							1
Graça	X				X			2
Isa		X			X			2
Maria		X						1
Mariana	X							1
Matilde			X				X	2
Núria	X		X		X			3
Renata	X					X		2
Sónia				X	X			2
Total	6	2	2	2	4	1	1	

Relativamente à subcategoria acerca dos motivos inerentes à escolha de determinada fonte de revelação, distinguiu-se a convivência diária (n=6) (e.g., Daniel: “*são os amigos que convives mais*”, Maria: “[Maria e pais] *morávamos juntos*”), justificação esta que recaiu sobre o recurso a todas as fontes informais e três outras participantes apontaram o facto de a pessoa a quem revelaram ter presenciado a situação abusiva (e.g., Renata: “*elas [amiga e professora] ouviram os berros dele e depois viram-me a chorar*”, Sónia: “*ele agrediu-me (...) e o meu irmão viu tudo e defendeu-me*”). A denúncia junto dos órgãos de polícia criminal foi fundamentada por duas participantes pelo maior entendimento da situação (e.g., Isa: “*eles [OPC] é que sabem como agir nestas situações*”, Sónia: “*porque acho que são os mais competentes*”). Uma vítima inquirida identificou a saúde debilitada, que a levou a recorrer aos serviços de saúde para tratar uma depressão profunda e distúrbios alimentares (e.g., Matilde: “*a médica insistiu tanto para perceber como é que eu tinha chegado àquele estado que eu acabei por desabafar*”).

No que diz respeito ao tipo de apoio dado pelas fontes de revelação, a adoção de uma atitude empática surgiu no discurso de um número substancial de participantes (n=8) como assumindo crucial importância (e.g., Daniel: “*disseram o que precisava de ouvir, que tinha de me concentrar em mim para poder encontrar alguém e que até isso não é o mais importante*”); seguiu-se o pressionar o fim da relação, identificado por quatro participantes (e.g., Maria: “*o meu pai obrigou-me a terminar logo com ele [agressor]*”).

quando contei aos meus pais”, Matilde: “*ou largava a pessoa ou tinha a carta para me internar*”). Quando se constatava esta pressão para colocar fim ao relacionamento abusivo também foi indicado controlo das ações das vítimas com o intuito de não haver a possibilidade de reatar com o agressor (e.g., Matilde: “*primeiro controlaram as mensagens, as chamadas recebidas e as redes sociais para não cair na tentação de voltar para ele sem que elas se apercebessem*”). O incentivo a pedir formal, com o intuito de zelar o estado psíquico da vítima com recurso a profissionais de saúde, bem como o auxílio dos órgãos de polícia criminal para denunciar o caso e encontrar formas de afastar o agressor da vítima, apresentaram-se como resposta fornecida pelas fontes em três vítimas. Duas vítimas foram incentivadas a apresentar queixa nas forças de segurança, no entanto apenas uma recorreu a estes serviços (e.g., Ana: “[amiga] *tentou que eu fosse à polícia, mas eu não quis*”, Sónia: “*o meu irmão deu-me força e levou-me a apresentar queixa*”). Uma participante foi incentivada a recorrer aos serviços de um/a psicólogo/a (e.g., Renata: “[professora] *disse que eu devia ir para uma psicóloga*”), de notar que se trata da inquirida mais nova do estudo. Outras indicações dadas por parte das fontes envolveram: abordar diretamente o agressor (n=2) e interceder em defesa da vítima (e.g., Sónia: “*o meu irmão estava a chegar (...) e defendeu-me*”, Núria: “[amiga] *meteu-se à frente dele uma vez*”).

Relativamente às fontes de revelação mais adequadas segundo os participantes para, deste modo, obter ajuda correta numa situação de violência no namoro, as vítimas indicaram como mais adequadas as fontes formais (n=8), oito mencionaram os órgãos de polícia criminal (e.g., Graça: “*as autoridades porque só eles têm competências para agir*”), duas mencionaram as associações de apoio à vítima (e.g., Maria João: “*à APAV [Associação Portuguesa de Apoio à Vítima], pois existe para isso, e segundo sei, com resultados fantásticos*”) e uma vítima referiu o/a psicólogo/a como os mais úteis (e.g., Daniel: “*com psicólogos que eles podem perceber a mente melhor do que nós*”). É importante salientar, que o recurso aos meios formais foi mencionado por uma participante como solução somente para agressões consideradas mais graves (n=1) (e.g., Matilde: “*Tudo vai depender da violência em caso de extremos é automaticamente à polícia e as linhas destinadas a ajudar a vítima de violência*”) ou em casos de violência física (n=1) (e.g., Daniel: “*tu não vais fazer uma denúncia de violência psicológica, eles [OPC] não iam entender isso, essas entidades precisam de provas físicas, portanto, a violência física nas entidades*”). Não obstante, seis participantes referiram que as fontes

informais, como a família e os amigos, são fontes de revelação adequadas uma vez que são pessoas mais próximas da vítima e que seriam mais prestáveis (e.g., Diana: *“principalmente às pessoas que fazem parte do núcleo da família e amigos próximos”*, Mariana: *“acho que se deve desabafar com as pessoas mais próximas de nós, que consideramos que são o nosso suporte e que podemos confiar, que nos darão os melhores conselhos.”*).

Quanto ao sexo da fonte de revelação que a vítima se sentiria mais confortável para procurar ajuda, oito participantes referiram que o género não iria fazer diferença desde que prestassem auxílio (e.g., Maria João: *“ser homem ou mulher era-me completamente indiferente, desde que me ajudasse”* e Mariana: *“é indiferente, depende da personalidade da pessoa e disponibilidade e não do sexo da pessoa”*). Uma participante referiu que escolher uma pessoa para pedir ajuda com base no facto de ser do sexo feminino ou sexo masculino seria discriminatório (e.g., Laura: *“seria uma espécie de discriminação”*). Outra participante especificou o tipo de ajuda que poderia ser prestada por cada género, em que a mulher era recetora de informação e ofereceria bons conselhos e o homem seria para intervir, caso necessário, em defesa da vítima, (e.g., Renata: *“depende da situação, para desabafar feminino, mas para me defender masculino, defender tem de ser uma pessoa forte”*). O sexo feminino, foi considerado o mais confortável para pedir ajuda na violência no namoro por cinco vítimas por entenderem que as mulheres compreenderiam melhor toda a situação (e.g., Diana: *“se eu desabafasse com uma mulher acho que ela me iria compreender melhor do que um homem”* e Isa: *“a uma mulher, porque nos percebe e entende o que estamos a passar”*). Concomitantemente, outra participante referiu que ao escolher entre os dois sexos, optou pelo feminino porque os homens teriam comportamentos machistas (e.g., Ana: *“feminino, compreendem melhor, todos os homens têm um lado machista”*). Apesar de terem pedido ajuda junto de pessoas do sexo masculino, algumas vítimas (n=2), referiram que se sentiriam mais confortáveis a desabafar com pessoas do sexo feminino (e.g., Graça: *“eu fiz a denuncia a uma pessoa do sexo masculino, mas teria me sentido mais à vontade se fosse uma pessoa do sexo feminino. Talvez pelo à vontade para relatar certas situações”*).

Tabela 8*Revelação da situação de VN*

Categorias gerais	Categorias específicas	Subcategorias	Freq.
5. Revelação da situação de VN	5.1. Fase da relação	5.1.1. Durante a relação	8
		5.1.2. Não adotou qualquer estratégia	3
		5.1.3. Após o término da relação	2
	5.2. Motivos para pedir ajuda	5.2.1. Escalada de violência	4
		5.2.2. Presenciaram a violência	3
		5.2.3. Auxílio para ultrapassar a relação abusiva	2
		5.2.4. Existência de filhos	2
		5.2.5. Punição para o agressor	2
	5.3. Fontes de revelação	5.3.1. Fontes informais	10
		5.3.2. Fontes formais	5
	5.4. Motivos inerentes à opção pela fonte de revelação	5.4.1. Convivência diária	6
		5.4.2. Presenciaram a violência	3
		5.4.3. Maior entendimento da situação	2
	5.5. Apoio fornecido pelas fontes de revelação	5.5.1. Atitude empática	8
		5.5.2. Por fim à relação	4
		5.5.3. Incentivo a procurar ajuda formal	3
		5.5.4. Abordar o agressor	2
	5.6. Fontes de revelação mais adequadas	5.6.1. Fontes formais	8
		5.6.2. Fontes informais	6
	5.7. Sexo da fonte mais confortável para pedir ajuda	5.7.1. Ambos os sexos	8
		5.7.2. Feminino	5

4.6. Eficácia do pedido de ajuda em VN

No que diz respeito à avaliação da revelação, esta apresentou resultados bastante positivos, em que dos 10 participantes que pediram ajuda, oito caracterizaram a experiência como positiva. Cinco vítimas referiram que o facto de terem revelado a situação abusiva as ajudou a terminar o relacionamento, que de outra forma ainda se teriam mantido na relação violenta (e.g., Renata: “(...) *ajudaram a afastar-me deste relacionamento tóxico*”, Mariana: “*se estivesse sozinha deixava a situação se arrastar....*”, Matilde: “*libertei-me de um monstro*”). Ainda, três vítimas relataram que a revelação as ajudou a perceber que não estariam sozinhas a ultrapassar um ciclo de violência (e.g., Isa: “*senti que não estava sozinha a ultrapassar aquela má fase da minha vida*”, Sónia: “*vi que não devia passar por aquilo sozinha*”). Uma participante referiu que desabafar ajudou-a a consertar a autoestima e a projetar objetivos (e.g., Matilde: “*consegui ter amor-próprio, a autoestima voltou, e comecei a sonhar novamente, sonhar que tinha um futuro.*”). Ademais, uma outra participante mencionou que o facto de terem conhecimento de toda a situação, fez com que se sentisse protegida (e.g., Ana: “*senteste-te mais protegida se aquela pessoa sabe, se te acontecer algo, sabes que aquela pessoa vai fazer alguma coisa*”). As restantes duas vítimas mencionaram que a revelação foi negativa. Uma das participantes referiu que a revelação junto dos pais fez com a relação terminasse, uma vez que, como referido anteriormente, o pai da participante forçou a mesma a terminar com o agressor (e.g., Maria: “*tive de terminar com ele, depois arrependi-me, achei que ele, por causa disso, não voltava mais para mim*”). A outra vítima referiu que ninguém a ajudou, que o único apoio que recebeu foi de amiga que tentou inúmeras vezes aconselhar a vítima, no entanto sem sucesso, resultando na desistência de auxílios e da amizade que nutriam as duas (e.g., Núria: “*não tive nenhum apoio, nem da minha mãe nem da polícia (...) uma ex-amiga chateava-se comigo por causa dele, por isso não posso dizer que ela não fez nada, eu é que não quis a ajuda dela*”).

Serão divididos dois grupos, o primeiro grupo que efetivamente revelou a fontes de revelação informais e que avaliou esta revelação e um segundo grupo que não revelou a situação abusiva, mas que emitiu pareceres com base na opinião de terceiros e/ou no entendimento e familiaridade do modo de agir das fontes em diferentes ocasiões semelhantes. De um modo geral, a avaliação das fontes informais foi caracterizada como positiva (n=8), não obstante, cinco participantes classificaram a revelação ou intenção

como negativa. No primeiro grupo, os 10 participantes que revelaram a violência na relação de namoro a fontes informais, sete caracterizaram a revelação como positiva e três participantes encaram a revelação a fontes informais como negativas. Em duas situações existe uma normalização da violência, numa participante, a mãe referiu que a mesma devia permanecer na relação abusiva como forma de castigo por ter escolhido aquele parceiro e por ter sido mãe cedo (e.g., Núria: *“a minha mãe sabia de tudo e dizia que era vida que eu tinha escolhido tinha de levar com ela”*) e na outra participante a mãe incentivou a vítima a não apresentar queixa nos OPC por esta ter uma filha do agressor e ficar sozinha, baseada na imagem que isso poderia causar numa comunidade opressora (e.g., Sónia: *“a minha mãe perguntou-me se eu tinha a certeza se queria apresentar queixa, para ver bem porque tinha uma filha (...) preocupava-se mais com as aparências do que pelo que eu e a minha filha estávamos a passar”*). No segundo grupo, os três participantes que não pediram ajuda nas suas relações abusivas, uma vítima referiu que seria bem recebida por fontes de revelação informal, enquanto que duas vítimas indicaram que a avaliação seria negativa. Uma participante mencionou que se revelasse junto dos amigos seria bem recebida, que estes a iriam defender de atos do agressor (e.g., Diana: *“sabia que os meus amigos estavam lá para mim, para me ajudar, não tinha medo que não me defendessem”*, no entanto também mencionou que os jovens estão mais preparados para saber ajudar do que os mais velhos *“[jovens] têm mais conhecimento, de certa forma, por causa dos meios de comunicação social falarem de como agir numa situação desta, assim os jovens acabam por estar mais preparados para dar mais apoio do que as pessoas mais velhas”*). Não obstante, uma participante referiu que não existe predisposição das pessoas para ajudar (e.g., Laura: *“as pessoas não se envolvem nos problemas dos demais, é o egoísmo do século”*), a outra participante avaliou como negativa uma possível revelação porque os amigos já presenciaram formas de violência perpetradas pelo namorado e não se disponibilizaram a prestar auxílio, neste sentido a vítima considerou que se pedisse ajuda diretamente teria a mesma forma de tratamento (e.g., Sónia: *“houve alturas em que me agrediu em público, em saídas com amigos e nunca ninguém me ofereceu ajuda, por isso acho que iam fazer zero na mesma”*).

Nesta categoria específica, a avaliação das fontes formais, também será feita a divisão em dois grupos, como na categoria anterior, em que o primeiro grupo efetivamente procurou ajuda junto de fontes de revelação formais e que avaliou esta revelação e um segundo grupo que não revelou a situação abusiva, mas que emitiu pareceres com base

na opinião de terceiros e/ou do conhecimento através dos *media* e redes sociais. De um modo geral, a avaliação das fontes formais foi caracterizada como negativa (n=8), não obstante cinco participantes classificaram a revelação ou intenção como positiva. No primeiro grupo, os seis participantes que revelaram a violência na relação de namoro a fontes formais, três caracterizaram a revelação como negativa e também três participantes encaram a revelação a fontes formais como positiva. De notar que, das quatro vítimas que denunciaram a situação abusiva aos órgãos de polícia criminal, três caracterizaram este apoio como negativo. Já a outras participantes que recorreram a fontes formais, como a professora e a médica, classificaram o apoio como positivo. Nos três casos dos participantes que denunciaram aos OPC's, todos referiram que não tiveram qualquer tipo de apoio após a denúncia, uma participante mencionou ainda discriminação (e.g., Graça: *“por vezes nós mulheres somos criticadas e não somos levadas a sério”*). Outra participante alegou que as forças de segurança não tiveram qualquer tipo de atitude de proteção da vítima e afastamento do agressor (e.g., Núria: *“(…) da segunda vez que chamei a polícia, eles tomaram conta da ocorrência e saíram, nada mais”*), referiu ainda que perante a informação de repetidos históricos de violência no casal deviam insistir (e.g., Núria: *“na terceira vez, quarta e quinta vez foram os vizinhos que chamaram a polícia, ele punha-me a mão na boca para não gritar e nunca lhes abriu a porta. Não acha que como é uma casa sinalizada, não deviam insistir?”*). No segundo grupo, sete participantes que não procuraram ajuda formal nas suas relações abusivas, cinco classificaram que seriam mal recebidos por serviços formais, enquanto que dois participantes referiram que seriam bem recebidos por serviços formais. Os participantes referiram que seriam bem recebidos por técnicos de apoio psicológico, classificados como essenciais em situações de violência no namoro (e.g., Maria João: *“penso que os psicólogos terão conhecimento para dar um bom apoio”*), uma participante também evidenciou o valor dos técnicos mas alertou para o número reduzido destes (e.g., Laura: *“acho que existe muita falta de psicólogos nas escolas e universidades”*). Os cinco participantes que consideraram que seriam mal recebidos por serviços formais, acreditavam que os órgãos de polícia criminal não têm formação suficiente (e.g., Mariana: *“acho que ainda não estão com formação suficiente para poderem acompanhar as vítimas (...) na forma de abordar o problema, tentar perceber o que se passa e de encaminhar da melhor forma”*), a forma de agir na proteção da vítima foi vista como desmazela (e.g., Ana: *“deviam vigiar a vítima, tirar a vítima de casa e levá-la para uma*

casa segura e estarem lá a ajudá-la, mas não fazem isso”) e, por fim, mencionaram que não existem recursos para o número de vítimas de violência no namoro (e.g., Laura. “não existem meios suficientes para agir”).

Tabela 9

Eficácia do pedido de ajuda em VN

Categorias gerais	Categorias específicas	Subcategorias	Freq.
6. Eficácia do pedido de ajuda em VN	6.1. Avaliação da revelação	6.1.1. Positivo	8
		6.1.2. Negativo	2
	6.2. Avaliação das fontes informais	6.2.1. Positiva	8
		6.2.2. Negativa	5
	6.3. Avaliação das fontes formais	6.3.1. Negativa	8
		6.3.2. Positiva	5

5. Discussão dos resultados

O presente estudo procurou compreender como as vítimas de violência no namoro percebem as dinâmicas abusivas de que foram alvo, de forma a identificar e compreender os fatores facilitadores ou bloqueadores do pedido de ajuda. A amostra é bastante heterogénea, composta por participantes de sexo feminino e masculino, orientação heterossexual e homossexual, com idades que atravessam desde da adolescência à idade adulta. Tal permitiu confirmar que o abuso nos relacionamentos íntimos não é limitado nem pela idade, nem pela orientação sexual (Watson, Cascardi, Avery-Leaf, & O’Leary, 2001).

A experiência em idades precoces de diferentes tipologias de violência, admitida pelos participantes deste estudo corrobora os dados de outras investigações (e.g., Ashley & Foshee, 2005) nesta temática que evidenciam que esta realidade não é só muito frequente entre adolescentes, mas também em jovens adultos namorados. No presente estudo, a violência psicológica foi o tipo de maltrato que assumiu maior destaque no relato dos participantes, seguida da violência física. Ademais, verificou-se o relato de vitimação múltipla num número abrangente de inquiridos, corroborando o encontrado no estudo de Sears e Byers (2010) que evidenciam uma alta taxa de ocorrência de abuso psicológico, físico e sexual entre os jovens. Concomitantemente, a violência sexual foi uma das tipologias abusivas menos relatadas, colocando-se em hipótese que as vítimas não

compreendem o ato sexual forçado como uma violência (UMAR, 2016), uma vez que o vêem como um dever entre namorados, devido a uma visão conservadora instituindo estereótipos do comportamento feminino que leva à submissão da mulher (Carvalho, Ferreira, & Santos, 2010).

A grande motivação ou explicação para o recurso à violência por parte do agressor foi a necessidade de se afirmar na relação, especialmente através da demonstração de poder e posse sobre a vítima, bem como a dominação masculina e o controlo social. Pesquisas de Lundeberg, Stich, Penn e Ward (2004) estabeleceram vínculos entre a raiva masculina, problemas de controlo e violência no namoro, afirmando que a violência do homem é uma tentativa de controlar e manipular o/a seu/sua namorado/a. As consequências para o agressor são ilusórias ou, em raras vezes, a privação da liberdade e a perda da pessoa amada com a rutura da relação. Não obstante, as consequências para a vítima são inúmeras, sobretudo um maior impacto psicológico, uma vez que a violência psicológica é exercida com mais frequência, o impacto é superior, comparativamente àquele que é causado pela violência física (Coker, Davis, Arias, Desai, Sanderson, Brandt, & Smith, 2002), como por exemplo a baixa autoestima, a desconfiança/medo, o isolamento e os pensamentos depressivos.

Nesta perspetiva, com consequências sociais, individuais e de saúde, que impedem as vítimas de ter um funcionamento normal na vida, porque é que se mantêm num relacionamento tóxico? Em resposta, foram apontadas cinco grandes explicações. A dependência afetiva ou emocional do parceiro, isto é, a visão romântica excessiva pode contribuir para que os jovens construam relações asfixiantes, em que o sentimento de amor apareça como justificação para que o/a namorado/a exerça controlo sobre a vítima. Sears, Byers, Whelan e Saint-Pierre (2006) afirmam que para os adolescentes, um comportamento que expresse ciúme ou mesmo uma agressão física, pode ser considerado abusivo e violento num contexto, mas não em outro. Essa associação entre ciúme e expressão de amor, de cuidado e de atenção entre namorados é algo preocupante, pois surge frequentemente naturalizada na cultura ocidental (Heilborn, 2009). Além disso, é construída a idealização de que as relações são eternas e ideais sendo que se deverá lutar contra os obstáculos e fazer sacrifícios (Mendéz & Hernandez, 2001). Do mesmo modo, a crença de que o parceiro altere o comportamento abusivo, suportada por promessas de mudança, associada a múltiplos pedidos de desculpa e oferendas de presentes apresentou-se como um influenciador da permanência. A teoria do ciclo da violência de Walker

(1989), ajuda a compreender que a intermitência de episódios de maior tensão (fase do aumento da tensão) e períodos de violência (fase do ataque violento), seguidos de um período mais calmo (fase de reconciliação), deixa a vítima na dúvida, fazendo valer-se pelos momentos bons e assim desvalorizar as agressões. Ademais, a dependência do parceiro, essencialmente pelo facto de existirem filhos em comum sem querer quebrar o elo paternal, apresentou-se como um grande obstáculo, mas também o facto de existir uma dependência financeira, muitas vezes, por dolo do agressor que coagiu a vítima a abandonar a sua ocupação laboral. Entre outros motivos, contaram-se a pressão de terceiros e sentimento de culpabilização.

Foi possível verificar-se que mais do que um motivo serviu como obstáculo para o término da relação para as vítimas. No que diz respeito, aos motivos para não procurar ajuda foram mencionados: as ameaças à vítima e/ou terceiros, o receio de perder o parceiro, a vergonha, as consequências para o parceiro, o não reconhecimento da situação abusiva, a ausência de apoio e o conhecimento dos pais. Todos estes motivos estão também identificados na literatura sobre esta temática (eg., Ameral, Reed, & Hine, 2017; Edward, Dardis, & Gidcys, 2011; Próspero & Vohra-Gupta, 2008; Rueda, Williams, & Nagoshi, 2015). As ameaças de escalada de violência ou até mesmo da morte da vítima, bem como provocar dano a pessoas próximas da vítima despoletavam nesta, o medo e o pânico e por consequência o silêncio. Segundo a APAV (2011, p. 91), a “concordância com atitudes favoráveis à utilização da violência nas relações de namoro e a adoção de crenças que a legitima apresentam-se como fatores para a manutenção da vítima na relação violenta e para a subsistência da violência no tempo”. Na mesma premissa, segundo Matos, Machado, Caridade e Silva (2006), a falta de experiência relacional, associada à necessidade de emancipação e de independência dos jovens, muitas vezes facilita a legitimação da violência no namoro, como tal, é pouco provável que procurem ajuda e tomem as devidas medidas para cessarem a relação. Concomitantemente, os jovens tendem a não expor toda a situação abusiva sofrida aos pais e envolve-los em todo o processo (Sabina et al., 2014), com o intuito de não os querer importunar com assuntos negativos, para não haver uma abordagem agressiva ao parceiro ou para estes não tentarem terminar com a relação abusiva. As barreiras para a denúncia variam de acordo com o género, segundo Sable, Danis, Mauzy e Gallage (2006), por exemplo medo de retaliação, dependência financeira e falta de recursos foram classificadas como mais importantes entre as mulheres e a vergonha, a confidencialidade e medo de não ser

acreditado foram classificados como mais importantes entre os homens. A experiência ou a percepção desses obstáculos podem influenciar a decisão da vítima em revelar a situação abusiva (Liang, Goodman, Tummala-Narra, & Weintraub, 2005) levando muitas vítimas a permanecerem num relacionamento abusivo por um longo período de tempo, aumentando o risco de revitimização e promovendo a ocorrência de consequências associadas à violência no namoro (Moore et al., 2015). As vítimas deste estudo, apesar de um longo historial de separações e reconciliações, nenhuma se encontra atualmente com o agressor ou repetiu padrões de vitimização.

Contrariamente ao encontrado em outros estudos (eg., Ashley & Foshee, 2005; Gallopin, & Leigh, 2009; Moore et al., 2015; Rueda, Williamns, & Nagoshi, 2015) sobre uma hesitação em procurar ajuda por adolescentes e jovens adultos que experimentaram violência nas suas relações de namoro, a maioria dos participantes deste estudo (76.9%) decidiu, como nos estudos de Edwards et al. (2011) e Watson et al. (2001), quebrar o silêncio e revelar a situação abusiva, assumindo o pedido de ajuda. Apesar do ainda atual preconceito acerca das pessoas LGBT e dos pressupostos de gênero no binário vítima-perpetrador (Erbaugh, 2007), ou seja, pressupostos culturais de que a vítima é idealizada como feminino ou sempre feminino, no caso da vítima do sexo masculino homossexual, seguindo a mesma, estes fatores silenciadores não o impediram de revelar a situação abusiva. Relativamente às diferenças de género, vários estudos (Ameral, et al., 2017; Black et al., 2008; Fry et al., 2014; Jackson et al., 2000; Watson et al., 2001; Sabina et al., 2014) demonstram que as raparigas são mais propensas a pedir a ajuda em comparação aos rapazes e Hedge, Sianko e McDonell (2017) evidenciam que os adolescentes mais velhos revelam mais a violência sofrida do que os adolescentes mais jovens.

Liang, Goodman, Tummala-Narra e Weintraub (2005) identificaram vários fatores que podem influenciar a decisão da vítima em pedir ajuda, como fatores individuais, interpessoais (por exemplo, tipo de relacionamento e grau de envolvimento vítima-agressor) e socioculturais (por exemplo, género, sistema patriarcal). As razões apontadas pelas vítimas para pedir ajuda foram diversas (isto é, escalada da violência e o início da violência física, o facto de outras pessoas terem testemunhado a violência, obter apoio emocional para acabar com relacionamentos abusivos, proteger crianças e punir o agressor), neste sentido o pedido de ajuda tende a ocorrer principalmente devido à percepção de maior gravidade da experiência abusiva, seja por si ou pelos outros. Edwards

et al. (2011) também encontraram uma associação entre vários fatores (ou seja, stress associado ao abuso, culpando a vítima e pensamentos sobre o término do relacionamento), alguns também relatados pelos participantes do presente estudo.

Como já demonstrado por outros estudos (e.g., Ashley & Foshee, 2005; Edwards et al., 2011; Gallopin e Leigh, 2009; Hedge et al., 2017; Sabine & Ho, 2014), neste estudo todos as vítimas que procuraram ajuda citaram fontes informais, como familiares, amigos ou outros pares, como fontes de apoio mais procuradas. Os pares surgem em primeiro lugar (e.g., Amar & Gennar, 2005; Ashley & Foshee, 2005; Boladale et al., 2013; Edward et al., 2011; Jackson et al., 2000; Rueda et al., 2015; Sylaska & Edwards, 2015), uma vez que na adolescência, os amigos tornam-se mais importantes em comparação aos pais (Ferreira, 2000). Outros estudos (e.g., Finkelhor, Ormrod, Turner, & Hamby 2012; Sylaska & Edwards, 2015) mostraram que os adolescentes parecem igualmente relutantes em relatar a violência no namoro às autoridades. Em oposição, os órgãos de polícia criminal foram os mais escolhidos como fontes de revelação mais adequados para pedir ajuda por possuírem um maior entendimento e competência para auxiliar em situações de violência nas relações de namoro, contudo foi avaliada tanto por vítimas que não procuraram esta fonte para revelação como por vítimas que efetivamente acederam a este serviço, como muito negativa. Relatos de banalização da violência sofrida, não proteção da vítima e falta de conhecimentos para agir em conformidade foram mencionados. Neste seguimento, as pessoas próximas da vítima (e.g., amigos e família) foram também indicadas como adequadas para oferecer ajuda devido à sua proximidade e familiarização com a vítima. Relativamente ao sexo da fonte mais confortável para pedir ajuda, apresentou-se na maioria pelas vítimas como indiferente, isto é, sentir-se-iam confortáveis a desabafar tanto com uma mulher ou com um homem, algumas relataram que preferiam revelar junto de uma mulher, no entanto nenhum participante referiu que se sentiria confortável a desabafar com um homem.

No que diz respeito, às respostas fornecidas pelas fontes de revelação estas foram essencialmente a atitude empática, o pressionar o fim da relação, o incentivo a procurar ajuda formal e abordar diretamente o agressor. A atitude empática, como ouvir e compreender as emoções da vítima, obteve um grande e satisfatório número de relatos. A pressão para terminar a relação violenta foi vista como uma resposta das fontes de revelação negativa pelas vítimas, e normalmente esta ação surge pelos pais. Mahlstedt e Keeny (1993) referem que os pais são os que mais pressionam para abandonar a relação

quando têm conhecimento da violência. Não obstante, também foi verificado o inverso, ou seja, pais das vítimas incentivaram as vítimas a permanecer na relação e a não procurar ajuda formal, sob pena de comentários depreciativos da comunidade envolvente à família, chegando mesmo a fomentar a banalização da violência sofrida.

Em geral, as revelações foram percebidas como bastantes positivas pelas vítimas, no qual foi fornecida pelas fontes de revelação o auxílio necessário para promover níveis mais baixos de depressão e ansiedade, maior confiança e uma abertura para o pedido de ajuda formal (Gonzalez-Guarda et al., 2016), bem como se separarem do agressor e cessar a relação abusiva, diante disso nenhuma vítima inquirida neste estudo mantém relacionamento com o agressor, nem mesmo se verificou a replicação de vitimização em contexto de namoro.

6. Conclusão

O presente estudo permitiu suprir algumas das importantes lacunas da investigação nesta área, através do conhecimento do nível de pedido de ajuda em vítimas de violência no namoro, as fontes de revelação preferenciais e a apreciação dessa revelação. Sendo assim, este estudo procurou enriquecer a sapiência sobre esta temática para que, de um modo instruído, se possa compreender a complexidade da violência no namoro e melhor atuar junto das vítimas de tão ingénua idade. O facto de se ter uma amostra heterogênea (em termos de género, idade e orientação sexual) constitui outro aspeto positivo a ser destacado.

No entanto, este estudo não está isento de limitações e apresenta algumas às quais importa refletir. Uma clara limitação é a amostra reduzida, devido ao curto período temporal para recolha dos dados inerente aos prazos de realização de uma dissertação de mestrado, bem como à disponibilidade e interesse das vítimas em participar no estudo, aliada à sensibilidade da temática de autorrelato. Esta limitação, obrigou a abrir o leque de recolhas de dados, optando por realizar algumas entrevistas não presenciais. Ademais, um outro limite do estudo recai sobre o facto de, imprevistamente, os agressores serem apenas homens, que não permite evidenciar uma realidade igualitária de vítimas com agressores tanto homens, como mulheres, que poderiam trazer resultados novos e imponderáveis.

Conclui-se também que alguns dos dados explorados na presente investigação vão ao encontro do que a literatura menciona, apesar de se destacarem alguns resultados não esperados, como é o caso da notória revelação por parte das vítimas de violência nas relações de intimidade, bem como os relatos de não procura de ajuda aquando situações de violência psicológica, pois estes comportamentos abusivos não são reconhecidos como uma tipologia de violência no namoro, ou de outra forma as vítimas sentem que não existe um motivo para procurar ajuda uma vez que não têm provas físicas da violência. A posterior revelação só acontece quando existe violência física.

Uma vez que o pedido de ajuda informal não fornece as informações, habilidades e recursos necessários para lidar com a violência no namoro e quaisquer preocupações sobre a saúde mental das vítimas (Hedge et al., 2017), seria interessante a implementação de ações de sensibilização juntos dos adolescentes e jovens, com o intuito de incentivar a intolerância e a censura à violência nas relações de namoro e evidenciar o valor de ouvir e transmitir bons conselhos, como o término da relação violenta e a procura de agentes formais que poderão fornecer todo o apoio necessário. Por outro lado e considerando que também há terceiros envolvidos nestas situações de violência, que muitas vezes servem como recetores de uma revelação ou podem observar uma situação de violência, será importante alargar a informação e sensibilização ao público em geral, como os familiares, vizinhos, pessoal envolvente nas escolas, entre outros que podem estar em contacto diretos com as vítimas, para que desde modo, as apoiem e encaminhem a fontes de revelação formais. Hedge et al. (2017) documentaram essa importante conexão entre ajuda informal e formal, argumentando que os adolescentes que procuram apoio informal podem ser encorajados a pedir ajuda de um profissional.

Outro aspeto a trabalhar, e também investir em futuras investigações, seria o modo de agir dos órgãos de polícia criminal em casos de violência no namoro, pois todas as vítimas que procuraram ajuda junto desta fonte relataram um infeliz apoio, em que não foi providenciada a devida proteção à vítima e, não raras vezes, a banalização da violência foi verificada. Esta situação é muito preocupante, uma vez que se tratam das fontes de revelação que deveriam ter conhecimento e competências totalmente de acordo com esta problemática. Trabalhar esta temática permitiria a prevenção da vitimização secundária que leva muitas vezes à desmoralização do pedido de ajuda e permanência na relação abusiva.

O número de vítimas que mencionaram que não abandonam a relação abusiva por um amor exacerbado pelo/a parceiro/a é deveras preocupante, neste sentido seria interessante um estudo mais aprofundado acerca da dimensão emocional dos adolescentes e jovens e compreender o peso e dependência que estes colocam numa relação amorosa.

Além do mais e incidindo na mesma temática do presente estudo, a replicação deste estudo com uma amostra claramente maior e mais diversificada, bem como integrar a recolha de dados quantitativos, que devido ao espaço temporal não foi possível abordar no presente artigo, seria excelente complemento à temática da violência no namoro.

Referências

- Amar, A. F. & Gennaro, S. (2005). Dating violence in college women: Associated physical injury, healthcare usage, and mental health symptoms. *Nursing Research*, 54, 235-242.
- Ameral, V., Reed, K., & Hine, D. (2017). An Analysis of HelpSeeking Patterns Among College Student Victims of Sexual Assault, Dating Violence, and Stalking. *Journal of Interpersonal Violence*, 1 –25. <https://doi.org/10.1177/0886260517721169>
- Ashley, O. S., & Foshee, V. A. (2005). Adolescent help-seeking for dating violence: Prevalence, sociodemographic correlates, and sources of help. *Journal of Adolescent Health*, 36, 25-31. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2003.12.014>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2011). *Manual crianças e jovens vítimas de violência: Compreender, intervir e prevenir*. Porto: APAV.
- Baldin, N., & Munhoz, E. (2011). Snowball (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: *X Congresso Nacional de Educação - EDUCERE*. Anais do Congresso Nacional de Educação. Curitiba: Universitária Champagnat, 329-341
- Barbosa, C. (2017). Pesquisa Qualitativa no Campo Estudos Organizacionais: Explorando a Análise Temática. [Em linha] Disponível em <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/7085/2/PesquisaEstudosOrganizacionais.pdf> [Consultado em 01/11/2018].
- Black, B. M., Tolman, R. M., Callahan, M., Saunders, D. G., & Weisz, A. N. (2008). When will adolescents tell someone about dating violence victimization? *Violence Against Women*, 14(7), 741-758. <https://doi.org/10.1177/1077801208320248>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Brown, B. (1999). You're going out with who?: peer group influences on adolescent romantic relationships. In W. Furman, B.B. Brown, & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence*. Cambridge: Cambridge University Press, 291-329.

- Boladale, M., Adesanmi, A., & Olutayo, A. (2013). Experience of Childhood Violence and Help-Seeking Behaviour of Students Exposed to Dating Violence at the Obafemi Awolowo University, Ile-Ife. *Gender & Behaviour* 2013, 11(2), 5762-5774.
- Boldero, J., & Fallon, B. (1995). Adolescent help-seeking: what do they get help for and from whom?. *Journal of Adolescence*, 18, 193-209. <http://dx.doi.org/10.1006/jado.1995.1013>
- Bogdan, S., & Taylor, B. (1998.) *Introduction to qualitative research*. New York: Wiley.
- Bonomi, A., Anderson, M., Nemeth, J., Rivara, F., & Buettner, C. (2014). History of dating violence and the association with late adolescent health. *BMC Public Health*, 13, 821.
- Callahan, R., Tolman, R., & Saunders, G. (2003). Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research*, v. 18, p. 664-681. <https://doi.org/10.1177/0743558403254784>
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas: Uma abordagem científica*. Edições Almedina.
- Caridade, S. (2018). Violência no namoro: Contextualização teórica e empírica. In S. Neves & A. Correia (Coord.), *Violências no Namoro* (pp. 9-40). Maia: Edições ISMAI.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, XXIV(1), 485-493.
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, XXVII(1), 91- 108.
- Carvalho, C., Ferreira, D., & Santos, M. (2010). Analisando a Lei Maria da Penha: a violência sexual contra a mulher cometida por seu companheiro. *Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas*, 2177-8248
- Centers for Disease Control and Prevention. (2012). *Understanding teen dating violence: Fact sheet*. [Em linha] Disponível em

<https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/teen-dating-violence-2014-a.pdf>
[Consultado em 20/07/2018].

Coker, L., Davis, E., Arias, I., Desai S., Sanderson, M., Brandt, H. & Smith, H. (2002). Physical and Mental Health Consequences of Intimate Partner Violence in Men and Women. *American Journal of Preventive Medicine*, 23(4), 260-8.

DiCicco-Bloom, B., & Crabtree, B. F. (2006). The qualitative research interview. *Medical education*, 40(4), 314-321. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2929.2006.02418.x>

Hedge, J., Sianko, N., & McDonell, J. (2017). Professional help-seeking for adolescent dating violence in the rural south: The role of social support and informal help-seeking. *Violence Against Women*, 1- 20. <https://doi.org/10.1177/1077801216662342>

Edward, K., Dardis, C., & Gidcys, C. (2011). Women's disclosure of dating violence: A mixed methodological study. *Feminism & Psychology*, 22(4), 507–517. <https://doi.org/10.1177/0959353511422280>

Ehlert, C. (2007). *Adolescent dating violence: a review of literature on development, prevalence, perceptions, help seeking and prevention programs*. University of Wisconsin-Stout.

Erbaugh, B. (2007). Queering Approaches to Intimate Partner Violence in L.L. O'Toole, J.R. Schiffman and M.L.K. Edwards. *Gender Violence: Interdisciplinary Perspectives*. New York: New York University Press.

Fernández-Fuertes, A., & Fuertes, A. (2010). Physical and psychological aggression in dating relationships of spanish adolescents: Motives and consequence. *Child Abuse & Neglect*, 34, 183-191. <https://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2010.01.002>

Ferreira, P. (2000). Controlo e identidade: A não conformidade durante a adolescência. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 33, 55 – 85.

- Finkelhor, D., Ormrod, R., Turner, H., & Hamby, S. (2012) Child and youth victimization known to police, school, and medical authorities: National Survey of Children's Exposure to Violence. *Juvenile Justice Bulletin*, U.S. Department of Justice: Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention.
- Fry, D. A., Messinger, A. M., Rickert, V. I., O'Connor, M. K., Palmetto, N., Lessel, H., & Davidson, L. L. (2014). Adolescent relationship violence: Help-seeking and help-giving behaviors among peers. *Journal of Urban Health*, *91*, 320-334. <https://doi.org/10.1007/s11524-013-9826-7>
- Galego, C. & Gomes, A. (2005). Emancipação, ruptura e inovação: o "focus group" como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Educação*, *5*, 173-184.
- Gallopín, C. & Leigh, L. (2009). Teen perceptions of dating violence, help-seeking, and the role of schools. *The Prevention Researcher*, *16(1)*, 17-20.
- Gil, C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas.
- Gonzalez-Guarda, R., Ferranti, D., Halstead, V., & Ilias, V. (2016). Experiences with Dating Violence and Help Seeking Among Hispanic Females in Their Late Adolescence. *Issues Ment Health Nurs*, *37(4)*, 229–238. <https://doi.org/10.3109/01612840.2016.1141341>
- Halpern, T., Oslak, G., Young, L., Martin, L., Kupper, L. (2001). Partner violence among adolescents in opposite-sex romantic relationships. *National Longitudinal Study of Adolescent Health. Am J Public Health*, *91(10)*, 1679–85.
- Heilborn, M. (2009). Assistência em contracepção e planejamento reprodutivo na perspectiva de usuárias de três unidades do Sistema Único de Saúde no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública [online]*. vol.25.
- Hickman, L., Jaycox, L., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: prevalence, gender distribution and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence & Violence*, *5*, 123-142. <https://doi.org/10.1177/1524838003262332>

- Jackson, M., Cram, F., & Seymour, F. (2000). Violence and sexual coercion in high school students' dating relationships. *Journal of Family Violence, 15*, 23-36. <https://doi.org/10.1023/A:1007545302987>
- Júnior, A. & Júnior, N. (2011). A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. [Em linha] Disponível em <https://met2entrevista.webnode.pt/files/200000032-64776656e5/200-752-1-PB.pdf> [Consultado em 12/11/2018].
- Kvale, S., & Brinkmann, S. (2009). *InterViews: Learning the craft of qualitative research interviewing* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA, US: Sage Publications, Inc.
- Lavoie, F., Robitaille, L., & Research Hébert, M. (2000). Teen dating relationships and aggression. *Violence Against Women, 6*, 6-36. <https://doi.org/10.1177/10778010022181688>
- Liang, B., Goodman, L., Tummala, Narra, P., & Weintraub, S. (2005). A theoretical framework for understanding help-seeking processes among survivors of intimate partner violence. *Am J Community Psychol, 36*(1-2), 71-84. <https://doi.org/10.1007/s10464-005-6233-6>
- Lundeberg, K., Stich, S., Penn, C., & Ward, B. (2004). A comparison of nonviolent, psychologically violent, and physically violent male college daters. *Journal of Interpersonal Violence, 19*.
- Mahlstedt, D., & Keeny, L. (1993). Female survivors of dating violence and their social networks. *Feminism and Psychology, 3*, 319-333. <https://doi.org/10.1177/0959353593033003>
- Makepeace, J. (1981). Courtship violence among college students. *Family Relations, 30*, 97-102.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática, 8*(1), 55-75.
- Mendéz, R., & Hernández, J. (2001). La violencia en parejas jóvenes. *Psicothema, Madrid, 13*, 127-131.

- Moore, A., Sargent, M., Ferranti, D., & González-Guarda, M. (2015). Adolescent dating violence: Supports and barriers in accessing services. *Journal of Community Health Nursing, 32*, 39-52. <https://doi.org/10.1080/07370016.2015.991668>
- O'Keefe, M. L. (2005). *Analysis of Colorado's administrative segregation*. Colorado Springs, CO: Department of Corrections.
- Prospero, M., & Vohra-Gupta, S. (2008). The use of mental health services among victims of partner violence on college campuses. *Journal of Aggression, Maltreatment, and Trauma, 16*, 376-390. <https://doi.org/10.1080/10926770801926450>
- Prothrow-Stith, D. (1991). *Deadly Consequences*. New York: Harper Collins.
- Ribeiro, E. (2008). *A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa*. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, 129-148.
- Ribeiro, A. (2010). Temas atuais em pedagogia empresarial: aprender para ser competitivo. *Rio de Janeiro: Wak Editora, 3ª edição*
- Romito, P., & Grassi, M. (2007). Does violence affect one gender more than the other? The mental health impact of violence among male and female university students. *Social Science and Medicine, 65*, 1222-1234. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2007.05.017>
- Rueda, A., Nagoshi, L., & Williams, R. (2014). Mexican American and European American adolescents' dating experiences across the ecosystem: Implications for healthy relationships within an ecodevelopmental framework. *Journal of Human Behavior in the Social Environment, 24*, 358-376. <https://doi.org/10.1080/10911359.2013.831013>
- Rubio-Garaz, F., López-González, A., Saúl, A., & Sánchez-Elvira-Paniagua, A. (2012). Direccionalidad y expresión de la violencia en las relaciones de noviazgo de los jóvenes. *Acción Psicológica, 9*, 61-70. <https://doi.org/10.5944/ap.9.1.437>
- Sabina, C., & Ho, L. (2014). Campus and college victim responses to sexual assault and dating violence: disclosure, service utilization and service provision. *Trauma, Violence, & Abuse, 26*, 1-26. <https://doi.org/10.1177/1524838014521322>

- Sabina, C., Cuevas, C., & Rodriguez, R. (2014). Who to Turn to? Help-Seeking in Response to Teen Dating Violence Among Latinos. *Psychology of Violence, Vol. 4, No. 3*, 348–362. <http://dx.doi.org/10.1037/a0035037>
- Sable, M., Danis, F., Mauzy, D., & Gallage, S. (2006). Barriers to Reporting Sexual Assault for Women and Men: Perspectives of College Students. *Journal of American College Health, 55(3)*, 157-62. <https://doi.org/10.3200/JACH.55.3.157-162>
- Sears, A., Byers, S., Whelan, J., & Saint-Pierre, M. (2006). If it hurts you, then it is not a joke: adolescents' ideas about girls and boys use of abusive behavior in dating relationships. *Journal of Interpersonal Violence, 21(9)*, 1191-1207. <https://doi.org/10.1177/0886260506290423>
- Sears, H., & Byers, E. (2010). Adolescent girls' and boys' experiences of psychologically, physically, and sexually aggressive behaviors in their dating relationships: Co-occurrence and emotional reaction. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 19(5)*, 517-539. <https://doi.org/10.1080/10926771.2010.502097>
- Sylaska, K., & Edwards, K. (2015). Disclosure Experiences of Sexual Minority College Student Victims of Intimate Partner Violence. *Am J Community Psychol, 55*, 326–335.
- Smith, P. (2008). Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry, 49(4)*, 376–385. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2007.01846.x>
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by males and female university students worldwide. *Violence Against Women, 10*, 790-811. <https://doi.org/10.1177/1077801204265552>
- Watson, J. M., Cascardi, M., Avery-Leaf, S., & O’Leary, K. D. (2001). High school students’ responses to dating aggression. *Violence and Victims, 16*, 339-348.
- União de Mulheres Alternativa e Resposta (2016). *Relatório de Imprensa Dados Violência no Namoro 2016*. [Em linha]. Disponível em: http://www.umarfeminismos.org/images/stories/noticias/Estudo_V.Namoro2016_UMAR.pdf [Consultado em 10/10/2018].

Conclusão geral

O fenómeno da violência nas relações de intimidade não é uma problemática recente, contudo, em Portugal, somente a partir do início da década de 90 se começou a verificar uma maior consciencialização sobre a gravidade e dimensão da violência no namoro (Caridade & Machado, 2006). A literatura científica que se ocupou do estudo da violência nas relações de intimidade, focou-se primordialmente em formas mais tradicionais e formais de relacionamento como o casamento e a união de facto, dando pouca visibilidade às relações de namoro. Este atraso na produção de conhecimentos científicos desta problemática deveu-se à pouca padronização da enunciação do conceito de violência no namoro e à sua operacionalização, à necessidade de consentimento dos pais dos jovens em estudo e à inexistência (na altura) de um estatuto legal e autónomo alusivo a este tipo de violência fora dos contextos maritais (Caridade & Machado, 2013).

O principal objetivo da presente dissertação de mestrado era aceder aos motivos que, segundo a perceção das vítimas de violência nas relações de namoro, as influenciam a permanecer e priorizar o silêncio, e nos casos, em que existe pedido de ajuda identificar as fontes de revelação privilegiadas e os comportamentos de ajuda. Sendo esta temática pouco estudada em Portugal, principalmente a violência nas relações de intimidade entre jovens, estes estudos procuraram enriquecer o conhecimento da complexidade da violência no namoro, para que deste modo se possa compreender e melhor atuar junto das vítimas.

Os estudos demonstraram que a maioria das vítimas reportaram ter efetuado um pedido de ajuda, privilegiando as fontes de revelação informais principalmente os amigos. Os amigos ou pares foram percecionados pelas vítimas como os mais adequados para oferecer ajuda devido à sua proximidade, além do mais é na adolescência que os amigos assumem um papel primordial em comparação aos pais (Ferreira, 2000). No entanto, em alguns estudos (e.g., Edward et al., 2011; Renzetti, 1988) mencionaram que os amigos foram percecionados pelas vítimas como os menos prováveis a oferecer bom apoio, com maior probabilidade de julgamentos ou provocar aborrecimentos (Edward et al., 2011; Renzetti, 1988), ademais os participantes mencionaram que lhes foi atribuída a responsabilidade da violência à vítima. As vítimas avaliaram a revelação da situação da violência no namoro como positiva, mencionaram que conseguiram terminar a relação e quebrar o ciclo de reconciliações, bem como aumentar a autoestima. Porém, grande

maioria das vítimas referiram ter vivenciado péssimas experiências aquando a denúncia junto dos órgãos de polícia criminal, apontaram sentimentos de discriminação e banalização da violência sofrida.

Relativamente às barreiras para procurar ajuda e motivos para a permanência na relação abusiva as mais referidas pelas vítimas foram a legitimação da violência e menorização da violência, o sentimento exacerbado pelo/a namorado/a e a crença na mudança de comportamento, a vergonha, a dependência do/a namorado/a, quer seja financeira ou a existência de filhos em comum e por último sentimentos de autculpabilização.

As limitações identificadas na revisão sistemática foram a inexistência da análise de variáveis importantes como a raça/etnia e existência de poucos estudos que abordem o pedido de ajuda em amostra LGBT. A limitação clara do estudo empírico é a dimensão da amostra provocada pelo tempo escasso. O tempo limitado de recolha de dados inerente à realização de uma tese de mestrado nem sempre corresponde com o tempo dos participantes e da sua disponibilidade para colaborar nos processos de investigação.

A informação sistematizada nos estudos podem, seguramente, desempenhar um meio importante na formação dos profissionais que trabalham com vítimas de violência nas relações de namoro, na medida em que um conhecimento mais estruturado acerca dos motivos que levam os jovens a não procurar ajuda e a permanecer na relação abusiva, pode assumir um papel central na proteção das vítimas, nomeadamente na adoção de ações que facilitem o abandono seguro e permanente da relação abusiva, como por exemplo a indicação de um abrigo para vítimas onde estas podem permanecer longe do/a agressor/a, nos casos em as vítimas vivem e dependem do/a namorado/a. Os estudos abordam ainda a quem as vítimas recorrem preferencialmente (amigos), os amigos são muitas vezes jovens imaturos e que não possuem conhecimentos para oferecer um bom apoio na violência no namoro, neste sentido a divulgação e instrução acerca da dimensão da violência nas relações de namoro e as suas repercussões iria precaver casos de banalização da violência e permanência na relação abusiva aquando o pedido de ajuda junto dos amigos.

Referências gerais

- Ashley, S., & Foshee, A. (2005). Adolescent help-seeking for dating violence: Prevalence, sociodemographic correlates, and sources of help. *Journal of Adolescent Health, 36*(1), 25-31. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2003.12.014>
- Arriaga, X. B., & Oskamp, S. (Eds.). (1999). *Violence in intimate relationships*. Thousand Oaks, CA, US: Sage Publications, Inc.
- BDJUR. (2014). *Código Penal*. Coimbra: Edição Almedina.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica, XXIV*(1), 485-493.
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia, XXVII*(1), 91- 108.
- Edwards, K., Dardis, C., & Gidycz, A. (2011). Women’s disclosure of dating violence: A mixed methodological study. *Feminism and Psychology, 22*, 507-517. <https://doi.org/10.1177/0959353511422280>
- Ferreira, P. (2000). Controlo e identidade: A não conformidade durante a adolescência. *Sociologia, Problemas e Práticas, 33*, 55 – 85.
- Fry, A., Messinger, M., Rickert, I., O’Connor, K., Palmetto N., Lessel H., Davidson L. (2014). Adolescent relationship violence: Help-seeking and help-giving behaviors among peers. *Journal of Urban Health, 91*, 320–334. <https://doi.org/10.1007/s11524-013-9826-7>
- Gonçalves, M. (2013). *Namoro na adolescência: atitudes de legitimação de violência e estratégias de resolução de conflitos em adolescentes nos Açores*. Universidade dos Açores.
- Gonzalez-Guarda, R., Ferranti, D., Halstead, V., & Ilias, V. (2016). Experiences with Dating Violence and Help Seeking Among Hispanic Females in Their Late Adolescence. *Issues Ment Health Nurs, 37*(4), 229–238. <https://doi.org/10.3109/01612840.2016.1141341>

- Hickman, L., Jaycox, L., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: prevalence, gender distribution and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence & Violence*, 5, 123-142. <https://doi.org/10.1177/1524838003262332>
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psicologica*, 33, 69-83.
- Matos, M. (2000). *Violência conjugal: o processo de construção da identidade da mulher*. Universidade do Minho: Escola de Psicologia.
- Organización Mundial de la Salud, (2005). *Estudio multipaís de la OMS sobre salud y violencia doméstica*. Ginebra: OMS.
- Organização Mundial de Saúde (2012). *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: Ação e produção de evidências*. [Em linha]. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/3/9789275716359_por.pdf. [Consultado em 06/07/2018].
- Prothrow-Stith, D. & Weissman, M. (1991). *Deadly consequences: How Violence Is Destroying Our Teenage Population and a Plan to Begin Solving the Problem*. HarperCollins New York.
- Sabina, C., & Ho, L. (2014). Campus and college victim responses to sexual assault and dating violence: disclosure, service utilization and service provision. *Trauma, Violence, & Abuse*, 26, 1-26. <https://doi.org/10.1177/1524838014521322>
- Santos, J. (2013). *Violência no namoro: Conceções e percepções dos jovens em função do género*. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.
- Soares, J., Lopes, M., & Njaine, K. (2013). Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: busca de ajuda e rede de apoio. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(6), 1121-1130.
- Renzetti, C. M. (1988). *Violence in gay and lesbian domestic partnerships*. New York: Harrington Park.

Wolfe, D., Wekerle, C., & Scott, K (1997). *Alternatives to violence. Empowering youth to develop healthy relationships*. London: Sage Publications.

Anexos

Anexo A – Avaliação da qualidade dos artigos pela investigadora A e pela investigadora B

Avaliação de qualidade dos artigos pela investigadora A

Artigos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	Total
Mahlstedt & Keeny, 1993	1	2	2	1	2	2	2	1	2	2	2	2	1	22
Renzetti, 1988	1	2	2	1	2	2	2	1	2	2	2	2	1	22
Jackson, Cram & Seymour, 2000	0	2	2	2	2	2	2	1	2	2	2	1	1	21
Watson, Cascardi, Avery-Leaf & O’Leary, 2001	0	1	2	1	2	2	2	1	2	2	2	1	1	19
Amar & Gennar, 2005	1	1	2	2	2	2	2	1	1	2	2	2	1	21
Ashley & Foshee, 2005	1	2	2	2	2	2	1	1	1	2	2	1	1	20
Black, Tolman, Callahan, Saunders & Weisz, 2008	0	2	2	1	2	2	2	1	2	2	2	1	1	20
Próspero & Vohra-Gupta, 2008	0	1	2	1	2	2	2	1	2	2	2	1	1	19
Edward, Dardis, & Gidcys, 2011	1	1	2	1	2	2	2	2	2	2	2	1	1	21
Shen, 2011	0	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	1	22
Boladale, Adesanmi & Olutayo, 2013	0	2	2	1	2	2	2	1	2	2	2	2	1	21
Fry, Messinger, Rickert, O’Connor, Palmetto, Lessel & Davidson, 2014	0	2	2	1	2	1	2	1	1	1	2	2	1	18
Sabina Cuevas & Rodriguez, 2014	0	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	1	22
Hébert, Lavoie, Blais, & Guerrier, 2015	0	2	2	1	2	2	2	1	2	2	2	2	1	21
Rueda, Williams & Nagoshi, 2015	0	2	2	2	2	2	2	1	2	2	2	1	1	21
Sylaska & Edwards, 2015	0	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	1	22
Gonzalez-Guarda, Ferranti, Halstead, & Ilia, 2016	0	1	1	1	2	2	2	1	2	1	2	1	1	17
Ameral, Reed, & Hine, 2017	1	1	2	1	2	2	2	0	2	1	2	1	1	18
Gonzalez-Guarda, Ferranti, Halstead & Ilia, 2017	0	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	1	22
Nichols, Bonomi, Kammes, & Miller, 2018	1	2	2	1	2	2	2	1	2	2	2	2	1	20

Notas. 0- Não reportado/Não especificado; 1-Pouco claro/ Relatado até um certo ponto; 2- Adequadamente feito.

Avaliação de qualidade dos artigos pela investigadora B

Artigos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	Total
Mahlstedt & Keeny, 1993	1	2	2	1	1	2	2	1	2	2	2	1	1	20
Renzetti, 1988	1	2	1	1	2	2	2	1	2	2	1	2	1	20
Jackson, Cram & Seymour, 2000	0	2	2	2	2	2	2	1	2	2	2	1	1	21
Watson, Cascardi, Avery-Leaf & O'Leary, 2001	0	1	2	1	1	2	2	1	2	1	2	1	1	17
Amar & Gennar, 2005	1	1	2	2	2	2	2	1	1	2	2	2	1	21
Ashley & Foshee, 2005	1	2	2	2	1	2	1	1	1	1	2	1	1	18
Black, Tolman, Callahan, Saunders & Weisz, 2008	0	2	2	1	2	2	2	1	2	2	2	1	1	20
Próspero & Vohra-Gupta, 2008	0	1	2	1	2	2	2	1	2	2	2	1	1	19
Edward, Dardis, & Gidcys, 2011	1	1	2	1	1	2	2	2	2	2	2	1	1	20
Shen, 2011	0	2	2	1	1	2	2	2	2	1	2	2	1	20
Boladale, Adesanmi & Olutayo, 2013	0	2	2	1	2	2	2	1	2	2	2	2	1	21
Fry, Messinger, Rickert, O'Connor, Palmetto, Lessel & Davidson, 2014	0	2	2	1	2	1	2	1	1	1	2	2	1	18
Sabina Cuevas & Rodriguez, 2014	0	2	2	1	2	2	1	2	2	1	2	2	1	20
Hébert, Lavoie, Blais, & Guerrier, 2015	0	2	2	1	2	2	2	1	2	2	2	2	1	21
Rueda, Williams & Nagoshi, 2015	0	2	2	2	2	2	2	1	2	2	2	1	1	21
Sylaska & Edwards, 2015	0	2	2	1	2	1	2	2	1	2	2	2	1	20
Gonzalez-Guarda, Ferranti, Halstead, & Ilia, 2016	0	1	1	1	2	2	2	1	2	1	2	1	1	17
Ameral, Reed, & Hine, 2017	1	1	2	1	2	2	2	0	2	1	2	1	1	18
Gonzalez-Guarda, Ferranti, Halstead & Ilia, 2017	0	2	1	1	2	2	1	2	2	1	2	2	1	19
Nichols, Bonomi, Kammes, & Miller, 2018	1	2	2	1	2	2	2	1	1	2	2	2	1	19

Notas. 0- Não reportado/Não especificado; 1-Pouco claro/ Relatado até um certo ponto; 2- Adequadamente feito.

Anexo B - Aprovação pela Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa



Universidade Fernando Pessoa
www.ufp.pt

Das conhecimentos à
aluna e Orientadora(s).7

Inês
15/06/2018

Exma. Senhora
Prof. Doutora Inês Gomes
Diretora da FCHS

Porto, 13 de Junho de 2018

Exma. Senhora Prof. Doutora,

A Comissão de Ética, depois de reapreciado o projeto de investigação de Inês Marmelo Pinheiro, intitulado "Pedidos de Ajuda em Vítimas de Violência no Namoro", realizado no âmbito do 2º Ciclo em Criminologia, considera nada haver a opor à realização do estudo.

Com os melhores cumprimentos,

A Presidente da
Comissão de Ética da UFP

Susana Teixeira Magalhães
Susana Teixeira Magalhães



Fundação Ensino e Cultura "Fernando Pessoa"

ufp | 401 401 | Rua Lameda nº 38 | Comunidade de Fátima | Universidade de Porto
401 2004 - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais | 1 | Faculdade de Ciências e Tecnologia | Praça D. Abel, 341 | 4200-004 Porto-Portugal | T +351 22 507 1020 | F +351 22 530 8999 | geral@ufp.pt
1 | Faculdade de Ciências da Saúde | 1 | Faculdade Superior de Saúde | R. Carlos de Almeida, 276 | 4200-107 Porto-Portugal | T +351 22 507 4600 | F +351 22 537 4612 | B. Desportiva, 204 | 4200-231 Porto - Portugal
1 | +351 22 508 6201 - geral@saudeufp.pt | UNICASL de Ponte de Lima - Casa da Saúde | R. Centro de Bem-estar | 4990-078 Ponte de Lima-Portugal | T +351 258 743 626 | F +351 258 743 412 | geral@unicalcasl.pt

Anexo C - Questionário Sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico

(Pinheiro & Caridade, 2017)

N.º de Questionário

Antes de dar início à nossa conversa, gostaria que preenchesse este pequeno questionário. Não existem respostas certas, nem erradas.

Não deve colocar o seu nome real no questionário para assegurar o anonimato dos dados fornecidos.

Nome Fictício _____

1. Caracterização pessoal

1.1. Sexo: (1) Masculino
 (2) Feminino

1.2. Idade: Anos

1.3. Habilitações literárias

<input type="checkbox"/>	(1) 1º ao 4º ano
<input type="checkbox"/>	(2) 5º ao 9º ano
<input type="checkbox"/>	(3) 10º ao 12º ano
<input type="checkbox"/>	(4) Ensino Universitário
<input type="checkbox"/>	(5) Outro

1.4. Orientação sexual:

<input type="checkbox"/>	(1) Heterossexual
<input type="checkbox"/>	(2) Homossexual
<input type="checkbox"/>	(3) Bissexual

Anexo D – Declaração de Consentimento Informado para os Jovens Maiores de idade

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDOS DE INVESTIGAÇÃO

Exmo/a Sr.^a

No seguimento dos trabalhos a desenvolver no âmbito do Mestrado em Criminologia, na Universidade Fernando Pessoa e sob orientação da Professora Doutora Sónia Caridade, venho por este meio solicitar a sua participação na realização do estudo intitulado “Pedido de Ajuda em Vítimas de Violência no Namoro”.

O presente estudo tem como objetivos identificar e compreender os fatores facilitadores do pedido de ajuda, bem como aquelas que, não raras vezes, bloqueiam a revelação da situação abusiva. Para tal, será administrado uma entrevista semiestruturada individual a jovens que sofreram ou sofrem de violência nas suas relações de intimidade, que decorrerá durante cerca de uma hora e meia. Este encontro, entre a investigadora e o/a jovem, será concretizado num local confortável, privado e seguro para estes. Trata-se de uma participação VOLUNTÁRIA, não havendo lugar a qualquer tipo de remuneração por parte da investigadora do estudo.

Não se antecipam quaisquer riscos associados à participação nesta investigação, do mesmo modo que não haverá vantagens diretas para os participantes. Todavia possibilitará o conhecimento dos fatores facilitadores e bloqueadores no pedido de ajuda e compreensão das dinâmicas que lhes estão associadas, podendo a partir dos dados delinear-se medidas de melhoria e progressos nos diferentes recetores dos pedidos de ajuda.

Relativamente aos dados fornecidos, estes serão registados em suporte papel e digital (sonoro) e a sua utilização será única e exclusivamente para o estudo em questão, sendo garantida a CONFIDENCIALIDADE e total ANONIMATO destes, garantindo, em qualquer caso, que a identificação dos participantes NUNCA será tornada pública. Os dados fornecidos na entrevista serão guardados num local seguro durante a análise e interpretados e DESTRUÍDOS aquando a conclusão da investigação.

A investigadora,
Inês Pinheiro (933259598)

Eu, _____, ter lido e compreendido este documento acerca do estudo “Pedido de Ajuda em Vítimas de Violência no Namoro” que se tenciona realizar, tendo sido dada a oportunidade de fazer as perguntas que julgei necessárias, e de todas obtiveram resposta satisfatória. Ademais foi garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar a minha participação neste estudo sem qualquer tipo de consequências.

Desta forma, aceito participar neste estudo e permito os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro) dos dados que de forma voluntária forneça, confiando que estes apenas serão utilizados única e exclusivamente para investigação, sendo guardados em local seguro e destruídos após a sua conclusão, e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Data ___/___/20___

Assinatura do/a participante _____

Assinatura da investigadora _____

Anexo E – Declaração de Assentimento para Participação dos Menores de Idade

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDOS DE INVESTIGAÇÃO

Exmo/a Sr.ª

No seguimento dos trabalhos a desenvolver no âmbito do Mestrado em Criminologia, na Universidade Fernando Pessoa e sob orientação da Professora Doutora Sónia Caridade, venho por este meio solicitar a sua participação na realização do estudo intitulado “Pedido de Ajuda em Vítimas de Violência no Namoro”.

O presente estudo tem como objetivos identificar e compreender os fatores facilitadores do pedido de ajuda, bem como aquelas que, não raras vezes, bloqueiam a revelação da situação abusiva. Para tal, será administrado uma entrevista semiestruturada individual a jovens que sofreram ou sofrem de violência nas suas relações de intimidade, que decorrerá durante cerca de uma hora e meia. Este encontro, entre a investigadora e o/a jovem, será concretizado num local confortável, privado e seguro para estes. Trata-se de uma participação VOLUNTÁRIA, não havendo lugar a qualquer tipo de remuneração por parte da investigadora do estudo.

Não se antecipam quaisquer riscos associados à participação nesta investigação, do mesmo modo que não haverá vantagens diretas para os participantes. Todavia possibilitará o conhecimento dos fatores facilitadores e bloqueadores no pedido de ajuda e compreensão das dinâmicas que lhes estão associadas, podendo a partir dos dados delinear-se medidas de melhoria e progressos nos diferentes recetores dos pedidos de ajuda.

Relativamente aos dados fornecidos, estes serão registados em suporte papel e digital (sonoro) e a sua utilização será única e exclusivamente para o estudo em questão, sendo garantida a CONFIDENCIALIDADE e total ANONIMATO destes, garantindo, em qualquer caso, que a identificação dos participantes NUNCA será tornada pública. Os dados fornecidos na entrevista serão guardados num local seguro durante a análise e interpretados e DESTRUÍDOS aquando a conclusão da investigação.

A investigadora,
Inês Pinheiro (933259598)

Eu, _____, ter lido e compreendido este documento acerca do estudo “Pedido de Ajuda em Vítimas de Violência no Namoro” que se tenciona realizar, tendo sido dada a oportunidade de fazer as perguntas que julgei necessárias, e de todas obtiveram resposta satisfatória. Ademais foi garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar a minha participação neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro) dos dados que de forma voluntária forneça, confiando que estes apenas serão utilizados única e exclusivamente para investigação, sendo guardados em local seguro e destruídos após a sua conclusão, e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Data ___/___/20___

Assinatura do/a participante _____

Assinatura da investigadora _____

Anexo F – Declaração de Consentimento Informado para os Responsáveis Legais

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDOS DE INVESTIGAÇÃO

Exmo/a Sr.ª

No seguimento dos trabalhos a desenvolver no âmbito do Mestrado em Criminologia, na Universidade Fernando Pessoa e sob orientação da Professora Doutora Sónia Caridade, venho por este meio solicitar a participação do/a menor/a sob sua tutela na realização do estudo intitulado “Pedido de Ajuda em Vítimas de Violência no Namoro”.

O presente estudo tem como objetivos identificar e compreender os fatores facilitadores do pedido de ajuda, bem como aquelas que, não raras vezes, bloqueiam a revelação da situação abusiva. Para tal, será administrado uma entrevista semiestruturada individual a jovens que sofreram ou sofrem de violência nas suas relações de intimidade, que decorrerá durante cerca de uma hora e meia. Este encontro, entre a investigadora e o/a jovem, será concretizado num local confortável, privado e seguro para estes. Trata-se de uma participação VOLUNTÁRIA, não havendo lugar a qualquer tipo de remuneração por parte da investigadora do estudo.

Não se antecipam quaisquer riscos associados à participação nesta investigação, do mesmo modo que não haverá vantagens diretas para os participantes. Todavia possibilitará o conhecimento dos fatores facilitadores e bloqueadores no pedido de ajuda e compreensão das dinâmicas que lhes estão associadas, podendo a partir dos dados delinear-se medidas de melhoria e progressos nos diferentes recetores dos pedidos de ajuda.

Relativamente aos dados fornecidos, estes serão registados em suporte papel e digital (sonoro) e a sua utilização será única e exclusivamente para o estudo em questão, sendo garantida a CONFIDENCIALIDADE e total ANONIMATO destes, garantindo, em qualquer caso, que a identificação dos participantes NUNCA será tornada pública. Os dados fornecidos na entrevista serão guardados num local seguro durante a análise e interpretados e DESTRUÍDOS aquando a conclusão da investigação.

A investigadora,
Inês Pinheiro (Contacto: 933259598)

Eu, _____, responsável legal de _____, declaro ter lido e compreendido este documento acerca do estudo “Pedido de Ajuda em Vítimas de Violência no Namoro” que se tenciona realizar, tendo sido dada a oportunidade de fazer as perguntas que julgei necessárias, e de todas obtiveram resposta satisfatória. Ademais foi garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participação do/a menor/a neste estudo sem qualquer tipo de consequências.

Desta forma, aceito que o/a menor/a sob a minha tutela participe neste estudo e permito os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro) dos dados que de forma voluntária forneça, confiando que estes apenas serão utilizados única e exclusivamente para investigação, sendo guardados em local seguro e destruídos após a sua conclusão, e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Data ___/___/20___

Assinatura do/a responsável legal_____

Assinatura da investigadora_____

Anexo G – Guião de Entrevista Individual

Guião de Entrevista Individual

(Pinheiro & Caridade, 2017)

Abertura

Queria, antes de conversarmos, agradecer a sua presença e disponibilidade para participar neste estudo sobre um tema que tem sido muito destacado. Todas as informações e dados fornecidos no decorrer desta entrevista são anónimos e confidenciais, motivo pelo qual lhe pedi que pense num nome fictício pelo qual gostaria de ser tratados no decorrer da entrevista, de forma a que não seja identificado. Recordo ainda que se sentir desconfortável com alguma pergunta, poderá sempre optar por não responder.

O objetivo deste encontro é discutir e perceber um pouco melhor o fenómeno da violência no namoro, mais concretamente explorar os motivos que estarão subjacentes à não denúncia desta problemática e identificar as situações que levam à denúncia e junto quem é que esta é feita. Este trabalho enquadra-se na tese de mestrado que estou a realizar na Universidade Fernando Pessoa, sob a orientação da Professora Doutora Sónia Caridade.

Suscitar sempre o debate e a diversidade de opiniões, induzindo a demonstração de exemplos de situações concretas vividas ou testemunhadas, ou de que se ouviu falar, sempre que possível.

Conceito de n(amor)o

- O que entende por relação de namoro?
- Como define a relação íntima entre duas pessoas?

Violência na relação de namoro e dinâmicas

- Que formas de violência existem? Pedir exemplos práticos.
- Sabe se esta é uma realidade muito frequente entre os jovens?
- O que acha que leva um jovem a recorrer ao uso da violência?
- Quais as consequências que o uso da violência pode ter nos jovens que a usam? E quais são as consequências nas vítimas?

Caraterização da relação abusiva

- Gostaria que falasse da(s) relação que o/a trouxe a este estudo. Peço que indique em que idade começou a(s) relação, quanto tempo durou, quando ocorreu o primeiro comportamento anormal e assim como outros comportamentos abusivos que queira revelar.

Permanência na relação violenta

- Quais foram os motivos que o/a prendeu a permanecer na relação abusiva?
- Quais são os motivos que o/a impediram de pedir ajuda após a violência sofrida?

Revelação da situação de Violência no Namoro

- Procurou ajuda ou desabafou com alguém? Em que fase procurou ajuda?
- Quais foram as pessoas ou entidades que procurou ajuda?
- Qual foi o motivo que o/a levou à escolha dessa pessoa ou entidade?
- Que tipo de apoios foram dados por esse tipo de revelação?
- Na sua opinião, a quem se deve denunciar a violência? Porquê?
- Que sexo acha que teria mais facilidade em denunciar? Porquê?

Eficácia do Pedido de Ajuda

- Acha que o facto de denunciar os comportamentos violentos ou pedir ajuda é positivo ou negativo? Porquê?
- Acha que os familiares, amigos e outros, podem dar bom apoio nesta matéria? Porquê?
 - Acha que eles estão capacitados de conhecimento desta matéria para prestar um bom apoio?
- Acha que os técnicos de apoio psicológico, social e de saúde, polícias, e outros podem dar bom apoio nesta matéria? Porquê?
 - Acha que eles estão capacitados de conhecimento desta matéria para prestar um bom apoio?